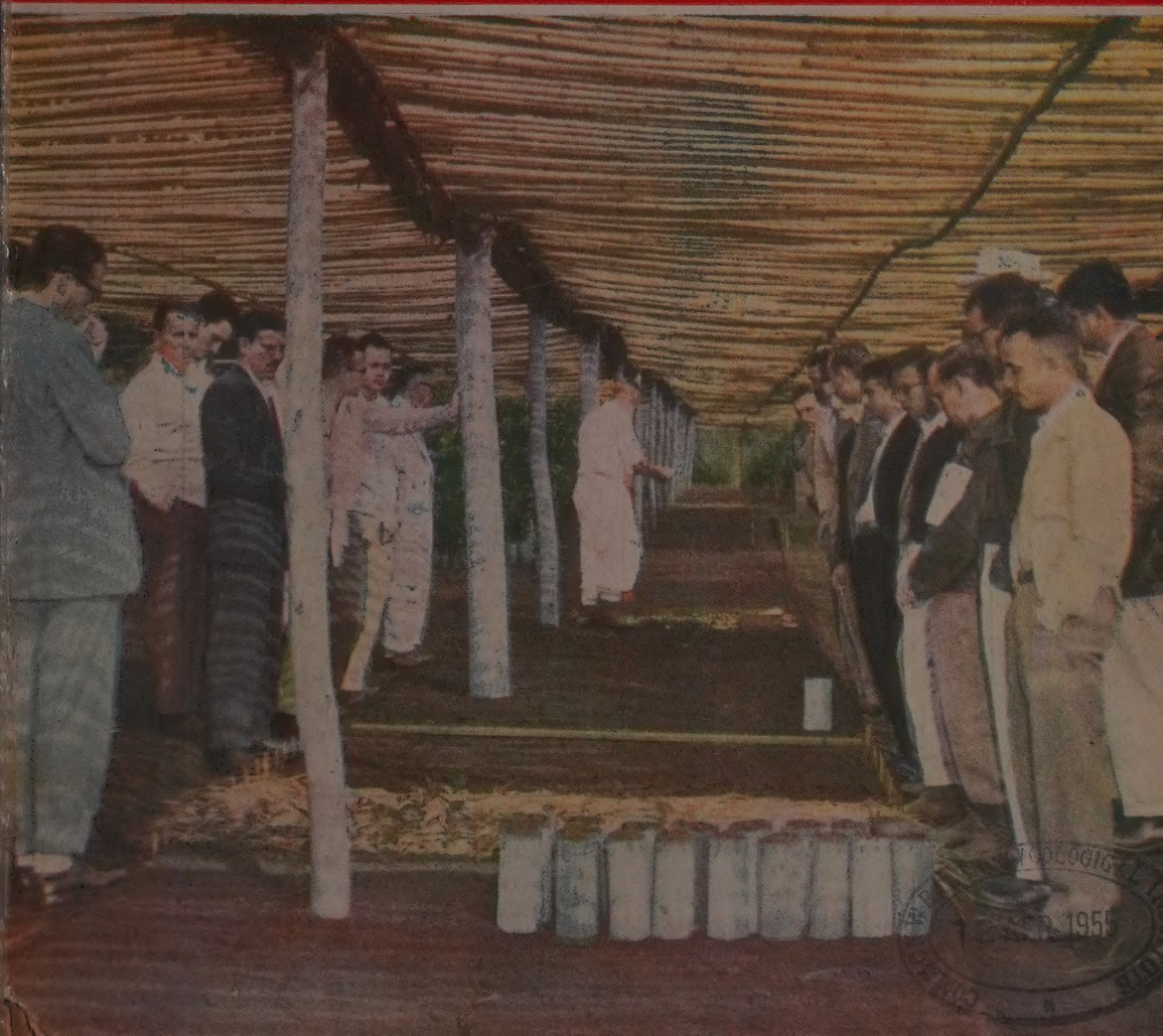
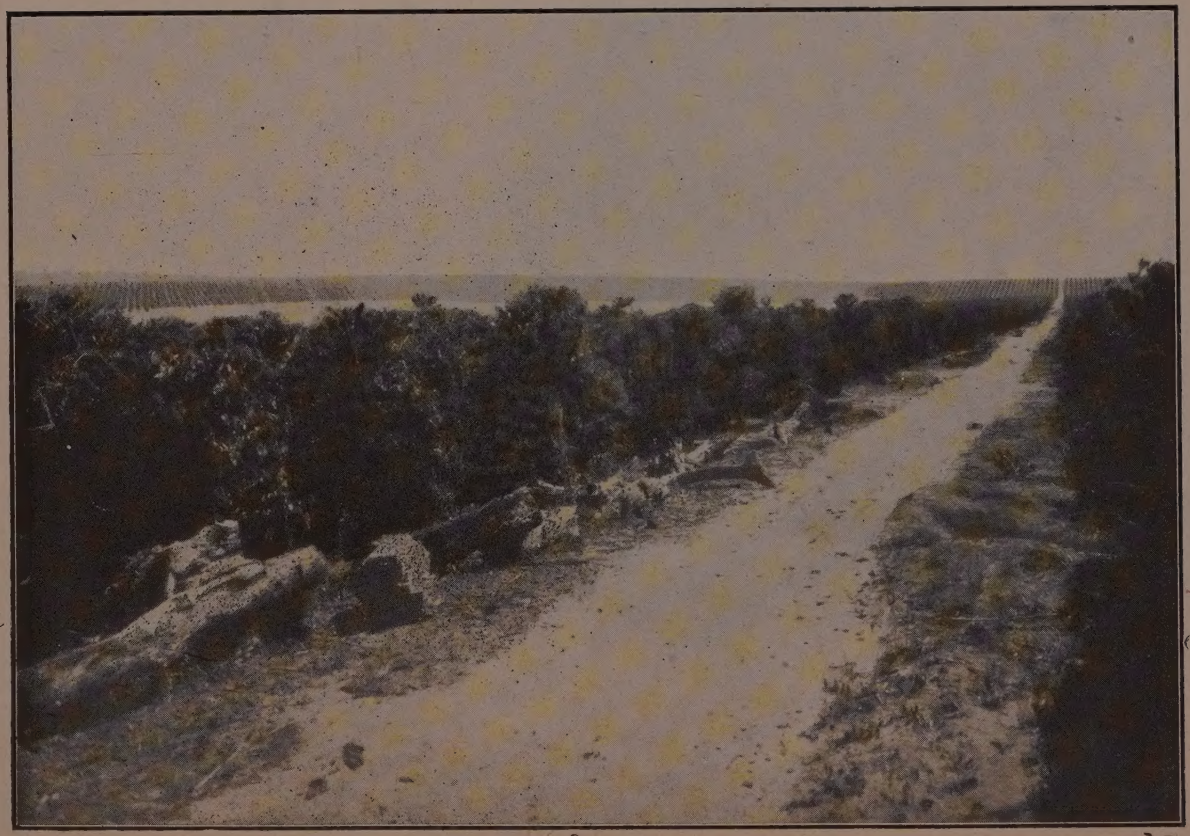
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO ★ BRASIL
ANO XXIX ★ JULHO DE 1954 ★ N.º 329





Boletim da Superintêndencia dos Serviços do Café

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXIX | JULHO DE 1954 | Número 329

Sumário

COLABORAÇÃO:

O papel do café na civilização brasileira — J. Testa

Adubação e irrigação do cafèeiro — J. Bemelmans

Nota sôbre a aplicação de "Nugreen" a fôlhas de cafèeiros apresentando sintomas de carência de nitrogênio — Heli Camargo Mendes e Coaracy M Franco

Sugestões para uma lei de plantio racional das novas lavouras de café e da proteção do solo nas lavouras já formadas — João Quintiliano de A. Marques

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Com a instalação da sua Junta Administrativa entrou o Instituto Brasileiro do Café em nova fase de sua vida

O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — Junho)

"Não tenhamos medo do café solúvel, ao contrário, procuremos produzí-lo"

ESTATÍSTICA:

NOSSA CAPA: No **Instituto Agronômico,** em Campinas, realizou-se, há pouco, com a colaboração de diversas outras entidades, um "Curso pós-graduado de Cafeicultura", a que nos referimos em nosso Boletim anterior (n.o 327) e de que daremos, ainda, detalhadas referências.

No clichê que ilustra nossa primeira capa vemos uma aula prática de preparo de viveiros e técnica de semeação e transplantação. (Foto por obséquio do jornal O TEMPO).

seque o seu café

mesmo que chova!

SIGA O
EXEMPLO DE 225
FAZENDEIROS
QUE USAM O

SECADOR
MOREIRA
PARA CAFÉ

- Constitui sua própria casa
- Funcionando após 10 dias de seu pedido
- Montagem GRATUITA
- Elimina a broca do café

- Faz em horas o trabalho de dias no terreiro
- Simples e de fácil controle
- Economisa a mão de obra
- Paga-se por si mesmo
- Assistência técnica permanente

Solicite-nos os nomes dos 225 fazendeiros que usam o ***SECADOR MOREIRA*** *e folhetos técnicos sem compromisso.*

Americo

INDÚSTRIA DE MÁQUINAS MOREIRA S.A.

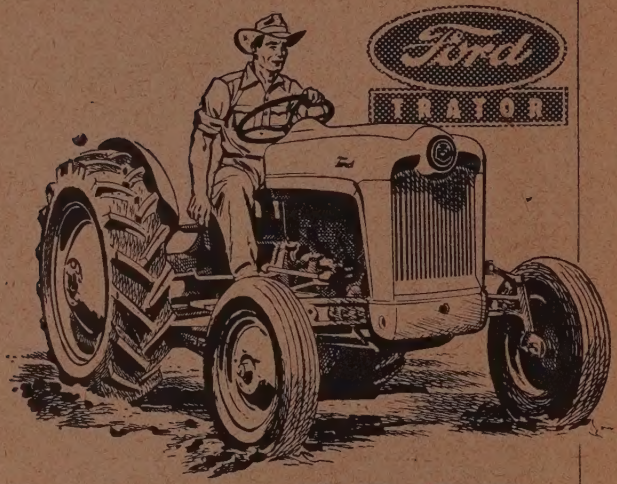
Rua Assis, 100 - Barra Funda - Fone: 51-2381 - End. Teleg. "SECADORES" - São Paulo

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

Pedimos avisar qualquer alteração de enderêço.

Um trator que rende mais!
Trabalha o ano inteiro!



Trator FORD

para todos os serviços da fazenda!

Um trator que V. usa apenas em 4 ou 5 meses do ano é capital parado, que não rende juros! Mas só um trator com uma linha completa de implementos, como o Trator Ford, pode ser utilizado durante o ano inteiro! Para qualquer serviço há sempre um implemento Ford — pronto para trabalhar mais depressa e a menor custo! Consulte o seu Revendedor Ford para escolha dos implementos indispensáveis ao maior rendimento do seu TRATOR FORD.

E para sua garantia...

ASSISTÊNCIA MECÂNICA E PEÇAS EM TODO O PAÍS

FORD MOTOR COMPANY

SÃO PAULO

CULTIVO

PLANTIO

CORTE DE FORRAGENS

ARAÇÃO

COLHEITA

ATERROS

TRANSPORTE

CONSERVAÇÃO DE ESTRADAS

O papel do café na civilização brasileira

SUA IMPORTÂNCIA NO PLANALTO DE PIRATININGA

(Em comemoração ao IV Centenário de São Paulo)

J. TESTA

(Da Superintendência do Café)

E' de tal fórma empolgante acompanhar a história e mesmo a economia do café, nas suas marchas e contra-marchas pelas terras do Brasil, principalmente no planalto de Piratininga, que essa história e essa economia se despem da rudeza da ciência para atingir quase o encanto da lenda e da literatura. Tem algo de maravilhoso, realmente, a conquista dos sertões e a criação dêste oceano de cafèzais que tem deslumbrado a homens de pensamento e de ação, brasileiros e estrangeiros, poetas e economistas. E, descrevendo-as, não se pode evitar, em meio à serenidade prática da linguagem, um toque de idealismo.

Há pouco mais de dois séculos penetrou o café no Brasil. E, em S. Paulo, onde, excetuadas algumas esporádicas plantações, só teria entrado cêrca de 1.780, por Areias ou Bananal, procedente de Rezende, não chega a contar dois séculos. Nêsse pequeno lapso de tempo entretanto, em sua aventurosa marcha de leste a oeste e depois de norte a sul, foi o campeão dos pioneiros e o maior de nossos imigrantes. Plantou centenas de cidades, distribuiu bilhões de cruzeiros, e dêle sé poderia dizer, como disse Bilac de Fernão Dias, que, "como um Deus, fecundava o deserto".

* * *

Não seria fácil apurar, em cifras, o papel do café na construção dêste S. Paulo de hoje. Mas, se o montante real é difícil, muito mais fácil é constatar que nêstes quase dois séculos de seu predomínio fez êle muito mais, por S. Paulo, que tôdos os outros fatores reunidos: Passando-os em revista — os canaviais de S. Vicente, as primitivas fábricas de marmelada do planalto anchietano, a caça ao ouro e ao índio, às esmeraldas e diamantes, o pastoreio, as tropas, as culturas de cereais, vemos quão dominante foi o papel da rubiácea, alicerçada numa terra fértil, num clima suave e baseada em pioneiros dinâmicos e imigrantes operosos e robustos.

Não seria preciso dizê-lo, porque se trata de fato conhecido, que em S. Paulo as estradas de ferro marchavam na esteira do café. Enquanto ia na frente a turma de desbravadores — caçando índios e feras, derribando, plantando, colhendo, os trilhos de aço vinham logo atrás, acompanhando a arrancada. E nem seria preciso afirmar, também, que pelo café se construiu o porto de Santos. Mais tarde, foram os capitais propiciados pelo café que se voltaram para esta encruzilhada feliz dos caminhos do mar, de Sorocaba e de Santo André, para êste bastião colocado pelos jesuitas a cavaleiro do Tietê, do Anhangabaú e do Taman-

duateí, para, num trabalho de apenas meio século, transformá-la numa das cidades mais vivas, mais próspera, mais borbulhantes do planeta.

* * *

Tem sido enorme, entre nós, essa predominância do café em tôdos os terrenos: o econômico, o financeiro, o político e mesmo o sociológico. Desde 1836, acentuam os estudiosos do problema, já começava a se firmar a predominância das exportações cafeeiras da província, predominância essa que alguns decênios mais tarde era absoluta chegando a representar mais de três quartas partes de tôda a exportação paulista. Apresentava o café, em 1836, em S. Paulo, uma produção de 130.000 sacas. Cem anos mais tarde, em 1936, a produção chegava à média de 15.000.000, ou sejam 115 vezes mais. Muitos milhões de pessoas, em S. Paulo .. (75.000 fazendas) vivem atualmente do café — produção, preparo, transporte, venda.

Nas finanças, evidentemente, sua ascendência tem corrido parelhas com essa predominância econômica: base do câmbio, base dos orçamentos, o café chegou a ser o *fac-totum*, no Brasil e especialmente em S. Paulo.

Politicamente, foi a rubiácea, durante muito tempo, a maior força do país. A política do "café com leite" desenvolvida na República e que pràticamente já vinha desde o tempo do segundo Império, foi encontrar no café o sustentáculo financeiro da guerra do Paraguai. E nêle se apoiaram — ou mesmo contra êle se originaram, como em 1888 e em 1930, — muitos e diversos e poderosos movimentos de opinião.

* * *

Se, por um lado, decorreu da borracha a colonização da maior parte da Amazônia, principalmente o Acre; se foram o ouro e as pedras preciosas que descobriram e povoaram Minas Gerais; se foi o gado que encheu de currais e de estâncias os chapadões do Piaui, do S. Francisco e os pampas rio-grandenses; se se originou do cacáu o povoamento da região sul da Bahia e se foram o mate o pinho que conquistaram a região oriental do Paraná, cabe acentuar, sem a menor dúvida, que ao café se deve a expansão econômica e demográfica de quase tôdo o Estado de S. Paulo, da mata mineira, do norte paranàense, de quase tôdo o Estado do Rio e da maior parte do Espírito Santo, bem como de muitas áreas de vários outros Estados de menor produção cafeeira, como Goiás, Mato-Grosso, Bahia, Pernambuco, Ceará e Santa Catarina. O desbravamento e integração, na economia do país, da maioria dessas regiões, não se teria feito, ou muito difícil e lentamente se teria conseguido, sem o café. Foi êle que, avançando na ponta dos trilhos das ferrovias ou na extremidade das últimas estradas e dos últimos caminhos, desbravou e colonizou um terço da terra utilizada, no país, como ainda hoje acontece no setentrião paranaense e na região espírito-santense ao norte do rio Doce.

* * *

Sociològicamente foi também o café um criador, plasmando caractéres, dando origem a um novo sentido econômico de vida, permitindo novas iniciativas baseadas no poder financeiro, originando um espírito de pioneirismo que, embora seja, no fundo, o mesmo que guiou a caça ao índio e ao ouro, a exploração do páu brasil e a formação dos currais de gado, reveste, até certo ponto, características novas, de mais estabilidade e de mais especialização. Seu papel sociologico foi, assim, considerável em todo o centro-sul do país, e não é o menor de seus trabalhos nesse senti-

do o que se prende à atração e fixação de outras correntes de sangue para o caldeamento da população brasileira, paulista principalmente. A atração e fixação do italiano nos cafèzais de S. Paulo foi obra do café e nunca é demais salientar o imenso papel que tiveram os peninsulares nas características étnicas, culturais e econômicas do Estado. Responsável foi o café, na sua região econômica, por novos processos de vida. Fixando à terra muito mais numerosas pessoas que a fazenda de gado, dando-lhes um melhor padrão de vida, o café propiciou o encaminhamento e a solução de numerosos problemas. E, ensejando uma sólida base econômica e financeira, forneceu os meios necessários à industrialização paulista e, posteriormente, foi à sombra do seu poderio que se desenvolveram, em S. Paulo e nas regiões geo-econômicas vizinhas, a lavoura algodoeira e a nova e próspera lavoura canavieira, bem como outras atividades menores porém, coletivamente, de grande valia.

* * *

Não há dúvida de que foi eminentemente civilizadora a grande arrancada do café através do território brasileiro, marcha que chega a ter, por vezes, um sentido mais épico que econômico. Foi um novo bandeirismo êsse que seguiu, dois séculos após os primeiros portuguêses, a linha de Tordesilhas. Há, sem dúvida, uma *civilização do café*, que floresceu principalmente nos Estados do Rio, Minas, São Paulo e atualmente no Paraná. Ela deu à nobreza imperial um terço do total de seus titulares. E instituiu peculiaridades marcantes na fisionomia das populações, deixando também um sinal evidente de sua passagem no próprio *facies* geográfico das regiões que percorreu. No tempo e no espaço, o café deixou seu indelével sinete em tôda essa região central do Brasil, vasta área de mais de 700.000 quilômetros quadrados e onde se concentra cêrca de metade da população brasileira e três quartas partes da sua potencialidade econômica.

* * *

Com referência à cidade de S. Paulo, não resta a menor dúvida de que foi primacial o papel representado pelo café em relação ao seu espetacular progresso.

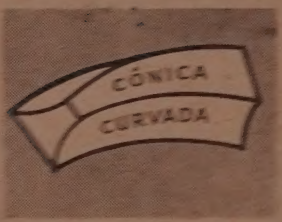
As solenidades com que comemora o seu IV Centenário, esta Exposição Internacional e tôdos os Congressos que tiveram por séde a metrópole paulista, só poderiam ter como cenário um ambiente bem mais modesto, não fôra a interferência preponderante do café.

Tivesse a capital bandeirante que se desenvolver prescindindo do café e dos capitais que êle facultara e do braço operoso e disciplinado que êle atraira de além dos mares, e por certo muito mais demorado seria seu desenvolvimento. Os outros elementos de progresso, ela os teria: sua colocação privilegiada, seu clima europeu, o espírito pioneiro de seus maiores, a criação do parque elétrico da Ligth. Mas, tudo isso, sem aquêles elementos que o café permitiu, e, principalmente, sem os mercados que por meio da riqueza cafeeira se abriam nas fazendas e cidades do interior, prontos sempre a adquirir tudo o que produzia e importava a metrópole, seria mais difícil e mais demorado.

Se, pois, extraordinária foi a contribuição do café, sob todos os pontos de vista, para o desenvolvimento do país, principalmente S. Paulo, inestimável foi o seu papel no desenvolvimento da metrópole paulista, hoje uma das maiores cidades do globo, florão da América e do mundo latino.

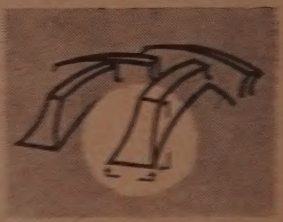
Coisas importantes

que todo lavrador precisa saber antes de comprar um pneu para trator!



Barras cônicas e curvadas

Para penetrar com facilidade no solo, mais profundamente..., e assegurar máxima força de tração.

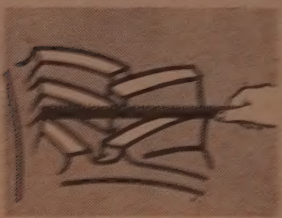


Ombros maiores e mais robustos

Para maior superfície de contato com o solo, para maior agarre... para desgaste mais lento e por igual!

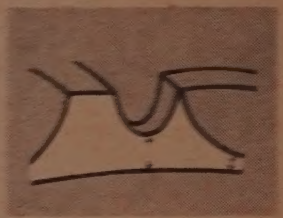
Barras abertas para fora

Para evitar acúmulo de terra e promover a ação automática do auto-limpeza!



Banda de rodagem mais larga e plana

Para maior área de tração nos barros, assegurando ao mesmo tempo tração em todo a largura da banda de rodagem e maior durabilidade.



Junções super-reforçadas entre os elementos de tração

Para evitar flexão excessiva das barras e eliminar o excessivo castigo das extremidades das barras sôbre a carcaça.

Duplo proteção contra pancadas

Lonas suplementares para absorver também os mais rijos impactos!

Para obter um pneu de trator com tôdas estas características, sem qualquer acréscimo no preço, exija

Firestone

CHAMPION Ground-Grip

Centro aberto

DO RENDIMENTO DOS SEUS PNEUS DEPENDE TAMBÉM O CUSTO DO TRABALHO!

ADUBAÇÃO E IRRIGAÇÃO DO CAFEEIRO

J. BEMELMANS
Engenheiro Agrônomo

Examinando o que se tem feito e escrito a respeito da irrigação, vamos procurar recapitular alguns pontos mais importantes.

1 — A irrigação deve ser aplicada em cafezal de boa constituição, capaz de produzir safra grande. Ela é satisfatoriamente econômica em lavouras bem tratadas, defendidas contra a erosão, e bem adubadas (5).

2 — Em trabalhos notáveis, os agrônomos especialistas do Instituto Agronômico de Campinas (4-5) determinaram a água transpirada pelo cafeeiro em Campinas e cujos resultados foram:

QUADRO I

Transpiração do Cafeeiro

Equivalência em mm de queda pluviométrica considerado o espaçamento de 3,5 x 3,5 metros.

MES	Coberta do solo mm.	CULTIVADO A SÔCA			Normal pluviométrica de Campinas em 30 anos
		Cafeeiro	*Ingazeiro*	*Total*	
Janeiro	50	40.0	41.6	81.6	244.6
Fevereiro	41	32.8	40.9	73.7	205.9
Março	51	40.8	52.2	93.0	149.3
Abril	50	40.0	44.4	84.4	60.4
Maio	53	42.4	57.4	99.8	50.7
Junho	36	28.8	49.3	78.1	45.9
Julho	39	31.2	59.7	90.9	38.0
Agôsto	46	36.8	75.6	112.4	34.5
Setembro	56	44.8	58.0	102.8	71.3
Outubro	56	44.8	58.5	103.3	118.1
Novembro	63	50.4	60.0	110.4	155.6
Dezembro	52	41.6	48.2	89.8	225.2
Total	593	476.4	644.9	1.120.4	1.391.3

(1) — Calculado em 80% da transpiração do cafeeiro ao sol.
(2) — Considerando-se o espaçamento de 10,5 x 10,5 metros.

3 — Os vários técnicos concordam em que o cafeeiro precisa em média, nos meses de sêca (maio a setembro) de 50 a 60 mm de água (50 a 60 lts por métro quadrado).

Não devemos todavia esquecer que uma espécie de descanço fisiológico do cafeeiro em junho, julho e parte de agosto, parece necessário às variedades mais cultivadas.

O Quadro n.º I parece aliás indicar essa diminição da vegetação, esse fato merece pois investigações durante 3 a 5 anos.

A êste respeito o especialista Olov NAAS, contratado pelo Instituto Agronômico escreve: (10).

"Parece que um tempo sêco durante o período de repouso é quase uma vantagem para a próximâ floração. Esta dá-se 8 a 10 dias depois do umedecimento do solo".

4 — A irrigação mais aconselhável para o cafeeiro, cujas plantações se localizam em terrenos geralmente de grande porosidade (terra roxa, arenito de Baurú) é a irrigação por aspersão, de multiplas vantagens, embora as perdas por evaporação direta, podem alcançar 20% da água (15), especialmente em tempo sêco do inverno.

5 — A irrigação deve sempre ser complementar das chuvas caídas e não deve provocar em terras ácidas, perdas de água por infiltração profunda, fora do alcance das raizes do cafeeiro (17).

A água em excesso é tão prejudicial como a sua falta (3).

Na prática o especialista NAAS aconselha (10) asperções de 70 a 80 mm em terra roxa, e 20 a 30 mm em terra arenosa (Baurú), sendo o ideal umedecer 40 a 50 cm em profundidade.

6 — O prof. F. E. PRICE (12) recomenda aplicações cada três semanas, de 50 mm de água em solo comum e de 33 mm em solo arenoso, descontando sempre as chuvas caídas, e diminuindo essas quantidades em caso de topografia menos favorável.

A profundidade alcançada pela irrigação deve ser verificada cada vez, de 2 a 4 horas após a operação, anotando-se cuidadosamente os resultados, os locais, o tempo decorrido, a água fornecida, etc.

O local da amostragem será escolhido cuidadosamente, representando a média típica do solo da área considerada.

Uma cavadeira para mourões serve bem para retirada da amostra.

7 — Um ponto muito importante em irrigação em zona árida, é o teor em sais, da água utilizada.

Escreve o técnico americano SCOFIELD (13).

"Alguns dos elementos dissolvidos na água de irrigação, tais como potássio e nitratos, podem beneficiar diretamente as plantas. Outros, como o cálcio e o magnésio podem em certas condições terem um efeito benéfico sôbre as condições físicas do solo. Mas as águas contém outros sais: cloretos, sulfatos e sódio por exemplo, que são raramente benéficos ao solo ou às culturas, e em concentrações maiores são prejudiciais."

A relação entre o sódio (NA) e o cálcio (Ca) mais o magnésio (Mg) na água de irrigação, quando salobra, não deve ser muito diferente de 1:1 (17). Calcula-se essa relação como segue:

$$\text{Relação:} \quad \frac{\dfrac{\text{p.p.m.Na}}{23}}{\dfrac{\text{p.p.m.Ca}}{20} + \dfrac{\text{p.p.m.Mg}}{12{,}16}}$$

8 — Outro ponto muito importante em qualquer zona é o teor em húmus (e matéria orgânica) do solo.

Em artigos anteriores (1 e 2) já lembramos a importância do húmus para a boa estrutura física do solo.

Essa estrutura é indispensável para o desenvolvimento das plantas. Sem porosidade do solo as raizes não podem crescer livremente, a planta fica estacionária, não é possível aumento da colheita, aumento que é sempre o resultado da combinação de vários fatores, entre eles: origem genética, água, alimentação, estado sanitário. Água e alimentação suficiente, só são possíveis em solos fisicamente acondicionados.

Temos uma idéia da necessidade da porosidade do solo quando examinamos os algarismos abaixo, dos trabalhos recentes de DITTMAR e SIR RUSSELL, citados pelo Prof. Vageler (20).

QUADRO II

Radicelas por hectare em 15 centímetros de profundidade

	Número	*Comprimento mm*	*Superficie p/radicela mm.2*	*Superficie total*
Soja	12,00 X 10^{12}	0,05	0,004	5,7 hectares
Aveia	13,2 X 10^{12}	1,20	0,054	71,5 "
Trigo	26,3 X 10^{12}	1,20	0,052	160,7 "
Blue grass	108,4 X 10^{12}	0,91	0,031	330,7 " (*)

Para o cafeeiro, NUTMAN (11) encontrou 463 m2 em média, por pé ou 46,3 hectares por hectare.

A superfície total dessas radicelas é o fator básico na alimentação das plantas, pois é a superficie de absorção das soluções do solo, isto é da água disponível carregada de elementos alimentícios.

(*) Blue grass (Poa pratensis) é uma gramínea de sistema radicular normal — Sua enorme superfície da radicelas explica em parte a grande concorrência que fazem as ervas daninhas e o fracasso obtido pela ceifa das mesmas como medida de proteção do solo em cafèzais ou pomares, pois uma superfície de absorção de raízes 7 vêzes maior do que o cafeeiro, enquanto a soja por exemplo a tem 8 vêzes maior.

Esse consumo de água pelo vegetal varia com a temperatura, a umidade do solo, a umidade do ar, a espécie de vegetal, sua fase de crescimento, a época do ano, etc. E' o motivo pelo qual parece não devemos procurar no inverno irrigar o cafeeiro com uma quantidade de água igual ao consumo dos meses de verão.

O Dr. W. LAZZARINI (12) observou, considerando as chuvas caídas em 5 meses de sêca (maio a setembro).

QUADRO III

Produção média dos cafèzais (Zona de Ribeirão Prêto — terra roxa)

Número de anos de observação	*Chuva em Maio a Setembro*	*Chuva média mensal*	*Arrobas produzidas por 1.000 pés*
23 anos	0 a 100 mm.	0 — 20	15 arrobas
16 "	100 a 200 mm.	20 — 40	40 "
8 "	200 a 300 mm.	40 — 60	48 "

(O quadro I dá uma média de transpiração do cafeeiro nesses 5 meses, de 46 mm).

9 — Mas não pode haver produção apenas com água e húmus. E' preciso também alimentos, ou seja adubos químicos, pois do contrário o solo será ràpidamente esgotado, visto a irrigação permitir as funções pedológicas (a vida do solo, porque o solo nasce, vive e às vêzes morre) quasi o dôbro de tempo num ano, e permite às plantas formar pelo menos o dôbro de produtos, sendo também o dôbro a exportação dos elementos nutritivos do solo, pelas colheitas maiores.

Como escreve o técnico NAAS (10) para uma irrigação econômica, necessita-se de adubação *equilibrada*.

E para tanto é preciso mandar análisar o solo irrigado, repetidamente, por exemplo em maio (antes da irrigação) e em outubro após a irrigação e antes a adubação baseando-se a adubação sôbre essas análises e sôbre o estado físico do cafèzal.

Outro meio para determinar a adubação do cafeeiro, isto é os elementos de que necessita (azôto, fósforo, potássio, cal, magnésio, manganês, zinco boro, enxofre, etc.) é o processo do diagnóstico foliar. Êste porém ainda está em estudo, para o estabelecimento de suas normas, notadamente pelo Instituto de Pesquisas da I.B.E.C. (International Basic Economy Corporation) em Matão, neste estado.

O Dr. James C. Medcalf, seu dinâmico diretor, estabeleceu como base de tomada de amostras de fôlhas, a norma seguinte: na altura média do pé, toma-se 4 amostras de 2 fôlhas (uma em cada uma das 4 faces do pé), sempre a terceira e a sexta fôlha, sendo contada como primeira fôlha o broto, terminal do galho, já crescido um pouco (meio a um centímetro). Essas fôlhas são pesadas, lavadas com água destilada, secadas na estufa a 65° C., pesadas novamente e enviadas para a América do Norte, a fim de serem analisados 10 elementos, em laboratório especializado, que aqui ainda não existe.

Junto com essas fôlhas são retirados grãos de café médios, mediante certa técnica, e tratados de forma semelhante.

Grande quantidade de outras observações são feitas nesse Instituto, que proporcionarão dados muito interessantes daqui alguns anos.

Experiências de adubações, particularmente sôbre o fracionamento das doses, as épocas de aplicação e os tipos de adubos já entraram em curso. Neste próximo ano deverão ser incluídas experiências de irrigação dos diversos tipos, em diversos tratamentos (solo nú, coberto de capim, de adubo verde, etc.); e muitas outras. E' um magnífico programa que virá certamente ampliar as pesquizas já feitas e em andamento, pelos Institutos oficiais.

10 — Voltando pois à adubação pròpriamente dita do cafeeiro irrigado, vemos ser necessário um contrôle químico constante de cada talhão irrigado, a fim de determinar a adubação mais adequada.

O que é certo é a necessidade de matéria orgânica para manter o bom estado físico do solo.

Os adubos contendo cálcio são indicados para ajudar a manter o bom estado físico da argila. E' muito provável haver necessidade de uso de calcário, para evitar a acidificação maior das terras, e também para neutralizar os ions de alumínio, cuja libertação dos silicatos é facilitada pela irrigação e pela temperatura (18).

Os solos saturados com cálcio fixam menos ràpidamente o sódio o que aqueles saturados com magnésio (16).

Nos solos alcalinos submetidos a irrigação deve-se usar também calcário ou gesso para neutralizar a ação do sódio, quasi sempre presente nas águas disponíveis nessas regiões, a não ser que possam ser trazidas de serras altas (como na Persia) ou de geleiras (19-20).

Na adubação com irrigação, a interação entre os elementos é importante. Assim a necessidade de uma *fórmula equilibrada*, ajustada às capacidades da terra, é indispensável. E será preciso ainda pensar nos elementos menores tais como boro, zinco, magnésio, etc.

11 — A drenagem do terreno é indispensável em terras alcalinas. Em terras ácidas, da zona cafeeira, a boa porosidade é necessária, para não encharcar a camada superficial. Em terras silico-argilosas e argilosas, o nível freático deve ser mantido a pelo menos 80 centímetros da profundidade.

Êste ponto é capital, principalmente para as outras culturas também, visto como uma plantação de café poderia dificilmente vingar em terreno sujeito a um nível freático acima de 80 cm de profundidade.

Qualquer movimento de água no solo provoca o movimento do ar, indispensável à vida microbiana e as oxidações dos sais tóxicos. A drenagem favorece muito essa penetração do ar pelo abaixamento do nível freático. Em certos casos especiais êste fato deverá ser lembrado.

RECAPITULANDO:

a irrigação dos cafèzais só deve ser aplicada em zonas onde a precipitação efetiva do inverno (precipitação real de chuva menos a evaporação real que depende da temperatura, do vento etc.) é inferior a 20, talvez 30. O mapa 9 (pg. 343) do magnífico trabalho do Dr. J. SETZER (14) mostra perfeitamente essa zona para o Estado de São Paulo;

a irrigação dos cafèzais só deve ser aplicada em lavouras bem tratadas, cujas arvores são capazes de aumentar a produção;

o teor do solo em húmus deve sempre ser satisfatório: 2 a 2,5% de carbono, ou 3,45 a 4,31% de matéria orgânica, embora no Baurú 1% de carbono seja um bom teor;

a água de irrigação deve ser analisada, especialmente quanto aos sais de sódio, de cálcio e de magnésio;

a vegetação mais lenta do cafeeiro durante o inverno não deve ser suprimida por irrigação exagerada;

a irrigação não deve ser feita pelo calendário, mas sim pela observação cuidadosa do solo e da lavoura;

a adubação bem controlada, isto é bem ajustada as necessidades da planta e as reservas do solo, é indispensável para não provocar o esgotamento quasi total do terreno após alguns anos de irrigação artificial.

De um modo geral, para fornecer o azôto recomenda-se estêrco de cocheira curtido, composto, guano de galinhas, tortas, nitrato de cálcio ou sulfato de amônio;

para fornecer o fósforo: farinha de ossos, fosfato bicálcico precipitado, superfosfato simples;

para fornecer o potássio: o cloreto de potássio a 60% ou o sulfato de potássio a 48-50%. A cinza de palha de café (18% de K20) é ótima quando não levou chuva. A palha de café sêca contêm 1,80% a 2% de K20, mas ela deve ser sempre usada *bem curtida*, ocorrendo então perdas grandes em potássio, pois apresenta no fim do curtimento 0,44 a 0,50% de K20.

A aplicação dos adubos químicos convirá ser feita sempre em conjunto com matéria orgânica, e quando se usa adubação verde (feijão de porco, soja (cuidado com o nematode!), etc.) aplica-se a esta os fosfatos e o potássio.

BIBLIOGRAFIA

1 — BEMELMANS, J.: As fertilizações em terras tropicais e subtropicais, Bolet. da Super. Serviços do Café, n.o 323, São Paulo, Janeiro 1954:7-9.

2 — BEMELMANS, J.: No meio termo está a virtude, Bolet. da Super. Serv. do Café, n.o 328, São Paulo, Junho 1954.

3 — BRENDER, R. A., PLATT, R. G.: A boa irrigação dá lucro; Colheitas e Mercados, São Paulo, Ano IX, n.o 1-4, Jan. Abr. 1953:27-29 e n.o 5-6, Maio-Junho 1953:17-20 (Tradução de José Ferreira Veloso).

4 — FRANCO, Coaraci M., e INFORZATO, Romeu: Quantidade de água transpirada pelo cafeeiro cultivado ao sol; Bragantia, Vol. 10, n.o 9, Campinas, Set. 1950:247-257.

5 — FRANCO, Coaraci M., e INFORZATO, Romeu: Quantidade de água transpirada pelo cafeeiro sombreado e pelo ingàzeiro; Bragantia, Vol. 11 n.o 4-6, Campinas, Abr.-Junho. 1951:121-125.

6 — HOUK, Ivan E.: Irrigation Engineering, New York, 1951:1-545.

7 — KELLEY, W. P., BROWN, S. M., LIEBIG, G. F. Jr.: Chemical effects of saline irrigation water on soils; Soil Sci. 49:95-107, Jan. 1940.

8 — LAZZARINI, Walter: A irrigação deve ser aplicada em cafèzal de boa constituição — Conclusões de ensaios na Est. Exp. de Ribeirão Prêto — Jornal: "A Fôlha da Manhã" de 3/1/53.

9 — NAAS, Olov: A técnica moderna na irrigação dos cafèzais; Jornal" O Estado de São Paulo" de 18-11-1953 e 7-7-1954.

10 — NAAS, Olov: A importância dos estudos agronômicos para a instalação dos equipamentos de irigação; Diários Associados, Edição especial dedicada ao café, S. Paulo, 15-7-1954: 8.o caderno, pg. 13.
11 — NUTMAN, F. J.: The root-system of Coffea arabica L. III, Empire Jour. Exp. Agric. 2:293-302, 1934.
12 — PRICE, F. E., REID, Crawford e LAZZARINI, Walter: Proporciona a irrigação aumento de cem por cento na produtividade média dos cafèzais. Rev. da Soc. Rural Bras., Ano XXXII, n.o 382, S. Paulo, Nov. 1952:30-33.
13 — SCOFIELD, C. S. Soil, water supply and soil solution in irrigation agricultere; Soil and Men, Yearbook of Agric. New York, 1938:704-716.
14 — SETZER, José: A precipitação efetiva deduzida da Lei de Van'T Hoff; Separata da Revista Bras. de Georg., n.o 3 Ano VIII, Rio Janeiro Julho-Set. 1946:317-350.
15 — SOARES, Raul Nina Guterres: Escritório de Irrigação e Drenagem de Ribeirão Prêto; Conserv. do Solo, Ano II, n.o 1-3, São Paulo Jan.-Mar. 1953:12-14.
16 — THORNE, D. W. e PETERSON, H. B.: Irrigated soils — Their fertility and management; 2.o Ed., Filadelfia 1950:1-277.
17 — TOSELLO, Rino Natal: Irrigação dos cafèzais; Diários Associados, Edição especial dedicada ao café; S. Paulo 15-7-1954; 4.o cad, pg. 12.
18 — VAGELER, P.: An introduction to tropical soils, London 1933·1-240.
19 — VAGELER, P.: Problemas de irrigação de terras tropicais; Brasil Açucareiro, Fever. 1943:192-198.
20 — VAGELER, P.: Três conferências sôbre solo; Bolet. da Secr. Agric. e Obras Públicas, n.o 4, Junho 1953, Fortaleza, Ceará:96-135.

Mais CAFÉ com menos cafeeiros
MUDAS E SEMENTES DE CAFÉ
Mundo Novo — Caturra Vermelho e Amarelo — Bourbon Vermelho e Amarelo.
Consultem
DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.
Fazenda Citra
Caixa Postal, 48 — LIMEIRA — Estado de S. Paulo
LISTAS DE PREÇOS, FOLHETOS E ORÇAMENTOS SERÃO REMETIDOS GRATUITAMENTE A QUEM OS SOLICITAR

TRATOR ALLIS-CHALMERS

MODÊLO **G**

para hortas, café, arroz, milho, trigo, etc.

Bitolas ajustáveis de 90 a 160 cms.

Com o motor trazeiro, assegurando ótima visibilidade da lavoura e permitindo ao operador acompanhar o serviço dos implementos, o trator Allis-Chalmers, mod. G representa enorme economia nas plantações de verduras, café, arroz, milho, trigo, etc. Peça demonstrações sem compromisso.

ALLIS-CHALMERS famosa linha de máquinas agrícolas representada por uma completa organização

SOCIEDADE TÉCNICA DE MATERIAIS

SOTEMA S. A.

R. Libero Badaró, 92 - 6.º andar - Tel. 33-4136 - SÃO PAULO

Santos & Santos 80.079

NOTA SÔBRE A APLICAÇÃO DE "NuGREEN" A FÔLHAS DE CAFEEIROS APRESENTANDO SINTOMAS DE CARÊNCIA DE NITROGÊNIO (*)

HELI CAMARGO MENDES

e

COARACY M. FRANCO

Instituto Agrônomo de Campinas

1 — INTRODUÇÃO

Vai se generalizando o uso de aspersões das folhagens das plantas, visando à correção de algumas deficiências minerais, método êsse baseado no fato de que as plantas são capazes de absorver, através a fôlha, elementos nutritivos solubilizados.

Tal método é, por outro lado, valioso na diagnose das deficiências, minerais, porquanto, sendo em geral rápida a absorção de elementos nutritivos por aquela via, num tempo relativamente curto se pode saber com segurança qual a carência mineral da planta, providenciando-se, a seguir, a respectiva adubação.

Já foi demonstrada a possibilidade das plantas se utilizarem do nitrogênio encontrado na uréia, asparagina e em outros compostos orgânicos.

Na presente nota relatamos os resultados obtidos num ensaio de pulverização de cafeeiros cultivados em soluções nutritivas e apresentando sintomas de deficiência de nitrogênio, com soluções de "NuGREEN", preparado americano da firma Du-Pont de Nemours & Co., com 44% de azôto solúvel, não volátil e não corrosivo, na forma de uréia (NH_2-CO-NH_2), e de uso corrente nos Estados Unidos e no Hawaii, na pulverização de diversas culturas, como corretivo à carência de nitrogênio.

2 — MATERIAIS E MÉTODOS

Quarenta cafeeiros (*Coffea arabica* L. var. *bourbon* (B. Rodr.) Choussy), com cêrca de oito meses de idade e vegetando em solução nutritiva completa desde 7-12-1950, foram transferidos em 8-2-1952, para a solução nutritiva de HOAGLAND com carência de nitrogênio, em vasos individuais de dois litros de capacidade. Empregou-se a mesma técnica adotada em trabalho anterior (2), tendo sido o ensaio realizado em estufa, no Instituto Agronômico.

Em 26-3-1952, quando tôdas as plantas do lote apresentavam os sintomas típicos da deficiência de nitrogênio (2), elas foram redistribuidas de tal modo que obtivéssemos dez séries de quatro plantas cada uma, uniformes entre si, o quanto possível, relativamente ao porte. A essas séries, na mesma data foram administrados, ao acaso, os seguintes tratamentos:

(*) — Trabalho apresentado na IV Reunião da Sociedade Botânica do Brasil, realizada em Recife, de 19 a 24 de janeiro de 1953.

Tratamentos:	*Plantas*:
A — administração do azôto pela fórmula completa da solução de Hoagland (*3*).	17 — 20
B — pulverização (*) de solução de NuGreen a 2%, na página inferior das fôlhas.	21 — 24
C — pulverização de solução de NuGreen a 4%, na página inferior.	5 — 8
D — pulverização de solução de NuGreen a 6%, na página inferior.	13 — 16
E — pulverização de solução de NuGreen a 2%, na página superior.	9 — 12
F — pulverização de solução de NuGreen a 4%, na página superior.	33 — 36
G — pulverização de solução de NuGreen a 6%, na página superior.	1 — 4
H — aplicação de solução de NuGreen a 2%, na página superior e segundo a técnica do carborundo (*1*), (**).	25 — 28
I — aplicação da solução de NuGreen a 4%, na página superior e segundo a técnica do carborundo.	29 — 32
J — aplicação da solução de NuGreen a 6%, na página superior e segundo a técnica do carborundo.	37 — 40

Antes de dissolver o NuGreen, para o preparo de soluções a 2%, 4% e 6%, pulverizamo-lo cuidadosamente num gral de porcelana, passando-o depois por peneira de malha 60, para uniformizar a amostra. Preparamos então as soluções em água distilada, as quais continham, respectivamente, 0,88%, 1,76% e 2,64% de *N*.

A aplicação das soluções de NuGreen foi feita uma única vez, usando-se quantidade de líquido suficiente para molhar completamente as fôlhas tratadas. Estas permanecem úmidas durante mais de 12 horas, pois a aplicação foi feita à tarde, tendo as plantas permanecido em ambiente onde o grau higrométrico do ar é bastante elevado durante a noite, permitindo mesmo a formação de orvalho na superfície das plantas alí colocadas. Por outro lado, tendo havido cristalização da substância à superfície das fôlhas tratadas, estas estiveram durante muitos dias em contacto com o NuGreen, o qual, por via da condensação de orvalho já aludida, esteve sempre à disposição da planta.

A fim de obter dados comparativos, os tratamentos foram aplicados às plantas tomando-se sempre pares de fôlhas opostas, e deixando-se uma delas como testemunha não tratada. Também se administrou o *N* sob as formas de KNO_3 e $Ca(NO_3)_2.4H_2O$ dissolvidos na solução nutritiva, a uma série de plantas, como contrôle para verificação da capacidade das plantas readquirirem a coloração nor-

(*) — Feita com auxílio de um micropulverizador de laboratório.

(**) — Empregou-se o carborundo de 600 *mesh*.

mal, após vegetarem algum tempo em solução sem azôto e exibirem os sintomas típicos da deficiência.

Os resultados obtidos foram comparados com o auxílio do dicionário de côres de Maerz e Paul (*4*).

3 — RESULTADOS

Após a aplicação dos tratamentos, foram feitos protocolos diários do ensaio, anotando-se devidamente tôdas as alterações observadas. Dêstes protocolos podemos resumir os resultados seguintes:

1.o) — Dois dias (48 horas) após a aplicação dos tratamentos, ainda não se observava qualquer escurecimento no limbo das fôlhas tratadas, que indicasse absorção de *N;* entretanto, as plantas da série *A*, em solução completa, também não apresentavam ditos sintomas; a aplicação de solução de NuGreen a 6% na página inferior das fôlhas, produziu o crestamento das mais novas; a aplicação das soluções com carborundo, produziu lesões nas fôlhas, tanto mais intensas quanto mais elevada a concentração da solução; ditas lesões, ao que parece mais devidas ao NuGreen que à técnica, estavam dispersas irregularmente no limbo das fôlhas eram semelhantes ao crestamento antes citado; o emprêgo do abrasivo torna, assim, mesmo a solução de concentração mais fraca (0,88% *N*), prejudicial à planta; os tratamentos por aspersão na página superior das fôlhas, se mostraram inofensivos, nos dois primeiros dias;

2.o) — Seis dias após a aplicação dos tratamentos, as plantas em solução nutritiva completa já mostravam o primeiro par de fôlhas mais novas reagindo à administração do *N* mineral; dos tratamentos com soluções de NuGreen, nenhum apresentava reação que significasse absorção de N pelas fôlhas; dos referidos tratamentos, apenas aquêles que consistiram em pulverizações da página superior com soluções a 2% e 4%, não produziram injúria à fôlha; todos os demais produziram o crestamento antes referido;

3.o) — Doze dias após a aplicação dos tratamentos, o crestamento havia progredido bastante e era tanto mais acentuado quanto mais concentrada a solução de NuGreen aplicada; as plantas em solução completa reagiam sensìvelmente, com o par de fôlhas mais novas já completamente restabelecidas.

4.o) — Dezenove dias após o tratamento, apenas as plantas em solução nutritiva completa estavam restabelecidas, com tôdas as fôlhas apresentando coloração verde normal; tódos os demais tratamentos não apresentavam, ainda nesta data, qualquer indício de absorção do *N* pelas fôlhas, indicado pela diferença de coloração entre as fôlhas tratadas e as simétricas testemunhas;

5.o) — Vinte e sete dias após a aplicação dos tratamentos, colhemos materiais do ensaio para comparação às pranchas do dicionário de côres, e pelos resultados obtidos pudemos concluir que não houve vantagem no emprêgo de soluções de NuGreen. Nas concentrações e métodos de aplicação utilizados, as ligeiras reações apresentadas por algumas plantas em uns poucos casos, indicam que a absorção do NuGreen pelas fôlhas foi quase nula ou que não se deu a assimilação do nitrogênio, absorvido por essa via.

APPLICATION OF NuGREEN ON NITROGEN STARVED COFFEE PLANTS SUMMARY

Coffee plants growing in nutrient solutions and showing typical symptoms of nitrogen deficiency were treated with NuGREEN solutions

containing 0.8, 1.76, and 2.64 per cent of *N*, in order to check the response of the plants to urea nitrogen applied through the leaves.

The following methods of application were tested: 1. solutions sprayed on the upper side of the leaves with an atomizer; 2. solutions sprayed onthe under side of leaves; 3. rubbing a small pad of muslin cloth moistened in the solutions on the upper side of leaves previously sprayed with the solutions and sprinkled with carborundum (600-mesh).

The leaf reactions to different treatments were compared with the aid of a dictionary of color. The responses given to the best treatments were very slight, indicating either that the absorption of the solutions was not satisfactory or that the nitrogen absorbed was not assimilated by the leaves. Since the responses became noticeable only 30 days after treatment, it is concluded that the methods tried are not adequate to detect nitrogen needs of coffee plants in the field.

LITERATURA CITADA

1. — COSTA, A. S. & FRANCO, C. M. A virus technique useful to diagnose foliar deficiencies. Plant Physiol. 26:625-628. 1951.
2. — FRANCO, C. M. & MENDES, H. C. Sintomas de deficiências minerais no cafeeiro. Bragantia 9:165-173. 1949.
3. — HOAGLAND, D. R. & ARNON, D. I. The water-culture method for growing plants without soil. Cal. agric. exp. sta. 1938 (Circ. n.o 347)
4. — MAERZ, A. & PAUL, M. R. A Dictionary of color. N. York, McGrawa-Hill Book Co. Inc. 1.a ed. 1930. vii + 207 p

FEIJÃO DE PORCO PARA ADUBAÇÃO VERDE
Fácil semeação — Boa germinação — Sementes grandes

Semeadura no início de outubro
Qualquer quantidade — Entregas rápidas

Pedidos a

DIERBERGER — Agro-Comercial Ltda.

Rua Líbero Badaró, 499 - Tel. 36-5471 - Caixa Postal, 458
Avenida Anhangabaú, 392/394 ———— SÃO PAULO

SUGESTÕES PARA UMA LEI DE PLANTIO RACIONAL DAS NOVAS LAVOURAS DE CAFÉ E DE PROTEÇÃO DO SOLO NAS LAVOURAS JÁ FORMADAS

Apresentada por
JOÃO QUINTILIANO DE AVELLAR MARQUES
Chefe da Secção de Conservação do Solo do Instituto Agronômico do Estado de São Paulo.

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

A conservação do solo é, essencialmente um problema nacional, uma vez que da agricultura e da pecuária dependem a segurança e a prosperidade do país. Representa, também um problema de cada estado, de cada município e de cada propriedade, individualmente, já que todos são diretamente interessados na produtividade de suas terras; mas, em nosso regime federativo e de acôrdo com a Constituição, o maior responsável pela preservação dos recursos naturais renováveis do país é o Govêrno Federal, na sua função de mantenedor da integridade nacional.

A importância da conservação do solo para o Brasil é patente para quem quer que se dê ao trabalho de examinar as condições de seu ambiente físico, de sua história, de sua evolução econômica, e, sobretudo, dos processos aplicados na exploração de suas terras. Os recursos renováveis com que a natureza nos brindou e, muito especialmente o solo, têm sido impiedosamente maltratados por uma verdadeira agricultura de exploração. Práticas agrícolas comprovadamente nefastas têm provocado um profundo desequilíbrio em nossa natureza e um irreparável dano ao nosso solo, êsse inestimável patrimônio da coletividade.

Em consequência do máu trato do solo a nossa agricultura tem sido, em sua quase generalidade, forçada a um verdadeiro nomadismo, em contínua e insaciável busca de terras virgens para substituição daquelas já esgotadas e improdutivas que vae deixando em sua evolução pelo território brasileiro.

A nossa cafeicultura é um exemplo típico dêsse nomadismo, em razão de sua elevada exigência de fertilidade do solo e notadamente de riqueza em húmus. Hoje já estamos explorando as últimas reservas de terras virgens adequadas à cultura do café. Assim, se quisermos garantir a estabilidade dêsse insubstituível produto da terra que tem sido o verdadeiro sustentáculo de nossa economia, teremos que assegurar a formação racional das lavouras que de agora em diante se instalaram nesse insubstituível patrimônio que nos resta para usufruir.

A erosão tem sido, sem dúvida alguma, um dos fatores mais importantes dêsse nomadismo de nossas culturas de café, acelerada e facilitada pela formação defeituosa e antirracional das lavouras, com as ruas dispostas a favor

das águas e sem as necessárias medidas para controle da erosão, em completa desconsideração às mais elementares normas da conservação do solo.

A ciência agronômica e a prática dos agricultores têm já sobejamente demonstrado que a simples disposição das ruas de plantas segundo as curvas de nível do terreno, contribue com grande eficiência para facilitar a infiltração das águas de chuva e controlar a erosão. Ensáios realizados pela Secção de Conservação do Solo do Instituto Agronômico do Estado de São Paulo demonstraram, por exemplo, que em culturas anuais do tipo do algodão e do milho em declividade entre 6,5 e 10,8%, em média para os tipos de solo arenoso, massapé e rôxa, enquanto o plantio com as ruas morro abaixo anualmente cêrca de 26 toneladas de terra por hectare e cêrca de 6,6% da chuva caída, a forma de plantio segundo as curvas de nível do terreno perde apenas cêrca de 14 toneladas de terra por hectare e cêrca de 4,0% da chuva caída.

Em culturas permanentes como os cafèzais êsse efeito controlador da erosão apresentado pelo plantio em nível se acentua sobremaneira, já que a permanência das ruas anos após anos em um mesmo local, vae acentuando, com o passar das máquinas, com as operações culturais e com a própria terra retida, a formação de barreiras mecânicas de terra que funcionam como verdadeiros terraços ao longo de cada rua.

O benefício do plantio em nível se faz sentir imediatamente na estabilização e mesmo no aumento das produções em consequência da erosão que deixa de se processar e da maior quantidade de água retida no solo.

Além disso, a disposição das ruas de plantas segundo as linhas de nível do terreno facilita a ameniza sobremaneira o trabalho das máquinas de cultivo, de trato e de colheita, tornando mais eficiente e mais barato a mecanização da lavoura.

Está já comprovado, também, que o plantio em curvas de nível é uma operação simples e exequível pela totalidade de nossos agricultores, demandando pràticamente o mesmo tempo e o mesmo custo que o plantio em linhas retas do sistema antigo.

Um outro aspeto de grande importância do plantio de lavouras de grande duração como a do café, além dessa proteção contra a erosão do solo, é, o da qualidade genética das sementes a serem empregadas. Com efeito, enquanto o trabalho e o custo necessário para tratamento de uma lavoura formada com sementes de boa linhagem é exatamente o mesmo daquele exigido por uma formada com material de baixa produtividade hereditária, as produções que se obtem das primeiras superam em muito as das segundas.

Hoje já se dispõe em todo Brasil de sementes selecionadas provenientes dos trabalhos de melhoramento realizados pelo Instituto Agronômico do Estado de São Paulo, sendo que algumas das linhagens já distribuídas aos agricultores têm proporcionado, sôbre as variedades antigas de cafeeiros, aumentos de produção que em certos casos pràticamente duplicam as colheitas.

O disciplinamento do plantío de novas lavouras de café é uma medida urgente para o país tendo-se em vista a sua duração e os prejuízos que decorrem por anos sucessivos em consequência de um plantío defeituoso como êsses das ruas esquadrejadas em desconsideração ao relêvo do terreno e das sementes de má linhagem.

Em se tratando de café, produto que sustenta a Nação e que o mau uso do solo está eliminando de nossas disponibilidades agrícolas, urge com

mais razão ainda obrigar a formação racional das novas lavouras que que se estabelecem de forma a se assegurar a sua maior duração e a sua maior produção.

A não ser para plantar racionalmente em curvas de nível e usando semente selecionada segundo os ditames da técnica agronômica será preferível nada plantar. Assim pelo menos ficará intacto para as gerações melhor parelhadas e instruídas de amanhã êsse patrimônio inestimável das nossas últimas reservas de terras adequadas para a cultura do café.

Um balanço que se dê hoje nas últimas reservas que ainda nos restam de terras virgens dentro da faixa ecológica do habitat do cafeeiro, deixa-nos verdadeiramente apreensivos quanto ao futuro dêsse inegualável patrimônio fornecedor de divisas que é a nossa cafeeicultura.

Os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, pràticamente já não mais dispõem de terras virgens próprias para o cafeeiro. Do decantado Norte do Paraná resta também já bem pouco para abrir e para formar com novas lavouras dentro da mancha de terra rôxa. Resta ainda um pouco mais na região de terras rôxas de Dourado em Mato Grosso e nalgumas pequenas manchas de terras ricas ao Sul de Goiás. Atingidas essas estaremos no fim de nossos recursos naturais propicias à cafeeicultura. A lavoura de café hoje já está entrando na visinha terra paraguaia.

Assim, pois, será urgente para a Nação restringir um pouco a velocidade de desbravamento para café de forma a assegurar o futuro de nossa riqueza. Não fosse o fato de estar a grande maioria das novas lavouras de café sendo formadas de forma inteiramente contraria à técnica agronômica, repetindo de maneira clamorosa os mesmos êrros dos lavradores que formaram as antigas lavouras do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de São Paulo, não haveria mal em que essas últimas reservas fossem já de uma vez exploradas.

Entretanto, o que se está observando é uma desordenada e imprevidente corrida em que a ganância dos lucros imediatos domina inteiramente quaisquer interêsses patrióticos. O lema é formar novas lavouras a qualquer preço e de qualquer maneira para aproveitar os altos preços atualmente vigorantes para o café, e, dessa forma o patrimônio nacional vae se delapidando de forma irreparável e alarmante.

A formação racional das novas lavouras ainda que não se faça no mesmo rítmo da formação livre e desordenada assegurará produções mais duradouras e maiores por unidade de área.

O refreamento que possa decorrer de um condicionamento da forma de plantío será até benéfico para a economia do país, evitando o perigo da superprodução e do aviltamento de preços que já nos levou há bem pouco tempo aos drásticos recursos da queima do produto e da proibição indiscriminada de novos plantíos.

Além do mais, o estabelecimento de uma cafeeicultura em bases racionais daqui para o futuro, de forma a assegurar altas e contínuas produções por unidade de área a um custo o mais baixo possível, com auxílio da mecanização, será a forma mais acertada de o Brasil fazer face à competição internacional que cada ano mais se acentua, e agora mais ainda com as possibilidades em vista, de desenvolvimento da cultura no continente africano.

A par do incentivo que se deve proporcionar à formação racional das novas lavouras, será de suma importância, também, procurar estabelecer a pro-

teção das lavouras já formadas irracionalmente através a implantação de práticas eficientes de contrôle de erosão e de manutenção da produtividade do solo. Esta medida se justifica plenamente em face da grande extensão e da grande riqueza representada pelas lavouras já existentes no país.

E' natural que ao se exigir práticas novas e ainda não largamente difundidas entre os agricultores se vá encontrar certas dificuldades para sua implantação em nosso meio, nem sempre suficiente preparado e instruido. Entretanto, tais dificuldades de maneira alguma poderão se antepor às grandes vantagens que advirão do sistema uma vez adotado em cada novo cafèzal.

Os órgãos governamentais especializados deverão ser devidamente aparelhados com pessoal e verbas de modo a poder fornecer no devido tempo a assistência técnica que será requerida pelos agricultores interessados; e, bem assim, a imprescindível ação fiscalizadora. Sem que se tome preliminarmente essa providência será temerário e ilógico procurar obrigar os agricultores de todo o país a formar suas lavouras de café em curvas de nível e usando sementes selecionadas. Obrigatoriedade só se admite e se justifica depois que o govêrno se achar devidamente aparelhado com os órgãos técnicos e fiscais necessários.

Sòmente os órgãos federais, no caso o Ministério da Agricultura principalmente, são insuficientes para atender às exigências de uma lei como a que se propõe, razão por que será necessário estabelecer uma estreita ligação destes com todos os demais órgãos governamentais especializados do país sejam estaduais ou municipais. A tais órgãos, melhor aparelhados que o Ministério da Agricultura no âmbito de seu campo de acção será atribuida a responsabilidade direta da execução da lei. E' o caso, por exemplo, de secretarias de agricultura tais como a de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e do Paraná que devidamente suplementadas com auxílios e verbas federais, poderão talvez melhor atender às exigências dessa lei do que o próprio Ministério da Agricultura. Acordos deverão ser estabelecidos atendendo às condições de cada unidade da Federação. A fim de possibilitar os ajustamentos de carater local a que uma lei como a presente necessàriamente obrigará será conveniente fazer com que a legislação federal assuma mais um carater de lei básica, de tal modo que legislações estaduais e municipais posteriores venham completar os detalhes e as especificações condizentes com as condições das diferentes regiões do país.

DECRETO N.o ....., DE ..... DE ....., DE 1953

Condiciona ao Plantio Racional a Formação de Novas Lavouras de Café e Promove a Proteção do Solo nas Lavouras já Formadas

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, usando das atribuições que lhe confere o Art. ..... da Constituição Federal, e:

Considerando que aos poderes públicos, como responsáveis pela manutenção da integridade do patrimônio nacional, compete disciplinar o uso do solo visando o bem estar coletivo;

Considerando que a lavoura de café, essencialmente exigente de terras férteis, tem sido forçada a um pernicioso nomadismo dentro do território brasileiro, em consequência do empobrecimento acelerado do solo;

Considerando que uma das principais causas dêsse empobrecimento acelerado da fertilidade do solo nos cafèzais tem sido a formação defeituosa das lavouras com as ruas dispostas em linhas retas, desconsiderando as curvas de nível do terreno e contribuindo sensìvelmente para intensificar os efeitos danosos de erosão;

Considerando que, sem ser mais dispendioso e complicado que o sistema em linhas retas, o plantío em linhas orientadas segundo as curvas de nível do terreno, além de atenuar comprovadamente a ação da erosão, ainda oferece as vantagens de um mais fácil e barato trabalho mecânico e de uma maior produção consequente da melhor conservação do solo e da maior retensão de água;

Considerando que as sementes de boas linhagens, oriundas dos trabalhos de seleção e melhoramento das instituições de pesquisas agronômicas especializadas, asseguram produções muito superiores àquelas normalmente obtidas das sementes comuns;

Considerando que novas lavouras que se formem defeituosamente com as ruas alinhadas em retas e com sementes de má qualidade genética representam, em vista de grande duração de sua exploração, um sério prejuízo para os interêsses da coletividade, como consequência da continuidade, dos efeitos danosos da erosão e das baixas produções;

Considerando que, exgotadas as últimas reservas de terras adequadas para a cultura que já atualmente vem sendo tocadas pelo café no seu incontido nomadismo pelo território pátrio, ficará a economia nacional ameaçada com a restrição de sua capacidade produtiva dêsse produto agrícola que lhe tem sido o mais forte baluarte;

Considerando que, da forma como vem se processando, a instalação das novas lavouras de café está a repetir os mesmos êrros de técnica agronômica já praticados pelos antigos formadores de lavouras dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, numa desordenada e imprevidente corrida para aproveitamento dos altos preços atuais do produto, em detrimento da integridade do patrimônio nacional;

Considerando que o refreamento que possa decorrer na instalação de novas lavouras de café, em consequência de um condicionamento da forma de plantío virá defender a economia do país contra o perigo da superprodução e do aviltamento de preços que já a levou em época não muito distante aos drásticos recursos da queima do produto e da proibição indiscriminada de novos plantíos;

Considerando que o estabelecimento em bases racionais das novas lavouras de café que se instalarem daqui para diante na últimas reservas de terras adequadas do país, será a forma mais segura de fazer face à competição internacional que se acentua de ano para ano, e, agora, mais ainda, com as novas possibilidades que se vislumbrem do desenvolvimento da cafeeicultura no continente africano;

Considerando que as lavouras já formadas defeituosamente necessitam também ser protegidas contra os malefícios da erosão e do desgaste acelerado da fertilidade do solo;

DECRETA:

Art. 1.o — Fica, em todo território nacional, condicionada a formação de novas lavouras de café, ao plantío racional dispondo as fileiras de plantas

em espaçamentos adequados segundo as curvas de nível do terreno e utilizando sementes de boa qualidade genética.

Art. 2.o — Tôda assistência técnica ou financeira prestada aos lavradores de café pelos órgãos governamentais ou por entidades subvencionadas ou controladas pelo govêrno será condicionada à extensão e à eficiência com que forem adotadas as práticas de conservação do solo nos cafèzais, tanto por ocasião de sua formação como posteriormente durante a sua manutenção.

Art. 3.o — O Ministério da Agricultura estabelecerá convênios com as Secretarias ou Diretorias de Agricultura dos estados ou territórios, com o Instituto Brasileiro do Café, com o Banco do Brasil S. A., com as demais organizações bancárias de que govêrno participe, e, com os órgãos encarregados da taxação e da coleta de impostos junto aos lavradores de café, no sentido de promover a assistência técnica e a fiscalização necessárias para a perfeita execução dessa lei.

Art. 4.o — Os agricultores que plantarem suas novas lavouras de café racionalmente, dispondo as fileiras de plantas em espaçamento adequado segundo as curvas de nível do terreno e utilizando sementes de boa qualidade genética, conforme o estipulado nesta lei, farão jús aos seguintes favores especiais:

a. prioridade para todo e qualquer auxílio prestado pelos órgãos governamentais, notadamente no que diz respeito à assistência técnica e à aquisição e importação de equipamentos e materiais para uso na lavoura de café;
b. prioridade para os benefícios de crédito rural fornecido pelas instituições bancárias controladas ou subvencionadas pelo Govêrno;
c. isenção de imposto territorial correspondente à área ocupada pelas lavouras que se enquadrarem dentro desta lei, durante um período de 10 (dez) anos.

Art. 5.o — Os agricultores que plantarem suas novas lavouras de café contràriamente ao que indica a técnica agronômica e em desacordo com o estipulado nesta lei, ficarão sujeitos às seguintes penalidades:

a. suspensão de todo e qualquer auxílio prestado pelos órgãos governamentais, notadamente no que diz respeito à assistência técnica e à aquisição e importação de equipamentos e materiais para uso na lavoura de café;
b. suspensão dos benefícios do crédito rural fornecido pelas instituições bancárias controladas ou subvencionadas pelo Govêrno;
c. multa no valor de 2 (duas) vezes o imposto territorial correspondente à área ocupada pelas lavouras que houverem infringido aos dispositivos desta lei durante um período de 10 (dez) anos.

Art. 6.o — Os benefícios do crédito rural, de qualquer outra forma de assistência financeira e das facilidades especiais para importação e aquisição de equipamento e materiais para uso nas lavouras de café sòmente serão concedidos pelo govêrno ou por entidades pelo mesmo controladas ou subvencionadas, quando as lavouras de café a serem beneficiadas se encontrarem devidamente protegidas contra os malefícios da erosão e do desgaste acelerado

da fertilidade do solo ou quando, por força de contrato ficar assentado que tais benefícios se destine mao estabelecimento das necessárias práticas de proteção do solo.

Art. 7.o — O Ministério da Agricultura, ouvidos os órgãos agronômicos especializados dos principais estados cafeeiros e a Carteira Agrícola e Industrial do Banco do Brasil S. A.; expedirá a regulamentação dessa lei dentro de um prazo de 5 (cinco) meses a contar da data de sua promulgação.

Art. 8.o — Esta lei entrará em vigor 6 (seis) meses após a sua promulgação.

Art. 9.o — Revogam-se as disposições em contrário.

SUBSÍDIOS PARA A REGULAMENTAÇÃO DA LEI:

I — *DO PLANTIO EM NÍVEL*

Art. 1.o — A disposição das fileiras de plantas em espaçamentos adequados segundo as curvas de nível do terreno deverá ser feita de forma a proporcionar o mais eficiente contrôle de erosão, a mais fácil e econômica mecanização da lavoura e a maior e mais duradoura produção por unidade de área.

Art. 2.o — Para a disposição das fileiras de plantas segundo as curvas de nível do terreno deverá inicialmente ser locado um determinado número de linhas niveladas para, em seguida, tomando tais linhas como base e adotando-se o espaçamento adequado, marcar, por paralelas intermediárias, as linhas em que se disporão as plantas, ficando então tais linhas, para os fins desta lei, consideradas como sendo estabelecidas segundo as curvas de nível do terreno.

Art. 3.o — As linhas niveladas básicas para a marcação das paralelas em que se disporão as fileiras de plantas, deverão ser estabelecidas de forma a satisfazer os limites de um número mínimo, ou, em outros têrmos, de uma distância máxima de afastamento entre sí, determinadas para cada caso, em função das características e dimensões dos terraços a serem construídos ao longo das mesmas, do tipo de solo e da declividade do terreno, de forma a assegurar um perfeito contrôle da erosão.

Art. 4.o — O espâçamentos limites, tanto vertical (EV) expresso em centímetros como horizontal (EH) expresso em metros, entre as linhas niveladas básicas, para o caso dos terraços tipo camalhão de base estreita comumente denominados cordões em contôrno e para os solos argilosos pesados tais como aqueles do tipo massapé e salmourão oriundos das formações geológicas arqueana e algonquiana, serão obtidos em função do gráu de declividade do terreno (D) expresso em percentagem, de acôrdo co mas relações,

$$EVcm = 60 + 9\,D, \text{ e, } EHm = 9 + \frac{60}{D}.$$

Art. 5.o — Para os solos arenosos soltos tais como aqueles oriundos da formação geológica cretácea os espaçamentos limites entre as linhas niveladas básicas serão 10% inferiores e para os solos profundos e permeáveis como os do tipo de terra rôxa da formação geológica triássica, serão 20% superiores àqueles dos tipos argilosos pesados, devidamente consideradas, também, as características e dimensões dos terraços tipo camalhão a serem construidos.

Art. 6.o — Para o caso de se preferir a construção prévia dos terraços tipo camalhão de base larga ao longo das linhas niveladas básicas, deixando para tal uma rua entre fileiras de plantas mais larga de pelo menos 50% sôbre as comuns, os espaçamentos limites entre linhas niveladas básicas serão 50% superiores àqueles fixados para o caso de terraços tipo camanhão de base estreita ou cordões em contôrno, seguidas naturalmente as variações estipuladas no parágrafo anterior para os diferentes tipos de solo.

Art. 7.o — Para os casos intermediários, seja de características e dimensões dos terraços tipo camalhão a serem construidos ao longo das linhas niveladas básicas, seja de tipos de solo, admitir-se-á interpolar proporcionalmente para obtenção dos limites de espaçamento, a critério do engenheiro agrônomo regional.

Art. 8.o — Quando não forem de grande monta a variação de declividade entre as faixas circunscritas pelas linhas niveladas, e, bem assim, o número de linhas básicas a ser enquadrado em cada declividade, admitir-se-á fixar como único espaçamento entre linhas niveladas básicas aquele indicado em função da declividade média de todo o terreno.

Art. 9.o — Tomando como referência as linhas niveladas básicas, serão marcadas, paralelamente, as fileiras de plantas e ao longo dessas fileiras marcadas as covas, de tal forma que o espaçamento entre árvores fique maior entre fileiras e menor dentro das fileiras, devendo, tal diferença de espaçamento ser de molde a permitir que as copas, quando em completo desenvolvimento, se toquem ou mesmo se entrelacem ao longo das linhas e se separem entre as linhas o suficiente para permitir a passagem de máquinas de cultivo, trato e colheita, e, bem assim proporcionar o necessário arejamento e insolação entre as plantas.

§ *Único* — O espaçamento a ser adotado entre fileiras e entre covas ao longo das fileiras será determinado de acôrdo com a experimenetação local, tendo sempre em vista o porte da variedade do cafeeiro a produtividade do solo, a declividade do terreno e o número de plantas por cova.

II — *DA PROTEÇÃO E MANUTENÇÃO DAS LAVOURAS JÁ FORMADAS*

Art. 10.o — Considerar-se-á como proteção adequada contra os malefícios da erosão e do desgaste acelerado da fertilidade do solo nas lavouras de café novas ou antigas, um conjunto de práticas conservacionistas capaz de manter em nível satisfatório as condições de produtividade do solo, incluindo-se em tais práticas pelo menos uma de caráter mecânico, uma que lance mão do efeito protetor da cobertura vegetal e uma de caráter edáfico.

Art. 11.o — Dentre as práticas conservacionista de caráter mecânico será indispensável o uso dos terraços tipo camalhão de base estreita (cordões em contôrno) ou de base larga quando a topografia o permitir e de terraços tipo patamar ou de banquetas individuais quando as declividades dos terrenos forem muito fortes.

§ 1.o — Os terraços tipo camalhão, de base estreita (cordões em contôrno) ou de base larga deverão ser construidas a espaçamento não superiores àqueles fixados nos artigos 4.o, 5.o, 6.o, 7.o e 8.o, tomando-se em consideração o tipo de solo e o gráu e regularidade da declividade do terreno.

§ 2.o — Os terraços tipo patamar não deverão ser construidos a espaçamentos superiores à largura de três ruas do cafèzal.

§ 3.o — Os terraços de qualquer tipo ou as banquetas individuais deverão ser mantidas com uma secção adequada.

Art. 12.o — Dentre as práticas conservacionistas que lancem mão do efeito protetor da cobertura vegetal será indispensável adotar ou o plantio de adubos verdes de verão, ou a alternância de capinas, ou a cobertura com palha, ou a ceifa do mato, ou o mato selecionado, ou, o sombreamento.

Art. 13.o — Dentre as práticas conservacionistas de caráter edático será indispensável o uso das adubações com palha de café, estêrco de curral ou composto, ou as adubações com fertilizantes comerciais, em ambos os casos a intervalos não superiores a 4 (quatro) anos e em quantidades suficientes para contrabalançar o desgaste normal dos elementos nutritivos disponíveis no solo.

III — *DO EMPREGO DE SEMENTES SELECIONADAS*

Art. 14.o — O lavrador será obrigado a comprovar ter sido a semente empregada na formação de suas novas lavouras de café de boa qualidade genética, entendendo-se como tal sementes de linhagens obtidas ou recomendadas pelos órgãos agronômicos oficiais encarregados dos trabalhos de seleção e melhoramento do cafeeiro.

Art. 15.o — O Ministério da Agricultura em cooperação com as Secretarias ou Diretorias de Agricultura dos estados e territórios cafeeiros providenciará para que sejam estabelecidos campos de multiplicação das melhores linhagem que forem sendo obtidas, em quantidade suficiente para atender as necessidades dos lavradores.

§ *Unico* — Anualmente serão dadas a publicidade as relações dos campos de produção de sementes e dos viveiros cujos produtos se encontrarem devidamente certificados.

IV — *DA ASSISTÊNCIA AOS LAVRADORES*

Art. 16.o — O Ministério da Agricultura em colaboração com as Secretarias ou Diretorias de Agricultura dos estados e territórios cafeeiros providenciará para que sejam estabelecidos centros de treinamento de técnicos e de operários e bem assim campos de demonstração nas principais zonas cafeeiras do país, fornecendo também amplas instruções por meio de publicações e outros meios de divulgação a todos os interessados na formação racional de novas lavouras de café e na proteção e manutenção das lavouras já formadas.

Art. 17.o — O Banco do Brasil S. A. financiará com facilidades especiais tôdas as organizações técnicas particulares que se destinarem à prestação de serviços de conservação do solo em cafèzal e de produção de sementes selecionadas de café.

V — *DA FISCALIZAÇÃO DA LEI*

Art. 18.o — A fiscalização dessa lei ficará a cargo dos engenheiros agrônomos regionais federais ou estaduais dos engenheiros agrônomos especialistas em conservação do solo dos órgãos especializados em fomento, e dos engenheiros agrônomos fiscais da Carteira Agrícola do Banco do Brasil S. A., mediante acôrdos especiais feitos em cada região.

Luz que orienta
Ao cruzar os ceus, ou palmilhando as ruas, os paulistas voltam o olhar para
é luz que brilha no alto do Edifício do Banco do Estado, buscando localizar
o centro da paulicéia. Coroando o magestoso bloco de cimento armado, a
luz do Banco do Estado simboliza muito mais que simples ponto de
referência. Significa a solidez de um estabelecimento de crédito, que há
dezenas de anos fomenta o desenvolvimento da Indústria e do Comércio.
A excelência de sua perícita organização bancária, a rapidez com que se
atende os correntistas, fazem aumentar dia a dia, a preferência
geral pelo Banco do Estado de São Paulo.
• Depósitos
• Empréstimos
• Descontos
• Câmbio
• Cobranças
• Transferências
• Títulos
• Cofres de Aluguel
Agências em cidades do interior
Correspondentes nos principais praças do exterior
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.
CAPITAL REALIZADO:
Cr.$ 100.000.000,00
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Resumos e Transcrições

Com a instalação da sua Junta Administrativa, entrou o Instituto Brasileiro do Café em nova fase de sua vida

Trabalhos da Junta — órgão supremo do I.B.C. — nas duas primeiras sessões efetuadas após a sua instalação — Atividades do Departamento de Economia e Assistência à Cafeicultura, expostas pelo agrônomo Walter Lazzarini em relatório aprovado por aquele órgão

Criada como órgão supremo do Instituto Brasileiro do Café, a Junta Administrativa entrou em pleno exercício de suas funções desde o dia 26 de abril do corrente ano, quando esteve reunida em sua primeira sessão ordinária e, mais tarde, a 1.º de junho, mas, nessa oportunidade, em primeira convocação extraordinária. Considera-se, assim, a lavoura cafeeira, pela primeira vez, à frente da política econômica do café brasileiro no país e no estrangeiro o que era uma velha reivindicação dos produtores da nossa rubiácea.

Constituida em sua maioria pela lavoura, representam-se ainda, na Junta, o govêrno federal e os estaduais interessados na economia cafeeira, e o comércio, ficando distribuida da seguinte maneira: de um delegado especial do govêrno federal, que a preside, com voto deliberativo e de qualidade, tendo sido nomeado pelo Presidente da República, para o cargo, o coronel Francisco de Paula Soares Neto; a lavoura, representada pelos srs.: Thomaz Alberto Whately (Waldemar Sanches-suplente); Lindgard Miller Paiva (Luís de Toledo Piza Sobrinho-suplente); Renato Costa Lima (Cyro Werneck de Souza e Silva-suplente); José Cassiano Gomes dos Reis (Francisco Giraldes Filho-suplentes); Otávio Cintra Leite (Antônio dos Santos Galante-suplente); Galileu Bicudo (Antonio de Queiroz Teles-suplente); Raul de Araujo (Pedro Lunardelli-suplente); Felipo Rodrigues Siqueira Neto (Plínio de Oliveira Adams-suplente) por São Paulo;

Newton Ferreira de Paiva (Ignacio Luís da Silva Tomé-suplente); Osvaldo Cruz Lisboa (Ibsen Junqueira Passos-suplente); Haroldo Afonso Junqueira (Jairo Salgado Gama-suplente); por Minas Gerais;

João Batista Ribeiro Junior (José Francisco Nauffal-suplente), Nilson Batista Ribas (Braulio Barbosa Ferraz-suplente), Hugo Cabral (Garibalde Reale-suplente), pelo Estado do Paraná;

Honório Praga (Luís Machado-suplente), Nelson da Costa Melo (Alcyro de Souza Poubel-suplente), pelo Espírito Santo;

Francelino Bastos França (Lincoln Barbosa de Castro-suplente), pelo Estado do Rio de Janeiro.

De cinco representantes do comércio, um de cada uma das praças de Santos, Paranaguá, Vitória e Rio de Janeiro, e mais um, em conjunto, das praças de Recife e Salvador, constituidos dos seguintes nomes, respectivamente: Geraldo Gomite de Mello Peixoto (Hercilio Camargo Barbosa-suplente), dr. João Ferraz de Campos (Luís Altino de Azevedo Mendes-suplente), Dante Michelini (Joaquim Ribeiro Gonçalves-suplente), Marcelino Martins dos Santos F. (Sylvio de Magalhães Figueira-suplente), Dinizart Visco (Fernando Xavier Brandão-suplente).

De um representante de cada um dos governos dos Estados de Minas, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, e de mais dois representantes designados, em conjunto, pelos Estados de Pernambuco, Bahia, Goiás, Santa Catarina e Mato Grosso, representados pelos srs. Odilon Bohrens (Athos Moreira da Silva-suplente), José de Oliveira Borges (Theodoro Duarte Machado da Silva-suplente), dr. Enrico Hildebrando Aurelio Ruschi (Clodomir de Sá Adnete-suplente), Luís Piza Sobrinho (Arnaldo Borba de Morais-suplente), Adolfo Oliveira Franco (José Francisco Nauffal-suplente), Rodrigo Pinto Tenorio (Sebastião Santana e Silva Sobrinho-suplente), Mario de Miranda Lins (Ivo Nacao-suplente).

FINALIDADES DA JUNTA ADMINISTRATIVA

São principais atribuições da Junta Administrativa: baixar anualmente o orçamento do Instituto, incluindo nele orbrigatò-

riamente, as importâncias que julgar necessárias para a promoção de pesquisas e experimentações no campo da agronomia e da tecnologia do café; fiscalizar a execução do orçamento, tomar e aprovar as contas do exercício anterior; apreciar o relatório anual da Diretoria da autarquia; expedir os regulamentos de competência do IBC e determinar as medidas financeiras necessárias; apreciar as estatísticas de produção, etc.

OS TRABALHOS DA PRIMEIRA SESSÃO ORDINÁRIA

A Junta instalou-se em 26 de abril do corrente ano sob a presidência do coronel Paula Soares, estando presentes os srs. João Pacheco e Chaves, presidente do IBC., e o deputado Iris Meinberg, presidente da Confederação Rural Brasileira.

Nessa oportunidade o sr. Pacheco e Chaves falou aos seus membros, fazendo uma ligeira exposição da sua gestão e colocando à disposição do novo órgão que se instalava todos os recursos do IBC necessários ao melhor andamento dos trabalhos.

Reunida por dez dias, de acôrdo com a lei, a Junta tratou inicialmente, como era natural, de elaborar o regimento interno por intermédio de uma Comissão Especial de cinco membros, designados pelo Presidente, tendo a discussão e votação do mesmo tomado vários dias. Entretanto, outros assuntos de grande importância ainda foram apreciados, depois de organizadas as três comissões técnicas — Finanças e Orçamentos, Agricultura, Comercialização e Propaganda.

Na pauta dos trabalhos, a principal matéria foi o regulamento de embarque. A sugestão do Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro, para que fosse prorrogado o regulamento então em vigor, teve parecer contrário da Comissão de Comercialização, sendo rejeitada pelo plenário. A Comissão propôs a convocação de uma sessão extraordinária, para o dia 1.o de junho, quando então seria discutido e elaborado o novo regulamento.

Ainda a mesma Comissão apresentou uma sugestão partida da representação do Paraná, dispondo sobre o aumento das bases de financiamento. O sr. João Batista Ribeiro Junior, relator da matéria, foi de parecer que se tomassem medidas possibilitando um financiamento racional, que viesse dar maior profundidade ao fomento de crédito, ainda inexistente em áreas extensas da nossa atividade agrícola. E pedindo, finalmente, a revisão "das atuais bases de financiamento".

O plenário aprovou também, o parecer da Comissão de Finanças e Orçamentos sôbre o pedido de financiamento de uma cooperativa de crédito o norte do Paraná, para auxílios aos cafeicultores, bem como um ofício dirigido ao sr. Pacheco e Chaves, presidente do IBC., no sentido de ser permitido o embarque de cafés da produção espírito-santense nos reguladores do Estado a partir de 1.o de junho, no limite máximo de 50 mil sacas, até a aprovação do futuro regulamento de embarque, quando então seria disciplinado o seu escoamento.

Diversos assuntos ainda foram abordados, mas em virtude da exiguidade do tempo, ficaram para a reunião extraordinária proposta pela Comissão de Comercialização, para o dia 1.o de junho.

PLANO AGRÁRIO E POLÍTICA DE PREÇOS

Nessa primeira sessão ordinária, a presidência da Junta convidou dois técnicos do IBC para fazerem duas exposições atinentes ao problema cafeeiro. Foram êles os srs. Walter Lazzarini, então chefe do Departamento de Economia e Assistência e Cafeicultura, e Rui Miller Paiva, consultor Técnico da autarquia.

O agrônomo Walter Lazzarini, fez um relato completo do departamento que dirigia e apresentou um grande plano agrário visando beneficiar em escala maior a cultura cafeeira, demorando-se mais no problema da recuperação dos cafèzais.

O sr. Rui Miller Paiva expôs ao plenário o problema do mercado e da política de preços, salientando o importante papel do IBC nessa questão. Resumiu a política do Instituto, quanto ao problema, da seguinte maneira: financiamento, para manter o nível de preços, neutralizando possíveis manobras baixistas ou oscilações bruscas; e fiscalizando do comércio, a fim de evitar lucros excessivos, não proporcionais ao preço de compra.

CONCLUSÕES DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA

A Junta Administrativa reuniu-se, pela segunda vez, a 1.o de junho último em carater extraordinário, atendendo a uma recomendação da Comissão de Comercialização na primeira sessão ordinária, para tratar do novo regulamento de embarques; execução do orçamento de 1954 e da situação financeira do Instituto; criação de escritórios no exterior e no País; situação

das Usinas: e financiamento a preço mínimo para a safra 54/55.

Na primeira sessão dessa convocação, foi proposto um voto de louvor, pelo sr. Ribeiro Junior, do Paraná, ao Ministro da Fazenda, ao sr. Pacheco e Chaves, presidente do IBC., e ao presidente do Banco do Brasil, pela assistência incontinenti e eficiente que prestaram aos cafeicultores do seu Estado por ocasião das últimas geadas caidas no Paraná.

Dois assuntos dominaram praticamente os trabalhos: o novo regulamento de embarques e o plano agrário do IBC. O primeiro foi aprovado, depois de elaborado pela Comissão de Comercialização e de ampla discussão do plenário.

O projeto do plano agrário do IBC., de autoria do agrônomo Walter Lazzarini, também aceito, veio possibilitar a compra de 20 mil polvilhadeiras manuais para uso dos lavradores, uma verba de cinco milhões de cruzeiros para a aquisição de parasiticidas não produzidos no país; e um crédito rotativo de 23 milhões de cruzeiros para o combate à broca do café.

Durante os trabalhos, a presidência da Junta e uma comissão de seus membros conferenciaram com o Ministro da Fazenda, presidente do Banco do Brasil, diretor da CACEX, diretor da Carteira de Cambio do Banco do Brasil, sôbre o preço mínimo e financiamento para o café, estabelecendo as novas bases, que já foram amplamente divulgadas.

OUTROS ASSUNTOS

Apreciando a matéria sôbre a desapropriação da atual sede do IBC., o plenário aprovou o parecer da Comissão de Finanças mandando arquivar o processo por ser "fato consumado". E autorizou a diretoria do IBC a abrir concorrência pública para a aquisição de novo edifício.

Quanto ao problema das Usinas, ficou resolvido que o Instituto organizasse uma ou mais comissões de técnicos, para estudarem "in loco" a situação das mesmas, para que depois, então, a Junta debatesse o relatório dessas comissões.

Os acordos com os Estados receberam pareceres favoráveis da Comissão de Comercialização, com delegação de poderes aos orgãos estaduais que estejam cumprindo as cláusulas contratuais para a execução dos mesmos.

Foram, ainda, submetidas ao plenário e aprovadas, com pareceres favoráveis das respectivas comissões as seguintes materias: regulamentação e fiscalização dos cafés já liberados nos armazéns inclusive; a criação de novos escritórios, extender a todo o país, através do IBC a recomendação para que fosse exercida pela Superintendência de Café de São Paulo maior fiscalização nas torrefações; criação de um corpo de funcionários da Junta Administrativa, retirado do quadro do IBC, sendo escolhido para secretário-geral da Junta, o sr. Geysa Boscoli.

Debateu-se, também, o estudo apresentado pelo representante da Praça do Rio de Janeiro sôbre a criação do Fundo do Café, ficando estabelecido que na próxima reunião ordinária de outubro, a Junta apreciará mais detalhadamente a matéria.

Na sessão de encerramento, o plenário aprovou o parecer da Comissão de Finanças, relatado pelo representante paranaense Hugo Cabral, sobre a execução orçamentária do IBC, no presente exercício.

Antes de encerrar os trabalhos, o presidente Paula Soares fez uma exposição das atividades da atual Diretoria do IBC, mostrando como ela atuou em benefício da economia cafeeira do país.

ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ASSISTÊNCIA À CAFEICULTURA

Perante a Junta Administrativa, reunida em sua primeira sessão, o agrônomo Walter Lazzarini apresentou um relatório das atividades do Departamento de Economia e Assistência à Cafeicultura, de que foi chefe até recentemente, deixando o posto por haver sido chamado pelo Govêrno do Estado de São Paulo para o exercício de importante missão na Secretaria de Agricultura daquele Estado. O Departamento de Economia e Assistência à Cafeicultura se incumbe de todas as medidas economicas, financeiras e técnicas que o Instituto executa no seu mister de dar auxílio às atividades desenvolvidas na produção da rubiácea.

Conquanto não esteja ainda organizado e aparelhado para poder executar, de maneira plenamente satisfatória, todos os serviços que lhe estão afetos, o Departamento já levou a cabo e encetou varias realizações, como se verá do relatório do agrônomo Walter Lazzarini cujos pontos mais importântes vão aqui reproduzidos.

RECUPERAÇÃO DOS CAFEZAIS

"A história do café, no Brasil — diz o relatório — é uma única e se resumida

na derrubada das matas, plantio e colheita por 30 ou 40 anos e mudanças para as zonas novas.

Não tem sido outro o sistema que não esse. O café arrasa glebas imensas de formação milenar, em poucos anos. Infelizmente, porém, este sistema está no fim de seu ciclo, ou por não existirem mais terras virgens, ou por serem elas localizadas separadamente a distâncias grandes, o que torna êsse tipo de exploração agrícola antieconômico.

Verifica-se êsse fato nas lavouras do Estado de São Paulo, cuja produção média vem caindo, gradativamente, até que o preço não compensa mais a diminuta produção e o lavrador é obrigado a abandonar a cultura de café por cereais ou pastagens.

Partindo-se do conceito de que o solo é o lugar onde se estabelecem as culturas, temos que encarar o problema de outra forma que não se fez até hoje.

Analisando-se os dados do desgaste do solo em período relativamente curto, verifica-se que a perda de elementos uteis à planta é enorme, como se vê no quadro abaixo:

Perdas de elementos do solo em 22 anos de cultivo de café — Analise de R. Bolliger

Instituto Agrônomico de Campinas

TERRA ROXA

(Profundida considerada — 1,20m)

	Terra Virgem	*Após 22 anos*	*Perdas em 22 anos*
Humus; ton./hect.	252	153	39%
N KE/ha	995	498	50%
PO4 "	785	496	37%
K "	224	16,5	93%
Mg "	595	94,2	85%
Ca "	2.249,4	447,8	80%
ph médio	6,7	5,7	——

O relatório da Comissão do Reerguimento da lavoura Cafeeira apresentado ao Secretário da Agricultura de São Paulo, em 1944, analisa também essa questão e opina; "Considerando a transição do solo virgem para cansado, verifica-se o seguinte declinio em elementos fertilizantes, por alqueire (24.200 m2) espessura de 35 cm";

QUADRO

	Solo virgem	*Solo cansado*	*Perda* (*)
Matéria orgânica	412.000 kg	26.000 kg	94
N total	11.000 kg	1.400 kg	87
CaO trocável	20.000 kg	900 kg	95
K20 "	1.400 kg	115 kg	92
P2O5 "	1.600 kg	600 kg	62

(*) O cálculo em percentagem de perdas é nosso.

O processo para recuperação dos solos nessas condições, é o de repor o material que dele foi retirado. Essa reposição é feita à custa de adubação.

Analizando-se a questão dos fertilizantes em nosso meio verifica-se que estamos numa situação de inferioridade, se compararmos com outros países. Devemos essa situação, em grande parte, ao preço dos adubos, no Brasil, que chega a ser algumas vezes mais caro que em outros países, conforme se vê no quadro abaixo:

"ASPECTOS DO PROBLEMA DA ADUBAÇÃO"

Apolonio Sales

Preço relativo dos adubos
(dolar por tonelada)

QUADRO

	Azoto	*P2O5*	*K20*
Portugal	475	134	152
Suiça	426	198	130
Itália	400	174	146
Luxemburgo	364	60	119
França	350	150	78
Bélgica	325	127	120
Grécia	300	245	157
Aústria	295	122	57
Irlanda	287	154	120
Suécia	276	132	105
Dinamarca	264	116	101
Holanda	250	142	99
Alemanha	245	92	62
Reino Unido	167	91	83
Noruega	780	473	245
Brasil	780	473	245

Em virtude dessa disparidade de preço, então vemos que, em relação a outros países, a área por nós adubada é, em geral, muito pequena. Se compararmos com a França, por exemplo, a nossa posição relativa é 150 vezes inferior, número êsse obtido estabelecendo-se a relação da área de terra do Brasil e a da França, que é cerca de 15 vezes maior, e a quantidade de adubo fosfatado consumido por aquêle país que é de mais de 10 vezes o nosso, sendo então calamitosa para a agricultura nacional a questão dos fertilizantes.

"ASPECTOS DO PROBLEMA DA ADUBAÇÃO"

Apolonio Sales

Consumo de Adubos Fosfatados

QUADRO

Principais países	*P2O5*	*Area mil Km2*	*1950 Produção milhões*
França	425.000	551	42
Reino Unido	386.690	244	50
Itália	290.000	301	46
Espanha	136.000	503	28
Holanda	130.000	34	10
Estados Unidos	1.836.000	7.829	152
Canadá	113.000	9.558	14
Cuba	19.348	115	5
México	7.500	1.969	26
Rep. Dominicana	400	50	2
Brasil	30.000	8.516	52
Peru	24.000	1.249	8
Chile	17.194	742	6
Argentina	6.500	2.794	17
Colômbia	6.000	1.139	11

Japão	282.360	369	83
Coréia do Sul	20.000	95	29
Índia	17.000	—	358
Tailândia	15.063	514	18
Israel	10.200	—	1
União Sul-Africana	104.000	1.224	12
África Franc. do Norte	36.000	2.624	9
Tunísia	8.660	156	17
Austrália	335.280	7.704	8
Nova Zelândia	148.500	267	2

As áreas e populações dos países foram obtidas das publicações das Nações Unidas.

Dadas as condições deficientes da adubação de nossa lavoura, seria de se esperar que as entidades correlatas, isto é, a indústria de adubos, também estivesse na mesma situação de nossa agricultura. No entanto, não é isto o que acontece. As firmas vendedoras de adubos, geralmente, desfrutam de situação econômica muito boa, podendo-se classificar entre os bons negócios do nosso país a venda de adubos, o que parece um contrasenso, ou mesmo absurdo, mas é o que de fato se verifica.

A indústria de adubos estando satisfeita, econômicamente, é natural e lógico que procure, instintivamente manter o estado atual e as condições em que vive, que é contrário ao interêsse da nossa agricultura.

A interferência governamental, nesse caso, não só é util, como necessária.

Pelo estudo feito pelo Instituto Brasileiro do Café, sabemos que podem ser vendidos os adubos, aos lavradores do Brasil, pela metade dos preços que eles pagam atualmente, e ainda, contrariando uma tendência que se observa com as diversas firmas de adubo, pode o órgão estatal melhorar as condições técnicas de adubação e fornecer produto de comprovada eficiência, em maior concentração nas fórmulas, de modo a se despender o mínimo em manuseio e embalagem e transporte, que encarecem inutilmente a adubação.

O Instituto Brasileiro do Café entrou em entendimentos com o Ministério da Agricultura para, em acordo, proceder à importação de adubos para serem vendidos aos lavradores, em condições mais favoráveis possíveis.

Assim é que estamos procedendo à importação de 50.000 toneladas de adubos minerais que vão possibilitar adubação, de forma racional e econômica, a 100 milhões de cafeeiros. Essa quantidade representa no Brasil apenas 4% do número de cafeeiros plantados. No entanto, poderia ser estabelecido um princípio na questão de adubação em nosso país, pois os lavradores que usarem vossos adubos serão grandemente beneficiados e terão a possibilidade de verificar o efeito dos mesmos, passando, pensamos nós, a adubar normalmente as suas culturas e, também, consumir em maior quantidade e exigir das firmas que lidam com adubos maior eficiência para êsse fim, como a diminuição do preço de venda com o aumento da concentração dos elementos em suas formulas. Seria, também, no futuro menor a discrepancia na composição, pois que essa é muito grande e as vezes não justificada por nenhuma ordem técnica.

Com o estimulo dos lavradores, por essa intervenção estatal, é possível o desenvolvimento da prática de adubação e o reajuste do sistema de vendas do comércio por menor preço, em virtude do maior volume, e então poderá haver melhoria para nossa produção.

Conseguido êsse objetivo, deve o Instituto Brasileiro do Café paralisar suas atividades nesse sentido, pois que a iniciativa particular, quando bem orientada e expurgada de vícios de organização, é mais eficiente e econômica que a dos órgãos governamentais".

LAVOURA NOVA EM TERRAS VELHAS

"Tècnicamente — frisa o secretário Lazzarini — é possível e, econômicamente, viável, o estabelecimento de cultura cafeeira nova em terras velhas.

Êsse fato já passou do domínio da experimentação agrícola para a cultura normal, em diversa localidades do país.

São hoje vários os lavradores que já fazem cultura de café baseados numa técnica agronômica adiantada em que o solo entra quase que apenas como suporte das plantas.

A adubação orgânica, a verde e a química proporcionam, no tocante à nutrição das plantas um estado perfeitamente comparável ao de nossas primitivas terras virgens

E' evidente que é muito mais fácil a cultura em terras novas, mas na sua falta, temos que nos voltar para as esgotadas.

Seria de alto alcance se o Instituto Brasileiro do Café estimulasse êsse tipo de cultura, que no futuro deverá ser normal em todo o país.

Pensamos que, para isso, seria necessário um financiamento específico para pequena lavoura cafeeira, com 5 ou 10 mil pés estabelecidos como lavoura, piloto, nos diversos municípios cafeeiros do Brasil, onde houvesse possibilidades de desenvolvimento da lavoura cafeeira.

Essa cultura piloto seria instalada por contrato com os lavradores, no qual o Instituto Brasileiro do Café determinaria tôdas as questões técnicas, desde variedades, espaçamento, sistema de plantio, combate à erosão, adubação, etc., de modo a que fossem aplicados todos os atuais conhecimentos da agronomia.

Pensamos que 500 plantações com o total de 5 milhões de cafeeiros, os quais, com financiamento de 4 anos, custariam 100 milhões de cruzeiros, ou 25 milhões por ano, viriam proporcionar aos lavradores de quase tôdas as zonas cafeeiras do Brasil a oportunidade de observarem, em suas próprias condições, uma lavoura conduzida tècnicamente.

O alcance da medida seria bastante eficiente, pois o sistema que melhor impressiona o lavrador é o de verificar por si os trabalhos técnicos aplicados na prática.

E isso é de importância ser encarado. pois que o esgotamento dos solos é real e progressivo, mesmo que se tomem medidas de proteção adequadas. Com maior ou menor tempo, a situação será a mesma, isto é, haverá necessidade de se tratar as culturas com adubação correta que será a fonte de nutrição das plantas, o que, aliás, já ocorre em muitas regiões do mundo".

SEMENTES

"Entre tôdas as práticas agrícolas a mais econômica é a do uso de sementes de melhor capacidade produtiva.

Os gastos que se fazem em uma cultura qualquer são os mesmos, quer usando-se sementes de elevada capacidade de produção, quer se usem sementes sem essa capacidade.

De modo que é de todo interêsse que se estabeleçam as novas culturas e replantas das antigas com sementes tratadas agronomicamente e oriundas de entidades oficiais que tenham programa de seleção de café.

Por êsse motivo, o Instituto Brasileiro do Café entrou em entendimento com o Govêrno do Estado de São Paulo, no sentido de comprar, naquela unidade da Federação, por intermédio de sua Secretária da Agricultura, tôdas as sementes disponíveis procedentes de culturas originadas do Instituto Agronômico de Campinas.

Pretende o Instituto Brasileiro do Café, com essas sementes, cerca de 50.000 quilos distribuídos nos diversos Estados cafeeiros, obter 10 milhões de cafeeiros, que se constituirão em nucleo de observação e futura produção de sementes.

Além dessas, a Secretaria de Agricultura de São Paulo distribuirá, aproximadamente, mais de 50.000 quilos.

O Instituto Brasileiro do Café comprará da Secretaria de Agricultura sementes com garantia de germinação, variedade e origem, depois as venderá pelo preço de custo aos lavradores.

Serão aplicados, nessa operação, cerca de 4 milhões de cruzeiros, os quais voltarão com a venda dessas sementes.

Iremos, assim distribuir sementes oriundas de culturas feitas com sementes do Instituto Agronômico de Campinas, das variedades "Bourbon Amarelo", "Bourbon Vermelho", "Caturra Amarelo", "Catura Vermelho" e "Mundo Novo".

Na quantidade programada para recebimento do Instituto Brasileiro do Café, uma parte é de origem especial e será distribuída a lavradores escolhidos para se constituirem, no futuro, campos de fornecimento de sementes."

IRRIGAÇÃO

"Entre as práticas agrícolas capazes de melhorar a cultura cafeeira do Brasil, ocupa um lugar de grande destaque a irrigação, em algumas zonas onde é praticável.

O Estado de São Paulo todo, o norte do Paraná e a zona sul de Minas têm condições propícias à irrigação. Nessas zonas o período de maio a setembro, em geral, é muito seco, com precipitação pluviométrica inferior ao mínimo requerido para as necessidades normais do cafeeiro.

Estudos feitos pelos eng.-agrônomos Coaracy de Morais Franco e Romeu Inforzato, do Instituto Agronômico de Campinas, determinaram a necessidade de água correspondente a cerca de 230 mm de chuva para a transpiração média do café, de maio a setembro, em ótimas condições de uni-

dade, sem computar a evaporação direta do solo, a transpiração de ervas más, ou qualquer outra perda de água.

Computando-se os dados de chuvas de Ribeirão Preto, verifica-se que a precipitação dos mêses de maio a setembro é sempre inferior aos determinados 230 mm.

E' fato conhecido dos lavradores que, em consequência das secas, os cafeeiros perdem quase que totalmente suas folhas e consequentemente a produção é diminuta.

Dados obtidos na zona agrícola de Ribeirão Preto, nas fazendas Iracema, Santa Teresa, Estação Experimental e Agudos mostram claramente a correlação existente entre a quantidade de chuva caída no período que vai de maio a setembro e a produção. Quando a precipitação pluviométrica é grande, a produção também o é.

O quadro seguinte elucida bem o assunto:

ANO	FAZENDAS							
	Iracema		Sta. Teresa		Estação Exp.		Agudos	
	chuvas mm.	*prod. ar.*	*chuvas mm.*	*prod. ar.*	*chuvas mm.*	*prod. ar.*	*chuvas mm.*	*prod. ar.*
1926/7	249	68	—	—	—	—	—	—
27/8	469	109	—	—	—	—	—	—
28/9	186	74	—	—	—	—	—	—
29/30	192	96	—	—	—	—	—	—
30/1	164	38	—	—	—	—	—	—
31/2	166	88	—	—	—	—	—	—
32/3	183	35	—	—	—	—	—	—
33/4	222	68	—	—	—	—	—	—
34/5	116	34	—	—	—	—	—	—
35/6	472	95	—	—	389	62	—	—
36/7	210	37	—	—	190	21	—	—
37/8	156	41	104	50	105	35	—	—
38/9	180	31	159	29	159	18	—	—
39/40	270	47	257	57	259	41	—	—
40/1	85	3	61	3	60	3	14	5
41/2	321	38	268	15	279	21	257	36
42/3	80	18	38	33	54	8	72	26
43/4	88	27	74	12	74	16	30	6
44/5	10	18	7	12	8	11	0	12
45/6	71	32	74	39	74	21	13	21
46/7	169	25	100	16	100	10	113	
47/8	283	55	214	53	200	34	218	56
48/9	123	6	56	10	56	3	30	10
49/50	83	23	66	20	66	18	114	37
50/1	25	16	35	14	35	16	9	10

NOTA: As chuvas são as caídas de maio a setembro, anteriores à colheita da coluna seguinte. A produção é dada em arrobas de café beneficiado por mil pés.

Agrupando-se as produções dos varios anos em escala de 100 milimetros de chuva, verificamos então que nessas fazendas, em 30 anos de chuvas de zero a 100 mm, a produção media foi de 16 arrobas por mil pés, em 19 anos com chuvas de 100 a 200 mm a produção foi de 37 arrobas e em 17 anos com chuvas acima de 200 mm a produção media alcançou 54 arrobas por mil cafeeiros.

Em trabalho publicado no boletim da Superintendência dos Serviços do Café, de maio de 1952, mostramos os resultados experimentais de um ensaio de irrigação levado a efeito na Estação Experimental de Ribeirão Preto, no periodo de 1944 a 50, em que analisamos os dados de produção, maturação e rendimento do café.

Pelo quadro abaixo, tem-se a fôlha do aumento de produção média, de 7 anos, do café irrigado que foi de 41 arrobas por mil pés, ao passo que o não irrigado produziu 19.

	Quantidade de água de maio a setembro				Produção arrobas por 1.000 pés		
	chuvas mm.	*irrig. mm.*	*total mm.*	*colheitas dos anos*	*irrig.*	*não irrig.*	*aumento %*
1944	7,4	?	—	1945	27	14	93
1945	73,9	191,0	264,9	1946	42	26	60
1946	99,7	216,2	315,9	1947	21	8	163
1947	214,1	338,2	552,3	1948	86	38	126
1948	55,5	231,1	269,6	1949	12	8	50
1949	65,9	319,6	385,5	1950	55	21	162
1950	34,8	458,4	493,2	1951	41	15	173
Média					41	19	119

Vemos, também, que o café irrigado teve 17% a mais no rendimento que o não irrigado, media de 2 anos, 1950-1951, o que indica uma lavoura comum que tivesse como media de seu rendimento de 17 quilos de café beneficiado por saco de 40 quilos e meio de café em côco, com a irrigação o seu rendimento se elevaria para 20 quilos.

Assinalamos, no entanto, haver uma influência desfavorável da irrigação na questão da maturação dos frutos que é desigualada e antecipada do normal, obrigando a uma colheita mais cedo e mais rapida para evitar queda e perda dos frutos.

Acentuamos nesse trabalho: "observações feitas nas plantas irrigadas indicam que quando elas se acham definhadas, mal conformadas, ainda produzem mais que outras em igualdade de condições não irrigadas, porém, o aumento de produção provàvelmente não será economico".

Chamamos a atenção para: "como o trabalho de irrigação é relativamente caro, somos de opinião que só se deve executá-lo em cafeeiros de boa constituição, capazes de produzir safras grandes e que estejam em boas condições de trato é adubação corréta. Evita-se, assim, o esgotamento do solo e da planta. Esta depois de uma grande produção, forçada pelo acréscimo de água no periodo seco, se não encontrar elementos nutritivos suficientes no solo, estará em mais condições para suportar uma nova produção".

Pela razão exposta, cremos ser importante o Instituto Brasileiro do Café tomar medidas no sentido de facilitar ao lavrador a aquisição de aparelhos de irrigação para o café.

Temos propostas de firmas que podem fornecê-los em bases interessantes e diferentes das que têm sido feitas até agora.

Elas podem vender esses aparelhos com o pagamento de 20% a vista e o restante em 3 a 5 anos, aos juros de 6% a. a., desde que o Instituto Brasileiro do Café garanta, na ocasião dos vencimentos, a liquidação do débito dos lavradores, isto é, que o Instituto Brasileiro do Café consiga do Banco do Brasil uma garantia de, no vencimento dos titulos, poder enviar para a França os francos correspondentes a esse débito.

Se o Banco do Brasil, com o qual já entramos em contato, autorizar essa forma de operação, então o lavrador contrataria diretamente com os representantes brasileiros daquelas firmas, e o Instituto Brasileiro do Café seria o endossante da compra.

Na ocasião do vencimento dos titulos o lavrador pagaria ao Instituto Brasileiro do Café ou diretamente ao Banco do Brasil e este enviaria à firma francesa os francos correspondentes.

Cremos que a medida é de grande alcance, principalmente se sabendo que o efeito da irrigação é imediato e obtem-se aumento de produção considerável, já no próprio ano agrícola das primeiras irrigações.

A par dessas medidas, julgamos de máxima importância estimular as industrias de irrigação de nosso país, estudando com elas um tipo de financiamento a ser feito pelos órgãos de crédito, bem como favorecer as industrias estrangeiras que desejam montar no Brasil suas fabricas, sendo que já temos sido consultados por alguns representantes dessas industrias.

No momento atual, em que há falta de café no mundo inteiro, e em consequência os preços se mantém elevados, o Brasil, conseguindo irrigar grande parte de suas lavouras, poderia pôr um contingente maior de café à disposição dos países consumidores e por preços bastante compensadores".

ADUBAÇÃO VERDE NO CAFÈZAL

"O Instituto Brasileiro de Café iniciou uma campanha no sentido de que os lavradores usem a soja como adubo verde.

Já de longa data vem sendo recomendada por todos os técnicos no assunto a adubação verde no cafezal. Infelizmente, porém, essa pratica agrícola conhecida, cujos resultados são muito bons, não tem se estabelecido em nosso país e só raramente alguns lavradores a tem conseguido levar adiante, por anos seguidos.

Entre as principais dificuldades que tem o lavrador de seguir essa prática agrícola, está a de obtenção de sementes do adubo verde.

Entre as leguminosas que têm sido mais aconselhadas para esse fim estão o "Feijão de Porco" e a "Crotalaria Juncea", as quais apresentam alguns inconvenientes sérios que, em nossa opinião, têm sido os responsaveis pelo não estabelecimento em definitivo da prática da adubação verde.

O "Feijão de Porco", além de ter sementes muito grandes, que ocasionam o encarecimento da sua cultura, ainda é susceptivel à molestia de virus que, em certos casos torna a produção de sementes nula ou muito deficiente.

A "Crotalaria Juncea", por outro lado, tem as sementes por demais pequenas e é comumente atacada por um fungo que lhe ocasiona a "murcha" e, nesse caso, também não produz sementes, sendo reduzida a quantidade de massa verde.

Essas duas leguminosas têm o inconveniente de não poderem ser colhidas mecanicamente, com as maquinas normais de uso na agricultura atual.

Para adubação verde com essas leguminosas o próprio agricultor é obrigado a produzir suas sementes, ficando privado delas quando sua produção não for boa e também sem fonte certa onde recorrer para obtê-las e, de outro lado, quando a cultura da leguminosa correr bem, o lavrador terá excesso, ficando, então, em situação inversa, isto é, sem ter onde colocá-las.

A soja vem apresentar vantagens que resolvem de vez o problema de adubação verde nos cafezais. E' uma leguminosa que pode e deve ser cultivada mecanicamente, desde a semeação à colheita, e isso é feito com as máquinas normais encontradas no mercado, o que reduz muito seu preço de custo.

Não é susceptível a nenhuma praga ou moléstia que a dizime, ou mesmo que seja de difícil combate.

A quantidade de massa produzida por ela é semelhante a do "feijão de porco" e, embora menor do que a "crolatarea" quando corre a cultura desta normal, mas muito maior que ela quando atacada da "murcha".

Existem culturas extensas dessa planta em diversos países do mundo sendo que nos Estados Unidos é uma das principais explorações agrícolas, por isso os trabalhos agronômicos em andamento com essa leguminosa são incomparàvelmente maiores que com os outros adubos verdes.

Há firmas que exploram, comercialmente, a venda de inoculantes especificos para soja, os quais, em certas condições, podem decidir o exito da cultura.

E' uma semente facilmente comerciável por produzir oleo comestível comparável aos de melhor qualidade e ter grande quantidade de proteinas (mais de 40%) de alto valor, além de elevada quantidade de sais minerais. Isso faz com que não sendo ela vendida no mercado, pode ser usada na própria fazenda no arraçoamento dos animais, ou a alimentação humana, melhorando-a consideràvelmente.

Alguns países têm na soja sua principal fonte de proteinas.

Por essa razão, cremos que o problema do adubo verde deve ser resolvido por meio da soja, devendo o Instituto Brasileiro do Café incentiva-la por todos os meios.

Existe em São Paulo mais de 100.000 sacos de sementes que podem ser destinados a esse fim.

O Instituto Brasileiro do Café já entrou em entendimentos com o govêrno daquele Estado, no sentido de que sejam fornecidas aos diversos Estados cafeeiros do Brasil, sementes dessa leguminosa.

Devemos renovar a campanha neste ano agrícola, levando as sementes às localidades mais proximas possíveis dos lavradores".

PRAGAS DO CAFÉ

"Em nosso país duas pragas principais comumente ocasionam elevados prejuizos à produção cafeeira: a Bróca e o Bicho Mineiro.

O efeito causado por esses dois insetos já é perfeitamente conhecido.

A Bróca ataca os frutos do café. Na região sul do Brasil o ataque mais intenso é iniciado em outubro e novembro, prosseguindo até à colheita. Em certas zonas o ataque é excessivamente rigoroso e pode ocasionar, como já tem feito, a perda total da colheita e, quando não, promove uma diminuição grande na produção, apresen-

tando-se o produto com mau especto e só é aceito por mercados pouco exigentes e por preço muito baixo.

O período para o cambate à Bróca na referida região e em outras zonas importantes é nos mêses de outubro a janeiro.

O Bicho Mineiro ataca as folhas do café, causando-lhes morte e queda em período que antecede a florada, impedindo a frutificação normal.

Na região sulina o ataque da praga se intensifica no mês de abril, época propícia ao combate.

Os processos para o combate à essas duas pragas são os mesmos: tanto maquinas como inseticidas, além de muito eficientes. são, relativamente, de preços baixos.

Muitos lavradores já combatem essas pragas, porém, não é medida perfeitamente integrada nas práticas agrícolas das regiões afetadas por elas.

Para o combate a essas pragas o Instituto Brasileiro do Café, na sua primeira fase de organização, foi procurando atender com numerario e maquinas os Estados que necessitavam e que não tinham ainda organização para fazer face ao problema.

Os Estados de São Paulo e Paraná têm Juntas de Combate às Pragas do Cafeeiro que congregam técnicos da Secretaria e do Ministério da Agricultura, que superintendem o trabalho oficial de combate às pragas.

O Instituto Brasileiro do Café entrou em entendimentos com o Ministério da Agricultura, de forma à estabelecer um acordo em que possa fazer parte dessa organização, ampliando consideràvelmente a atuação dessas Juntas, que bem orientadas podem ser de grande eficiência na solução desse problema.

Dada a importância do assunto e a dificuldade com que lutam os pequenos lavradores para obter os meios necessários, é pensamento do Instituto Brasileiro do Café promover a importação de número substancial de polvilhadeiras manuais para serem vendidas pelo preço de custo aos mesmos.

Nessas condições, o preço poderá ser bem inferior, mesmo metade ao do mercado normal. Para as grandes lavouras e em regiões onde isso é possível, o Instituto Brasileiro do Café deve estimular o uso de avião que é o processo mais rápido, barato e eficiente no combate a essas pragas. Assim, está estudando a importação de aeronaves, bem como irá facilitar, no que estiver ao seu alcance, o desenvolvimento de companhias particulares que se proponham a fazer o polvilhamento dos cafezais por esse meio.

E', também, pensamento do Instituto Brasileiro do Café estimular as indústrias nacionais que fabricam os inseticidas e polvilhadeiras, liberando nossa lavoura da importação.

Além das duas pragas citadas há outras que, em certas regiões, ocasionam prejuízos às vezes ruinosos para a cafeicultura.

Nessas condições, por exemplo, se acha a Cigarra que suga a raíz do café e ocasiona definhamento e mesmo morte da planta. Para essa praga não existe ainda processo eficiente de combate, limitando a ação do Instituto Brasileiro do Café ao incentivo do estudo da praga pelas entidades científicas ligadas ao assunto.

Outra praga que também tem ocasionado sérios prejuízos a algumas zonas do país é o Caramujo. Felizmente, para êsse existe combate, embora relativamente caro, é bastante eficiente. Pulverizações com Metaldeido praticamente elimina os Caramujos das lavouras.

Tem havido serias e incompreensiveis dificuldades para a importação desse produto.

O Instituto Brasileiro do Café está em entendimentos com diversas firmas para a importação de 10.000 quilos desse produto que será destinado a zonas de infestação mais intensa dos caramujos.

Pelas observações que se fizeram com êsse primeiro combate, que será efetuado no Brasil, então poderemos organizar um programa sistemático de combate a essa praga.

Caruncho das talhas. Em alguns armazéns do porto de Santos tem havido ataque intenso desse caruncho em café armazenado.

Praga que normalmente não ocasiona prejuízos consideráveis, no entanto, em condições propícias pode tornar-se muito importante. Aliás, isso já se verificou em alguns armazéns do referido porto.

O Instituto Brasileiro do Café entrou em entendimentos com o Instituto Biológico de São Paulo no sentido daquela entidade, de carater científico, programar as medidas de combate necessarias para reduzir a importância da citada praga.

Além dessas pragas existem outras, porém, de âmbito mais restrito e menos importante para as quais, no momento o Instituto Brasileiro do Café não julga necessário organizar combate sistematizado."

QUALIDADE DA BEBIDA

"Desnecessário é repetir que a perda do café brasileiro na concorrência mundial é consequência, em grande parte, de sua bebida.

Nas condições, atuais, é lógico que, sendo a oferta menor que a procura, todo o café é vendido, havendo disputa mesmo para os tipos inferiores.

Mesmo agora, porém, em que há falta do produto, vê-se uma diferença considerável entre os tipos superiores e os inferiores. A cotação do dia 2 de abril de 1954, por exemplo, dava para o Santos tipo 4 Cr$ 475,00 por 10 quilos, enquanto o Rio 7, Cr$ 372,00 e Vitória 7/8, Cr$ 270,70. Isso equivale aos preços de Cr$ 2.850,00, Cr$ 2.232,00 e Cr$ 1.624,20 por saco de 60 quilos.

No entanto, temos de estar prevenidos para quando a situação se inverter, isto é, houver maior disponibilidade de café. Então, só se venderá o de melhor qualidade. Por isso, é necessário que o Instituto Brasileiro do Café tome já algumas providências nesse sentido.

De início, seria fácil obter certa melhoria de produto por meio de regulamentação que impedisse a exportação de café de qualidade inferior e determinasse mais rigor na classificação e padronização dos tipos.

Para o futuro, porém, o problema será mais sério e devemos atentar para o preparo do café, de modo a que se tenha maior quantidade de bebidas finas em vez de "duro" ou "Rio".

Nesse sentido, o Instituto Brasileiro do Café, por acordo com a Secretaria da Agricultura de São Paulo, está estudando o problema para, com resultados experimentais seguros, tomar uma diretriz. Para isso foram contratados técnicos americanos que, juntamente com os brasileiros, no Instituto Agronômico de Campinas, deverão estudar o assunto de modo a se obter um processo prático e econômico de secagem do café, melhorando a qualidade da bebida.

A pergunta a ser respondida é: podem as zonas produtoras de cafés de bebida dura ou Rio passarem a produzir economicamente cafés moles ou estritamente moles?

Já se investigou a influência de fungos, insetos, despolpamento e temperatura, mas ainda não se tem plena segurança no responder à pergunta e isso precisa ser feito.

Desde que se positive o processo pelo qual se possa obter cafés de bebidas suaves nas regiões tradicionalmente produtoras de cafés de bebida duras e seja o processo economicamente exequível, deverá o Instituto Brasileiro do Café organizar um programa amplo, no sentido de melhoria da qualidade de nossa bebida, principalmente nas regiões conhecidas como de pior qualidade.

FINANCIAMENTO

"Pode o Instituto Brasileiro do Café orientar o crédito dos Bancos oficiais para os lavradores de café em um sentido diferente do que tem sido feito até aqui.

O crédito atual é baseado no número de pés de café, na capacidade econômica do indivíduo ou na sua colheita provável.

Podemos entrar em entendimentos com os Bancos para financiarem, além da quantia fixa por pé de café, um acréscimo determinado para adubação, combate à erosão e às pragas, adubação verde, maquinária, equipamentos, instalações, construções, eletricidade demais coisas necessárias à melhoria.

Seria necessário um acordo entre o Instituto Brasileiro do Café, os Bancos e as Secretarias de Agricultura dos Estados, de forma a que os Agrônomos dessas diversas entidades pudessem orientar e fiscalizar a aplicação dos recursos.

Assim, haveria melhor distribuição do dinheiro por aplicação mais razoável e principalmente uma difusão mais rápida dos conhecimentos da técnica agronômica, cujo veículo financiamento é dos mais eficientes."

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO SOBRE O CAFÉ

"E' programa do Instituto Brasileiro do Café que a produção caminhe num sentido de melhor técnica, a fim de se obter na mesma area, maior volume e por custo mais baixo.

Para obtenção dessa melhoria é necessário que o corpo técnico do Instituto Brasileiro do Café esteja perfeitamente aparelhado e a par das últimas conquistas de técnica agronômica em desenvolvimento no nosso país.

Assim, pelo acôrdo feito com o Governo de São Paulo, haverá um Curso de Especialização sobre Cafeicultura a ser ministrado pelos diversos técnicos da Secretaria de Agricultura, bem como de outras entidades. Não será esse curso dedicado exclusivamente aos técnicos do Instituto Brasileiro do Café, más a todos os Engenheiros Agrônomos do Brasil que queiram aperfeiçoar os seus conhecimentos naquela unidade da federação, a qual tem trabalhos agronômicos os mais adiantados de nosso país.

Dessa maneira, pretende o Instituto Brasileiro do Café tornar mais eficiente o tra-

balho de todos os técnicos que militam na cafeicultura e também dar-lhes uma unidade de ação necessária para o estabelecimento de maior confiança entre os lavradores.

O Instituto Brasileiro do Café incluiu em seu programa fazer com que todos os seus técnicos façam esse curso e, também, os agronômicos de outras entidades oficiais terão facilidade para isso.

O curso em questão abrangerá desde as ciências básicas até a prática no campo de plantio e trato de café e será ministrado pelo Instituto Agronômico de Campinas Os trechos terão a oportunidade de, além das aulas teóricas, verificar na pratica todo o trabalho executado por aquela Instituição, inclusive em suas Estações Experimentais sediadas em diversas localidades do interior de São Paulo, bem como observarem em fazendas particulares a aplicação da técnica agronômica."

CHUVAS ARTIFICIAIS

"Há alguns anos vêm cientistas de diversas partes do mundo, principalmente dos Estados Unidos, estudando o problema das chuvas artificiais.

Sociedades comerciais já se formaram, naquele país, com o proposito de venderem chuvas.

Em nosso país, duas pessoas são bem conhecidas como estudiosas desse assunto: o engenheiro Janot Pacheco e o professor De marco.

As opiniões nos meios culturais de nosso país divergem, havendo os que crêem e os que não crêem no trabalho desses senhores. No entanto, pensamos não ser assunto que merece maior consideração, pois se se realizarem as promessas contidas nas afirmações do engenheiro Pacheco, serão mudadas as características economicas do nosso país.

Nos Estados de maior produção de café — São Paulo, Minas e Paraná — ocorrem períodos de seca, já por demais conhecidos, que reduzem a capacidade de produção dos cafeeiros, muitas vezes tornando anti-economica a sua cultura e acarretando outros prejuízos como o temor dos lavradores em aplicarem adubação, com receio da sêca inutilizar os seus esfôrços.

A falta de chuva no período de julho, agosto e setembro, naqueles três Estados, é comum e justamente numa época em que se dá á formação das flores do cafeeiro, impedindo o seu desenvolvimento normal e ocasionando muitas vezes a sua queda prematura, por estar a planta nesse período em más condições fisiológicas, com falta de folhas.

O Instituto Brasileiro do Café está se interessando pela questão e estudando com o engenheiro Janot Pacheco a possibilidade de efetuar experiências no período mais seco do ano em localidades cafeeiras, de modo a obter uma quantidade de chuva que estimamos em 100 m/m mensais e crê o referido engenheiro obtê-los com facilidade.

Cada trabalho necessário para fazer chover orça em, aproximadamente, 50.000 cruzeiros.

E' importante assinalar aqui que o engenheiro Janot Pacheco afirma ter descoberto o processo de formação de nuvens, o que é uma conquista além do que já é feito nos outros países.

Os americanos afirmam fazer chover, desde que haja nuvens especiais no firmamento, porém, não são capazes ainda de criar ou provocar a formação de nuvens em céu limpido. Já o engenheiro patricio se propõe a formar nuvens onde elas não existem. A afirmação de s.s. segue lógica semelhante à da precipitação das nuvens formadas, isto é, partindo da existência de umidade no ar, então o eng. Pacheco promove a primeira aglutinação dessa unidade em nuvens e, posteriormente, a sua precipitação.

A importância econômica que envolve o assunto, na possibilidade de se positivarem as afirmativas do engenheiro Pacheco, cremos justificar plenamente o risco que o Instituto Brasileiro do Café correrá em patrocinar essa experiência."

CONVÊNIOS COM O MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

"Com o Ministério da Agricultura foram estabelecidas as bases de "acordos" envolvendo a experimentação, fomento e combate às pragas do cafeeiro.

Por esse "acordo" o Instituto Brasileiro do Café inverterá cerca de 30 milhões de cruzeiros para serviços especificos de interesse da cafeicultura.

À parte de experimentação será atribuida a importância anual de Cr$ 5.100.000,00 para ampliação do trabalho experimental do Ministério da Agricultura, que passará de 40 experimentos para 54, conforme demonstração do quadro abaixo:

FOMENTO AGRICOLA

"Como medida de fomento vão ser instalados, em razão do "acordo", em fazendas do Ministério da Agricultura, campos de demonstração em 13 Estados, no total de 28 localidades, 140.000 cafeeiros, com sementes selecionadas e obedecendo às determinações técnicas atuais, de modo a que os lavradores da região possam verificar, por observação propria, os benefícios que advirão de suas lavouras quando seguirem os preceitos agronômicos.

ESTADOS	LOCALIDADES	EXPERIENCIAS	
	Est. Expor.	antigas	novas
Ceará	2	—	8
Pernambuco	1	—	3
Bahia	2	6	4
Espírito Santo	1	—	5
Rio de Janeiro	1	—	5
Minas Gerais	5	28	7
Goiás	2	3	7
Mato Grosso	1	—	3
São Paulo	1	3	3
Paraná	2	—	5
Santa Catarina	1	—	4
TOTAL	19	40	54

Com esse "acordo o Instituto Brasileiro do Café dispenderá a importância Cr$ 4.232.000,00, sendo Cr$ 1.532.000,00 no primeiro ano e Cr$ 900.000,00 nos três seguintes.

Esse parcelamento é necessário, com maior dispendio no 1.o ano, porque neste haverá necessidade de maiores gastos para as despesas iniciais da instalação.

Deverão ser instalados os campos de demonstração do quadro abaixo:

ESTADOS	LOCALIDADES	CAFEEIROS
Ceará	2	10.000
Rio Grande do Norte	2	10.000
Paraíba	1	5.000
Pernambuco	2	10.000
Bahia	3	15.000
Espírito Santo	2	10.000
Rio de Janeiro	4	20.000
São Paulo	2	10.000
Paraná	5	15.000
Minas Gerais	3	15.000
Mato Grosso	1	5.000
Goiás	2	10.000
Santa Catarina	1	5.000
Total	28	140.000

COMBATE ÀS PRAGAS

"Nesse sentido, foram destinados Cr$ 23.000.000,00 pelo Instituto Brasileiro do Café para serem juntados aos recursos do Ministério da Agricultura e das Secretarias de Estado, no sentido de ser dada maior amplitude e eficiência aos trabalhos de combate às pragas dos cafeeiros.

Com esses recursos serão atacadas as pragas em cerca de 90.000.000 de cafeeiros, inicialmente, e ainda sendo um crédito recuperável em parte e rotativo, será esse número grandemente ampliado.

A quantia desse "acordo" será especificamente usada de maneira constante do quadro seguinte:

Estados	*Inseticidas*		*Veículos combust. peças, etc.*	*Pessoal*	*Total*
	KG	Cr$	Cr$	Cr$	Cr$
São Paulo	1.200.000	4.000.000	600.000	400.000	5.000.000
Paraná	1.200.000	4.000.000	500.000	500.000	5.000.000
Minas Gerais ..	600.000	2.050.000	550.000	400.000	3.000.000
Espírito Santo .	960.000	3.200.000	500.000	300.000	4.000.000
Rio de Janeiro .	950.000	3.200.000	500.000	300.000	4.000.000
Bahia	480.000	1.600.000	300.000	100.000	2.000.000
TOTAL	5.400.000	18.050.000	2.950.000	2.000.000	23.000.000

ACORDOS COM OS ESTADOS CAFEEIROS

"Na primeira fase de trabalho foi imprimida uma orientação ao Instituto Brasileiro do Café de não ser executivo na parte de técnica agronômica, a fim de evitar o estabelecimento de atividades paralelas às já existentes nos diversos Serviços, quer do Ministério ou das Secretarias de Estado que cuidam desses problemas.

Estabeleceram-se Convenios em que ficavam essas entidades incumbidas da execução de trabalhos técnico-agronômicos, fornecendo o Instituto Brasileiro do Café as importâncias necessárias.

Lavraram-se, então, em junho e julho de 1953, os contratos com os diversos Estados para vigência de um ano e nas importâncias abaixo discriminadas:

Estados	*Cr$*
São Paulo	25.000.000
Minas Gerais	15.000.000
Paraná	15.000.000
Espírito Santo	8.000.000
Rio de Janeiro	3.000.000
Santa Catarina	1.000.000
Mato Grosso	1.000.000
Total	68.000.000

Para cada Estado, de acordo com as necessidades mais importantes, foram estabelecidas às bases de trabalho que em resumo foram as seguintes:

I — ESTADO DE SÃO PAULO

1 — Serviços de fomento da produção sem aparelhamento e instalações necessárias às seções e campos de demonstração da Divisão de Fomento Agrícola	6.000.000
2 — Serviços de economia rural para levantamento estatístico, pesquisas econômicas, estudos sobre padronização e classificação de café	3.110.000
3 — Experimentação e pesquisas sobre solos, irrigação, fisiologia, citologia, climatologia, técnologia e ampliação de Estações Experimentais	7.738.000
4 — Publicação de uma monografia completa sobre agricultura do café	550.000
5 — Curso de especialização de café	120.000
6 — Serviço de defesa sanitária vegetal, incluindo pesquisas sobre pragas e doenças do café — inseticidas e também viagem de estudos de especialização técnica	7.482.000

II — ESTADO DE MINAS GERAIS

"Para a execução do "Acordo" com esse Estado, a Secretaria da Agricultura apresentou um plano detalhado em que estuda os problemas atinentes à cafeicultura e propõe a divisão da verba de Cr$ 15.000.000,00 em:

1 —	Estudos do solo: carta agro-geológica das zonas cafeeiras, distribuição de fertilizantes	3.000.000
2 —	Conservação do solo; recuperação de lavouras antigas; irrigação	2.500.000
3 —	Investigação e experimentos agronômicos, pesquisas climatologicas, microclima, pesquisas químicas	2.500.000
4 —	Vigilância e defesa fitosanitária dos cafeeiros, combate à bróca e ao bicho mineiro; distribuição de inseticidas a fungicidas	3.000.000
5 —	Fomento a cafeicultura; moto-mecanização, orientação e assistência técnica	2.000.000
6 —	Eventuais-preparo e impressão de monografia; programa exposição	2.000.000

III — ESTADO DO PARANÁ

"Determinou-se para esse Estado a aplicação da verba de Cr$ 15.000.000,00 da seguinte forma:

1 —	Trabalhos, experimentação de melhoramentos e tratos culturais	2.000.000
2 —	Experimentação e fomento relativo à conservação do solo e adubação	1.500.000
3 —	Estudos climatológicos .	500.000
4 —	Combate às doenças e pragas, inclusive trabalho de pesquisas	5.000.000
5 —	Para a exposição internacional do café	6.000.000

IV — ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

"A verba atribuida a esse Estado, de Cr$ 8.000.000,00, foi programada na seguinte divisão:

1 —	Trabalho de pesquisas e experimentação, controle e publicidade, visando o combate às doenças e pragas do cafeeiro	4.300.000
2 —	Obras de lavagem, seca e benefício, conjunto "tanques-terreiro-tulha" e máquinas de beneficiar ambulantes	2.050.000
3 —	Polvilhadeiras	750.000
4 —	Mudas selecionadas ...	300.000
5 —	Transporte e despesas de pessoal	600.000

V — ESTADO DO RIO DE JANEIRO

"O programa de aplicação da verba de Cr$ 3.000.000,00 foi o seguinte:

1 —	Seleção e produção de sementes	300.000
2 —	Estudo de solos	500.000
3 —	Combate a pragas: inseticidas e polvilhadeiras .	2.200.000

IV — ESTADO DE SANTA CATARINA

"Dadas as suas condições especificas, foi feito um programa envolvendo principalmente o estabelecimento de uma Estação Experimental mista, parte dela dedicada, com exclusividade, à cafeicultura e produção de mudas de café em viveiros, distribuidos o mais próximo possível das lavouras cafeeiras.

Nesses trabalhos serão consumidos Cr$ 1.000.000,00.

VII — ESTADO DE MATO GROSSO

"A esse Estado foi atribuida para diversos serviços de interesse da lavoura cafeeira a importância de Cr$ 1.000.000,00.

A vigencia dos "Acordos" está se expirando e devemos estudar a forma por que foram eles cumpridos, em cada Estado, e restabelecer um novo com bases estudadas e objetivas, determinando perfeitamente qual o fim a que se deve atingir, com os orçamentos dos gastos programados.

A falta de objetividade e de determinação previa dos fins a serem atingidos poderá criar dificuldades na execução dos "Acordos".

VISITAS DE LEGAÇÕES AMERICANAS

"Tendo o preço do café, a partir de dezembro de 1953, se elevado constantemente, atingindo a níveis nunca antes verifi-

cados, houve grande preocupação, por parte dos países consumidores, especialmente os Estados Unidos, onde uma campanha intensa bem orientada e articulada criou ambiente desfavorável e prejudicial ao nosso principal produto. Desconheciam os orientadores dessa campanha o efeito pernicioso e a intensidade da geada de julho de 1953, e ainda o estado deficitário da lavoura cafeeira, em consequência de vários anos de secas acentuadas.

Compreendendo o malefício que essa campanha poderia causar à nossa economia, se tomasse um carater popular e passasse da inteligência de alguns políticos e outros interessados para o sentimento do povo americano, o Instituto Brasileiro do Café enviou convite aos seus líderes políticos, à Imprensa e à Federação dos Clubes de Senhoras para que viessem conhecer e verificar as condições de nossa cafeicultura, após a geada que o atingiu.

Viu também o Instituto Brasileiro do Café não só a possibilidade de desfazer um conceito errado que ia se formando nos Estados Unidos, como também a oportunidade de focalizar as condições da cultura de café, fazendo com que os americanos que aqui viessem, na sua volta, divulgassem naquele país as condições árduas e trabalhosas, muitas veses arriscadas, com que lutam os nossos lavradores na maioria dos anos, com resultados econômicos deficientes para abastecer o consumo mundial da bebida popular e agradável que é o café.

Assim, em 4 de fevereiro de 1954, recebemos, primeiramente, os enviados da radio-televisão.

Robert Sullivan — do "New York Daily News".

Sam Pope Brewer — do "New York Times".

Joseph Michaels — Comentarista da National Broadcasting Corporation.

Edgard Hatrick — Cinegrafista da N.B.C. que percorreram as zonas de Presidente Prudente e Norte do Paraná, onde tiveram possibilidade de ver e filmar os cafeeiros atingidos pela geada.

Na organização do programa de visitas ao norte do Paraná fizemos um circuito em que os americanos pudessem ver tôda a região cafeeira, tanto a que foi mais duramente atingida como a que pràticamente não sofreu dano algum pela geada. Dessa maneira, podiam ter idéia mais real do que de fato aconteceu, o que não se daria se mostrassemos sòmente a parte mais danificada.

Pelas manifestações daqueles senhores, divulgadas pela nossa propria imprensa e pela imprensa americana, perceberam todos a extensão da tragédia económica que se abateu sôbre as regiões visitadas.

Logo após a volta desses elementos, no dia 11 de feveiro de 1954, chegaram quatro representantes da Federação dos Clubes de Senhoras:

Mrs. Theodore S. Chapman — Vice-Presidente da Federação, Mrs. Carl Swanbeck, Mrs, Gilbert Loebs, Mrs. Zairo Schroeder, as quais visitaram tôda a região norte do Paraná afetada pela geada, e, também, se certificaram do diminuto estoque de café naquelas praças.

Viram também o esfôrço que está sendo feito, não só no norte do Paraná, no plantio de novas lavouras em Campinas, tiveram a oportunidade de ver os trabalhos técnicos agronômicos, conduzidos pelas entidades oficiais, do Estado de São Paulo, com a cultura cafeeira, e comprovar em fazendas particulares daquele Município paulista o estabelecimento de cafèzais novos em terras velhas, em ótimo estado de vegetação e produção.

Em virtude da importância que apresenta, para os Estados Unidos, a Federação dos Clubes de Senhoras, e a repercussão mundial que teve a atitude das representantes dessa Federação em aceitar o convite do Instituto Brasileiro do Café para visitar o Brasil, as agencias telegraficas mais importantes do mundo e vários jornais mandaram seus emissários para que acompanhassem as "Donas de Casa" em sua excursão. Assim tivemos nessa viagem a companhia dos seguintes jornalistas:

Lucia Caldas — do Bureau Pan Americano, Cranston Jones — do "Life & Times". Richard Sasso — do "Life", Jane Braga — "New York Herald Tribune", Luiz Vasconcelos — do "Diário de Noticias), James S. Bradshaw — da Associated Press, Alberto Nobrega da Cunha — da France Press, David Milman — dos "Diários Associados".

Posteriormente às "Donas de Casa", ainda recebemos, em fevereiro, a visita de um grupo de jornalistas que representavam revistas e jornais especializados em assuntos culinários:

Anne Dirkes — do "Time Magazine", Bety Wilson — do "Jornal Americas-Washington", Clementine Padford — do "New York Tribune", Fleets Hoke — do "Los Angeles Times", Marion Mc Carrol — do "King Feature Syndicate", Olga Curtis — do "International News", Virginia Ray Hmlin — do "Chicago Sun Times", que foram acompanhadas por mrs. Ellen Sal-

tonstal, diretora do Serviço de Consumo do Bureau Pan Americano.

Em 22 de fevereiro tivemos, ainda, outro grupo de jornalistas que fizeram a mesma visita ao norte do Paraná e São Paulo, onde viram o efeito da geada, o esforço da recuperação e a falta de café em estoque: Wheeler Mc Millan — do "Farm Journal", James Quinn — do "Tea and Coffee Trade Journal", Arthur Rickerby — da "ACME News Pictures", Charles Mc Carthy — do "New York Journal of Commerce", Craig Lewis — do "Business Week", Saxson Humphreys — do "Indianopolis News", Julian Handler — do "Supermaket News", Robert Miller — do "Progressive Grocer", Dean Gibson — Interprete e Chefe rl. Públicas.

Parece-nos que, com essas visitas, se alcançou o intento previsto.

Com as primeiras declarações dos jornalistas e com filmes do café passados nos Estados Unidos, na televisão, houve um abrandamento da campanha que estava em fase crescente e que podemos dizer, desapareceu totalmente.

De outro lado, pensamos que o nosso café foi bem focalizado naquele país.

Compreenderam os americanos o quanto de trabalho e esforço despende um lavrador brasileiro para colocar o seu produto à disposição do consumidor de outros países. Sabem agora os americanos que o preço pago por êles, pelo nosso café, além de ser justo para remunerar uma atividade difícil e não muito lucrativa, ainda é consequência exclusivamente da pequena produção que temos tido e teremos por mais anos, consequência ainda das secas e das geadas que arrasaram um grande patrimonio brasileiro, constituido das lavouras paranaenses e paulistas."

VIAGEM AO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

"A fim de tomarmos conhecimento da situação do cafèzal do Estado do Espírito Santo, e principalmente da serenidade do ataque da bróca do café que naquele Estado atinge condições de calamidade, fizemos, em companhia do dr. Carlos Alves Seixas, especialista no problema da bróca, é do dr. Mário Mazzeia Guimarães, jornalista de São Paulo e autoridade em assuntos econômicos, que a nosso convite se propuseram a observar, também, as condições daquele Estado.

Dê início, chama a atencão de qualquer pessoa, que não conheça bem a situação do Estado do Espírito Santo a produção de café que é proporcional à sua área, uma das maiores do Brasil.

O solo é, em geral, de topografia muito ingreme, havendo real dificuldade no cultivo do café, ou mesmo de qualquer outra planta. Graças, porém, às suas características físicas de terra massapé resistente que ainda tem êle uma certa durabilidade, pois que, pela declividade, a erosão aí deveria ser muito mais acentuada.

A variedade de café cultivada é no geral Comum e na região litorânea, em lavoura sombreada, toma o nome de Capítânia, o qual, colhido com cuidados especiais e preparado corretamente, fornece bebida reputada de alto valor, tendo mesmo conseguido boa tradição nesse sentido.

E' fato contado, com bastante satisfação, pelos capixabas, que S. S. o Papa recebe café espírito-santense para seu uso particular todos os anos.

Além do café Comum, encontra-se, principalmente no sul do Estado, grande porção de café Catura que é originário do Espírito Santo, da Serra do Caparaó.

Recentemente, alguns lavradores começaram a usar a variedade Bourbon, sendo que alguns procuram dela sementes selecionadas em São Paulo.

Além das variedades do Coffea arabica, encontram-se várias lavouras com a Coffea canephora (robusta) alí chamado de Conilon, o que deve ser, sem dúvida, a má leitura da palavra "Kouillou", que é uma variedade conhecida do cofeea caniphora.

As culturas dessa variedade, por nós observadas, se mostravam de ótimo aspecto, não só quanto ao desenvolvimento como quanto à produção.

Mais interessante ainda foi a observação que fizemos de haver melhor cotação de preços para esse tipo de café do que para os de outras "arabica" que em tôda parte são considerados e pagos como melhores.

O clima do Estado do Espírito Santo sôbre duas influências desfavoráveis: uma, a principal, é a ocorrencia de período de seca intenso que ainda é agravado pela temperatura mais elevada que a dos Estados sulinos.

E' comum no Estado do Espírito Santo as lavouras perderem totalmente as folhas, em consequência da seca.

O sistema de cultivo do café, embora possa ser considerado como bastante rotineiro, tem suas razões e suas justificativas.

As plantas são colocadas muito juntas uma das outras, não se vendo pràticamente o chão a não ser quando elas estão desfolhadas.

Essa prática deve ter sido determinada pela observação dos lavradores dos efeitos da erosão e principalmente pela dificuldade dos trabalhos de carpas que são evitados pelo sombreamento total do solo.

Pensamos poder haver melhoria do sistema de plantio, invertendo a orientação das ruas de café, que são no geral do morro abaixo e portanto, fácil à erosão.

A colheita no Estado do Espírito Santo é, ao nosso ver, o ponto mais frágil de sua economia cafeeira. Talvez, em razão do clima e da falta absoluta de cuidado na secagem do café.

O Espírito Santo tem fama, que lhe prejudica imensamente, de ter bebida muito ruim, o que se reflete nas cotações do seu produto, sempre inferior ao do Rio de Janeiro e muito inferior ao de São Paulo.

A bróca é, nesse Estado, verdadeira calamidade, como já falamos, e foi comum neste último ano o ataque total em certas lavouras, havendo mesmo lavradores que desistiram de efetuar a colheita porque o rendimento era praticamente nulo. Alguns obtiveram de um saco de café em côco, apenas 1 quilo e meio de café brocado.

Pela rápida exposição feita, podemos então reconhecer serem três os problemas essenciais no Estado do Espírito Santo, no tocante à cafeicultura e na ordem de importância relativa.

1.o — qualidade da bebida
2.o — bróca
3.o — erosão

Devemos então cuidar seriamente do problema da bebida, pois que, em época de superprodução e conseqüente barateamento do preço, dificilmente o café espírito-santense terá aceitação nos mercados atuais, devendo ser destinados a outros de menor capacidade aquisitiva e por preços inferiores.

Pensamos ser urgente a campanha de melhoria da bebida do Estado do Espírito Santo e o Instituto Brasileiro do Café a deve iniciar o mais breve possível.

Em segundo lugar, classificamos como importante o problema da broca. De fato, a bróca chega a dizimar totalmente o produto, porém, existem hoje meios suficientes de combate a essa praga, reduzindo o seu efeito à proporções bastante pequenas.

A erosão é o terceiro problema que deve ser efetivamente encarado, pois, mercê da declividade das terras desse Estado, mesmo com a característica de resistência do solo, massapé a erosão é acentuada e o desgaste do solo é rápido, tornando, em poucos anos, improdutivas as lavouras.

Acreditamos que a atuação do Instituto Brasileiro do Café, sobretudo pela sua diretriz de unir os esforços de tôdas as entidades que lidam com o problema, poderá realizar os maiores benefícios para a cafeicultura capixaba."

VIAGEM A SANTA CATARINA

"Tivemos a oportunidade de correr, em outubro de 1953, o Estado de Santa Catarina, onde o Instituto Brasileiro do Café tem um Escritório e pretende incentivar a produção de café, mercê da qualidade da bebida lá obtida que é normalmente boa, embora não se dispense no preparo cuidados excepcionais. Pelo contrário, mesmo sem nenhum cuidado, a bebida que se obtem é de bom sabor e classificada entre as bebidas finas de nosso país.

Tivemos a oportunidade de ver a região litorânea. Tôda ela é boa para a cafeicultura, com clima ameno, quanto à sua temperatura e precipitação pluviométrica bastante regulares, se não, menos variável que nos planaltos paulista e paranaense, não ocorrendo sêcas excepcionais, nem meses com chuvas excessivas. O solo massapé possui grande fertilidade, na maior parte.

Percorremos, também, o Vale do Itajaí, onde as condições assinaladas se repetem, porém, com temperatura mais fria, com risco de geada. No entanto, com boas possibilidades do estabelecimento da cultura cafeeira.

Julgamos que aquele Estado sulino poderá produzir, no futuro, de 400 a 500 mil sacas de café de bebida fina. Quantidade essa, na quase totalidade, produzida por pequenos sitiantes, com número inferior a 10.000 cafeeiros.

Esse Estado terá regime de agricultura especial, com sombreamento que protegerá os cafeeiros parcialmente de ventos e geadas, preservando o solo dos efeitos danosos da erosão, conservando-o por tempo muito longo e sem haver concorrência do café, pois que as condições de precipitação pluviométrica aí são suficientes para as duas culturas: café e árvores de sombra.

Pudemos, durante o período que estivemos percorrendo a região, manter contacto com grande número de pessoas desde os líderes intelectuais e econômicos até o trabalhador rural, havendo entre êles pensamento único de entusiasmo e interêsse pela cafeicultura.

À vista das observações feitas, foram tomadas as primeiras medidas necessárias a estabelecer contacto entre o Instituto Brasileiro do Café e os lavradores

Foi observado que o lavrador catarinense só faz o plantio de café pelo sistema de mudas, não se interessando por sementes, mesmo sabendo serem elas selecionadas e melhores do que as que deram as mudas que eles plantam, em geral colhidas em lavouras comuns de café e de grãos que cairam ao solo e aí germinaram sem nenhum cuidado ou assistência.

Por esse motivo, fizemos as primeiras recomendações ao Escritório de Florianópolis para que, no Acordo feito com o Govêrno daquele Estado, fossem estabelecidos, nas regiões mais indicadas de diversos Municípios, ao todo 10, viveiros de mudas de café para posterior distribuição aos lavradores.

Mandamos para aquele Estado sementes selecionadas pelo Instituto Agronômico de São Paulo, das variedades "Bourbon Vermelho", "Bourbon Amarelo", "Mundo Novo" e "Caturra Vermelho". Além dessas sementes, dada a premencia do tempo e a necessidade de as fazerem mudas, o Escritório providenciou a aquisição de 455 quilos de sementes comuns, semeando-as, das quais pensamos obter mais de 1 milhão de mudas a serem distribuidas aos lavradores.

A par dessa distribuição, ainda foi feita campanha educativa para que os lavradores passem a usar técnica melhor do que a que vem sendo adotada naquele Estado.

Julgamos bastante interessante o incentivo do Instituto Brasileiro do Café para a produção cafeeira catarinense, pois será incorporada à renda daquele Estado, quantia considerável além de se obter um contingente apreciável de café de bebida fina, melhorando a qualidade do café brasileiro."

(*Fôlha da Manhã* — 1-7-54).

TRITURADOR
"FOSTER" N.º 462

FAZ O SERVIÇO DE 3 MÁQUINAS:

1.º) Reduz a farelo grosso o milho com palha e sabugo.

2.º) Esfarela a cana de açúcar sem perder o suco, tornando-a muito apreciada pelos animais.

3.º) Produz fubá médio e grosso mediante a simples mudança das peneiras.

Ótima também para cortar mandioca, batata doce, alfafa, milho verde, etc. etc.

SÓLIDA CONSTRUÇÃO
ÓTIMO ACABAMENTO
Esta máquina, por sua grande utilidade, não deverá faltar em nenhuma fazenda ou propriedade agrícola.

S. A. KNOWLES & FOSTER DE IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO
CASA FOSTER
Rua Florêncio de Abreu, 562 Tels.: 34-4111 - 34-4112 — Caixa Postal, 56
End. Telegr.: "F O S T E R" — SÃO PAULO
Filiais: RIO DE JANEIRO e RECIFE

O CAFÉ VISTO NOS ESTADOS UNIDOS

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 883 *CARTA SEMANAL DO MERCADO* 4 *de Junho de* 1954

SITUAÇÃO ECONÔMICA: Membros do Congresso, certos grupos comerciais e o Dept. do Comércio, que são favoráveis às altas tarifas para proteção de certas indústrias dos Estados Unidos, acabam de ganhar a primeira fase da batalha sôbre essa questão, apesar da oposição da Casa Branca e do Departamento de Estado. Êste último queria um comércio mais livre, sem exceções para nenhuma indústria. Em consequência da forte resistência manifestada contra essa orientação de comércio livre, e tomando-se em consideração o fato de que êste ano haverá eleições do Congresso e o Partido Republicano não deseja, como é natural, tomar medidas que possam prejudicar os seus candidatos, foi adotado um meio têrmo, segundo o qual os Acôrdos Comerciais Recíprocos serão mantidos na sua forma atual pelo período de mais um ano. A Administração, baseando seu programa nos estudos feitos pela Comissão Randall, com certeza tentará conseguir que sejam adotadas outras medidas de comércio livre no ano que vem. Certos grupos de negociantes têm procurado obter mais proteção para mercadorias tais como relógios, instrumento científicos, bicicletas, cerâmicas, chapéus de feltro, luvas, chumbo, zinco, cobre, têxteis, madeiras de lei, e madeira compensada.

De acôrdo com dados obtidos esta semana, o total dos créditos de prestação ainda não liquidados, que representam as compras feitas pelos consumidores a serem pagas em períodos específicos, era de $20.909.000.000. Essa cifra representa apenas 9 milhões mais do que o total correspondente no fim de Março (1954), e um aumento de $376.000.000 em relação a Abril de 1953 e de $187.000.000 em relação a Abril de 1952. Entretanto, o aumento verificado em Abril dêste ano foi o primeiro desde o aumento de Dezembro de 1953, e os aumentos em Dezembro são tradicionais, no que se refere aos créditos. Resumindo-se os pontos de vista do Prof. Slichter na carta semanal passada, foi mencionado que o pagamento feito pelos consumidores poderá, por um período de tempo mais largo, ser mais ou menos correspondente à expansão dos débitos, condição essa que tende a manter a atividade econômica no mesmo nível, ou ligeiramente mais baixa, dependendo da extensão em que o volume de pagamentos exceda a expansão dos débitos.

Juntamente com o sistema duplo de preços para a venda dos excedentes da produção agrícola, o govêrno dos Estados Unidos está também usando êsses excedentes como parte do seu programa de auxílio ao estrangeiro. Por exemplo, o Departamento de Agricultura anunciou no dia 2 de Junho que vai doar 2.700.000 libras de manteiga ao Jordão, à Síria e ao Líbano, como medida de auxílio a êsses países. Durante os últimos anos, de tempos a tempos tem-se cogitado como poderia ser utilizado o excedente da produção agrícola em relação com os programas de auxílio ao estrangeiro, e a presente Lei de Segurança Mútua prevê que uma parte da assistência dada ao estrangeiro

deve ser sob a forma de excedentes de mercadorias. Recentemente, o govêrno enviou quatro missões ao exterior, uma das quais à América Latina, com o fim de que estudassem as possibilidades de colocar êsses excedentes nos mercados estrangeiros. O chefe da missão que foi à Ásia, Sr. Homer L. Brinkley, Vice-Presidente do National Council of Farmer Cooperatives, propôs na segunda-feira que o govêrno vendesse os excedentes (além de dar os excedentes a certos países, como forma de assistência), recebendo pagamento na moeda dos países compradores. A proposta não é nova, mas é interessante que tenha sido apresentada novamente.

Não se sabe ainda se as Potências do Ocidente, inclusive os Estados Unidos, se envolverão mais na guerra da Indo-China. Calcula-se que o govêrno norte-americano tenha que dispender uns $5.000.000.000 mais, caso seja necessário que os Estados Unidos contribuam mais intensamente para a solução daquele conflito. Observadores informados julgam que ..... $10.000.000.000 ou $15.000.000.000 poderiam ser gastos em armamentos, sem sobrecarregar sèriamente a economia do país. A êsse respeito, pode-se observar que a indústria do aço está produzindo com uns 70% da sua capacidade e que 15 ou 20% dessa capacidades são para casos de emergência. Além disso, as indústrias manufatureiras em geral estão operando abaixo da sua capacidade, há cêrca de 3 milhões e meio de desocupados, e o trabalho extraordinário diminuiu consideràvelmente. Em outras palavras, em caso de emergência, a economia do país poderá contar com recursos que se acham disponíveis para expandir a produção, tanto para fins militares como para consumo civil.

Foi anunciado em Washington que o empréstimo feito no ano passado ao Brasil pelo Banco de Importação e Exportação será pago num período de 7 anos e meio, em vez de dois anos, como fôra estipulado originalmente. Em consequência dessa mudança, o Brasil poderá dispôr de mais dólares para fazer importações, uma vez que os pagamentos serão menores, o que contribuirá para diminuir a inflação dos preços no Brasil.

MERCADO DO CAFÉ: Depois de um período de duas semanas de rítmo vagaroso nas atividades do comércio do café, com um declínio nos preços, o mercado do café se refêz de maneira significativa nesta curta semana (Segunda-feira foi feriado). Em parte, isso foi devido às cómpras imediatas para garantia de entregas no futuro, em consequência das ofertas limitadas das áreas produtoras. A razão mais importante, entretanto, foi a notícia recebida, por vias privadas, de que o Brasil está planejando aumentar o mínimo dos seus preços de exportação. Os comerciantes que negociam com cafés futuros não esperaram pela confirmação da notícia, a qual foi recebida por telegrama na Quinta-feira pela manhã.

O referido telegrama diz o seguinte: "Presidente Vargas assinou hoje um decreto, fixando os preços mínimos de exportação do café da safra 1954/1955, na base do Santos 4, ao equivalente de 87 centavos norte-americanos a libra, para o café Santos..." Êsse mínimo estabeleceu o preço de Nova York Ex-doca a 89%, aproximadamente. Outro telegrama, chegado depois, no mesmo dia, dizia mais que os preços mínimos se tornarão efetivos no dia 1 de Julho e que as compras de café serão financiadas a 80% do mínimo — o qual é o mesmo do ano passado.

Tem havido rumores de que a safra do Brasil de 1954/55 poderá ser ainda mais reduzida, tanto em qualidade como em quantidade, em consequência das pesadas chuvas no Paraná e em São Paulo. Outro rumor é o de que há indicações de um tempo frio, prematuro e intenso, naquelas áreas, do que pode resultar outra geada. Tôda a situação ,observam os negociantes, parece justificar a adoção, pelo govêrno do Brasil, do novo mínimo dos preços de exportação do café,

No mercado dos futuros, as cotações, durante a semana, para o Contrato "S" avançaram de 324 a 353 pontos, em relação aos níveis registrados ao fechamento da Bôlsa na semana passada. O volume das transações foi relativamente bom com os altos preços e a semana curta, tendo sido negociados 867 contratos. A posição aberta aumentou outra vez, e na abertura, esta manhã, havia 3.390 contratos dependendo de negociação.

No mercado de físicos também se registrou melhoria. Apesar do tempo mais quente através de todo o país e das afirmações de que a tendência era para o declínio, os torradores mostraram algum interêsse em comprar para substituir estoques. O Santos 4 subiu na semana, até 88¾c/, tendo sido cotado geralmente a 85c/, na base FOB. Os colombianos, que na semana passada desceram a 83½c/, estavam sendo cotados a 85½c/ para os embarques de Julho/Agôsto, 86¾c/ para os de Agôsto/Setembro, e 87c/ para os de Setembro, todos na base ex-doca.

N.º 22 *O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA* 4 *de Junho de* 1954

GUATEMALA

Impôsto sôbre a exportação do café: De acôrdo com decreto do Ministério das Finanças, N. 1045, de 20 de Abril e em vigor a partir de 20 de Maio, foi estabelecido um impôsto especial adicional de 10c/ em moeda dos EE. UU. por 100 libras (46 quilos), sôbre o café limpo exportado da Guatemala ou seu equivalente em café "pergamino" ou "tostado".

O imposto era anteriormente de $8.73 por 100 libras. Com o estabelecimento do imposto adicional, o imposto total atualmente é de $8.83 por 100 libras (46 q.). Cêrca de 98% do café exportado pela Guatemala é café limpo. Precisa-se de 1 libra e ¼ de café "pergamino" para se extrair 1 libra de café limpo, e de 1 libra de café limpo para se obter 8/10 de libra de café torrado. Uma vez que o govêrno da Guatemala pôde, mediante êsse imposto, cumprir com certas obrigações financeiras relacionadas com sua exportação do café, o imposto adicional fica reduzido a 10c/ por 135 libras (60 quilos) de café limpo exportado, ou seu equivalente em "pergamino" ou "tostado".

HONDURAS

Imposto sôbre a exportação do café: Segundo decreto de 16 de Março, a entrar em vigor em 1.o de Julho, o imposto de exportação por saca de café de 60 quilos será aumentado de 4 "lempiras" para 6 "lempiras" (1 lempira vale 50c/ em moeda dos EE. UU.).

Uma parte importante dessa receita será destinada ao melhoramento das zonas produtoras de café.

(Foreign Commerce Weekely — 31 de Maio de 1954).

ESTADOS UNIDOS

Compras do Exército: A Intendência do Exército, em Nova York, está solicitando ofertas para 588.000 libras (3.811 sacas de 70 quilos) de café colombiano para entrega FOB, caminhões ou vagões, entre 20 e 30 de Julho. Uma parte dêsse lote, 2.845 sacas, será entregue em Seattle, Estado de Washington, e 966 sacas serão entregues em Nova Orleans, Estado de Lousianna.

Se se incluir essa compra, que não foi decidida ainda, no período de Janeiro a Julho de 1954, o Exército terá comprado, com destino a vários lugares nos Estados Unidos, um total de 174.814 sacas de 60 quilos, Durante o mesmo período do ano passado, o total das compras do Exército foi de 297.503 sacas.

(G. G. Paton & Co. 27 de Maio, de 1954).

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	EE. UU.	Destinos Principais: Dados semanais: Europa	Outros	Total
BRASIL *	29/5/1954	53.000	43.000	33.000	129.000
	22/5/1954	30.000	30.000	19.000	79.000
	30/5/1953	173.000	50.000	31.000	254.000
COLÔMBIA **	29/5/1954	124.658	9.487	9.916	144.061
	22/5/1954	134.102	25.221	—	159.323
	30/5/1953	91.433	8.261	8.614	108.307

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 29/5/54	22/5/54	30/5/53
BRASIL *	Santos	2.198.000	2.121.000	1.959.000
	Rio	245.000	229.000	111.000
	Vitória	70.000	81.000	43.000
	Paranaguá	470.000 a	490.000 b	1.116.000 c
	Pernambuco	13.000	15.000	6.000
	Bahia	37.000	39.000	14.000
	Angra dos Reis	17.000	17.000	11.000
	TOTAL	3.050.000	2.992.000	3.260.000
COLÔMBIA **	Barranquilla	73.079	64.930	124.310
	Cartagena	34.827	38.039	49.996
	Buenaventura	172.644	173.844	150.988
	Cúcuta	30.488	29.788	129.224
	TOTAL	311.038	306.601	454.518

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana de:	Países de origem (Sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
29/5/1954	541.132	160.930	200.972	179.230
22/5/1954	517.028	155.802	185.566	175.660
30/5/1953	384.770	143.474	183.500	57.796

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia
a) Livres
b) Livres
c) 869.000 livres e 247.000 retidos

N.º 884 *CARTA SEMANAL DO MERCADO* 10 *de Junho de* 1954

SITUAÇÃO ECONÔMICA: Segundo informações publicadas esta semana, o número de pessoas empregadas no mês de Máio aumentou de .... 60.600.000 para 61.100.000, isto é, um aumento de 500.000. Dêste número, 160.000 eram de pessoas desempregadas, cujo número total diminuiu agora para 3.305.000. O aumento do número de pessoas empregadas excedeu o de pessoas que ficaram desempregadas, porque as donas de casa e os estudantes que entram em férias se empregaram nos trabalhos agrícolas e outros trabalhos, em grande escala. Nas indústrias manufatureiras 193.000 pessoas ficaram desempregadas, sendo agora o número de trabalhadores ocupados de 15.500.000, isto é, 1.500.000 menos do que no ano passado nesta época. O desemprêgo também se nota no fato de que 1.500.000 pessoas têm trabalhado menos de 35 horas por semana e mais 900.000 pessoas tinham emprêgos parciais, desejando ter emprêgos em que estivessem ocupadas o tempo todo.

O Dr. Arthur F. Burns, principal assessor econômico do Presidente Eisenhower, é de opinião que as atividades dos negócios se tornarão maiores em pouco tempo, dizendo que o atual nível de desemprêgo é "absolutamente intolerável" e que, quando há mais de 2 milhões ou 2 milhões e meio de pessoas desocupadas, o govêrno e o resto da nação devem considerar o problema sèriamente. O desemprêgo geralmente diminui em Junho, quando os estudantes em férias buscam trabalho temporário. O otimismo do Dr. Burns, não se contando o aumento de emprêgos que normalmente se observa em Junho, se baseia no alto volume de contratos para construções de edifícios, no grau de investimento em novas fábricas e em novos equipamentos comparável ao do ano passado, na diminuição das liquidações dos estoques, no aumento das encomendas dos manufatureiros, no aumento geral dos preços dos valores da Bôlsa e na firmeza dos preços das mercadorias.

A propósito dos pontos de vista manifestados pelo Dr. Burns, é interessante observar que o Dr. Frank A. Pearson, Professor de Economia Agrícola na Universidade de Cornell, declarou na semana passada que em grande parte a variação na atividade dos negócios se deve às flutuações das despesas civis relacionadas a quatro coisas: construções, automóveis, roupas e alimentos. O professor Pearson acrescentou que não existe nenhum método conhecido para se predizer com precisão a tendência dos preços das mercadorias. O presente retraimento nos negócios, disse êle, devia ser chamado "o retraimento dos negócios de automóveis e de tecidos". Atualmente, a situação seria melhor se não fôsse pelas indústrias de automóveis e de tecidos. A situação dos tecidos melhorará no outono, mas a dos automóveis talvez não melhore, porque a produção de carros novos excede a dos que são trocados por novos ou que ficam imprestáveis.

A receita individual (salários, ordenados, dividentos, juros) em Abril representava uma média de 282 bilhões por ano, isto é, 1 bilhão menos do que a média de Março e 5 bilhões menos do que a média de Outubro do ano passado, que foi o mês de maior recorde para a receita individual. No fim de 1953, o total dos investimentos dos Estados Unidos no exterior era de $39.500.000.000, ao passo que em 1946 era de $18.700.000.000. Os investidores particulares contribuiram com $10.200.000.000 dêsse aumento de .. $20.800.000.000, e o govêrno com os restantes $10.500.000.000. Dos inves-

timentos privados, 90% foram aplicados em emprêsas particulares, as mais importantes das quais sendo as de extração de petróleo e outras, no Canadá. As regiões em que mais se fizeram privados investimentos foram o Canadá e a América Latina, ao passo que o govêrno se concentrou na Europa Ocidental.

Os investimentos estrangeiros nos Estados Unidos no fim de 1953 foram de $23.600.000.000, tendo sido de $15.900.000.000 em 1946. Êsses investimentos foram de $9.100.000.000 em valores de longo têrmo e ..... $14.500.000.000 em valores de curto prazo e em apólices do govêrno dos Estados Unidos. Os maiores investidores foram os europeus, seguidos canadenses e pelos latino-americanos. Além dêsses investimentos, os países estrangeiro têm podido também aumentar as suas reservas de ouro.

MERCADO DO CAFÉ: Durante esta semana, o mercado do café se caracterizou pelas vendas isoladas, pela atividade geral pouco intensa e pelos preços enfraquecidos. Os torradores permaneceram passivos, e os importadores e compradores por atacado se mantiveram desinteressados. Ao mesmo tempo, os vendedores, representando a maioria dos países exportadores, não fizeram muita pressão em sua oferta. Os observadores, em Nova York, não se achavam certos sôbre certos acontecimentos no Brasil: não se sabia se as estimativas do consumo nos portos e ao longo da costa tinham sido incluidas nas estimativas da safra de 1954/1955, não se sabia que efeito teria o novo mínimo nos preços de exportação, e não se sabia até que ponto a qualidade e a quantidade dos diferentes tipos de cafés foram afetadas pelas chuvas recentes.

Na segunda-feira pela manhã, o mercado começou bem, havendo ganhos até de 50 pontos, mas mais tarde os ganhos se transformaram em perdas, as quais, ao se encerrarem as operações, eram de 10 a 23 pontos. Durante o resto da semana, o mercado continuou a enfraquecer vagarosamente e ao se encerrarem os negócios ontem, quinta-feira, os preços estavam de 167 a 199 pontos abaixo dos da semana passada. Ao se abrir o mercado hoje, as cotações eram de 5 a 23 pontos abaixo nas várias posições, e a posição aberta apresentava 3.446 lotes por se negociarem, ao passo que na semana passada, na sexta-feira pela manhã, a posição aberta tinha 3.390 na mesma situação. As transações estiveram comparativamente boas, entretanto, com 867 lotes vendidos, ou apenas 65 menos do que na semana passada.

Foi pouca a atividade no mercado dos físicos, como na semana passada. O café brasileiro continuou escasso, e os preços firmes em 89¼c/. O Santos 4, F.O.B. oferecidos estiveram ligeiramente mais baixo esta semana, a 87½c/ a libra. Entrementes, os torradores continuaram a mostrar algum interêsse pelos cafés colombianos, os quais foram cotados entre 84¾c/ e 85c/, ex-doca. A diferença de preços entre os cafés brasileiros e colombianos foi devida à continuação das circunstâncias que têm mantido os colombianos abaixo dos brasileiros.

Houve informações ontem de que o relatório da Comissão Federal de Comércio (Federal Trade Commission) sôbre o mercado do café nos Estados Unidos estará pronto para ser publicado até o comêço da semana que vem. Há meses que êsse estudo vinha sendo feito pela Comissão, estudo que incluia o exame de milhares de transações feitas no Mercado do Café e do Açúcar de Nova York. O estudo foi iniciado de acôrdo com diretivas do Presidente Eisenhower.

PÔRTO RICO

Auxílio técnico: O assessor técnico em cultivos do café da FEDECAME, engenheiro Juan Pablo Duque, está atualmente auxiliando os cafeicultores de Pôrto Rico, segundo o plano de ajuda gratuíta que a FEDECAME organizou para os produtores de café da América Central e das Caraibas. O assessor Juan Pablo Duque demorará alguns dias em Pôrto Rico, seguindo depois para Cuba, onde iniciará suas atividades na região oriental da ilha, em que se acham localizadas as mais importantes plantações de café do país.

(Boletim da FEDECAME — 20 de Maio de 1954).

NICARÁGUA

Colheita: A colheita de café de Nicarágua foi terminada e já está sendo transportada para os portos de exportação do país. Pode-se dizer que, pràticamente, tôda a safra foi vendida e que a metade da mesma tinha sido embarcada até fins de Março.

(Foreign Commerce Weekly — 7 de Junho de 1954).

ESTADOS UNIDOS

Sucedâneos e adulteradores: Com a alta dos preços do café, os sucedâneos e os adulteradores do produto estão tendo uma época de bonança. Os métodos usados atualmente para diminuir o custo líquido do café são: 1) misturas de chicórea ou os cerais com café, ou ambos; 2) cerais sem café; 3) adulteradores feitos com cevada torrada ou uma mistura vegetal; 4) um produto que faça ressaltar o sabor do café para que se empregue sòmente a metade do café que é atualmente empregado no preparo da bebida; e 5) chicórea sòmente.

A Administração de Drogas e Alimentos está exercendo uma estreita vigilância sôbre a nova indústria, de maneira que, ao se misturarem outros produtos com o café seja indicado tal procedimento na etiqueta do produto antes de ser o mesmo pôsto à venda.

(Progressive Grocer — Junho de 1954).

Atividades da torrefação: Segundo estudos semanais que estão sendo feitos sôbre as atividades dos torradores do café, o volume de café verde torrado durante o período de 1 de Janeiro a 29 de Maio dêste ano equivaleu a 95,94% da quantidade de café que foi torrado durante o período correspondente do ano passado. Tomando-se como base os períodos correspondentes do ano passado, nota-se que essa diminuição continua paralelamente no momento atual. Por exemplo, de Janeiro a Abril, o rítmo da torrefação representou 95,55%; de Janeiro a 8 de Maio, 9738%; de Janeiro a 22 de Maio, 96,55%. Foi também indicado que a proporção correspondente à última semana de Maio foi equivalente a 83,7% do volume correspondente à mesma do ano passado, e a proporção correspondente ao mês de Maio inteiro foi de 86,1% em relação ao mês de Maio de 1953.

(G. G. Paton & Co. — 3 de Junho de 1954).

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	EE. UU.	Destinos Principais: Dados semanais: Europa	Outros	Total
BRASIL *	5/6/1954	27.000	45.000	16.000	88.000
	29/5/1954	53.000	43.000	33.000	129.000
	6/6/1953	103.000	112.000	30.000	245.000
COLÔMBIA **	5/6/1954	144.580	10.822	2.822	158.027
	29/5/1954	124.658	9.487	9.916	144.061
	6/6/1953	89.436	8.672	6.583	104.691
	Dados mensais:				
BRASIL *	Maio/1954 ***	183.000	197.000	74.000	454.000
	Abril/1954	458.000	422.000	153.000	1.060.000
	Maio/1953	411.000	279.000	170.000	860.000
COLÔMBIA **	Maio/1954	388.356	30.843	10.266	429.465
	Abril/1954	438.058	31.406	4.251	437.715
	Maio/1953	386.489	28.015	16.529	431.033

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	6/5/54	29/5/54	6/5/54
BRASIL *	Santos	2.304.000	2.198.000	1.958.000
	Rio	219.000	245.000	117.000
	Vitória	73.000	70.000	48.000
	Paranaguá	446.000 a	470.000 b	1.037.000 c
	Pernambuco	16.000	13.000	5.000
	Bahia	35.000	37.000	15.000
	Angra dos Reis	17.000	17.000	11.000
	TOTAL	3.110.000	3.050.000	3.191.000
COLÔMBIA **	Barranquilla	71.040	73.079	136.756
	Cartagena	29.489	34.827	42.731
	Buenaventura	181.649	172.644	144.265
	Cúcuta	33.369	30.488	131.796
	TOTAL	315.601	311.038	455.548

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

	Países de origem (Sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
5/6/1954	178.520	218.918	169.149	566.587
29/5/1954	179.230	200.972	160.930	541.132
6/6/1953	39.710	203.198	138.584	381.492

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia
***) Dados preliminares, sujeitos a retificação
a) Livres
b) Livres
c) 1.036.000 livres e 1.000 retidos

N.º 885 *CARTA SEMANAL DO MERCADO* 18 *de Junho de* 1954

SITUAÇÃO ECONÔMICA: *Produção.* Em Maio, pela primeira vez desde 1953, o Indice de produção da temporada (1947/49 = 100) do *Federal Reserve Board* subiu. Em Julho passado, o índice era 137, mas desde então declinou constantemente até 123 em Março e Abril dêste ano, subindo outra vez em Maio para 125. Êsse aumento se deve ao fato de que a produção de artigos duráveis (metais, vidro, madeira) declinou menos do que em geral se observa nesta época do ano, ao passo que a produção de artigos de desgaste rápido (têxteis, papel, borracha, produtos químicos, alimentos) permaneceu no mesmo nível de Abril.

Comércio Internacional. Tanto a exportação como a importação aumentaram em Abril.

(1) *Exportação* Abril, 1954 (incluindo itens militares e doações); .. $1.421.000.000; Março, 1954 (incluindo itens militares e doações): ..... $1.123.000.000.

Nota: As exportações norte-americanas em Abril foram 26% maiores do que a média do primeiro trimestre dêste ano, e 8% maiores do que a média mensal de 1953.

Os itens militares e as doações feitas aos outros países somaram em Abril $167.400.000 e em Março $203.600.000.

(2) *Importação*: Abril, 1954, $957.000.000; Março, 1954, $858.000.000.

Nota: As importações norte-americanas em Abril foram 15% maiores do que a média do primeiro trimestre de 1954, e 6% maiores do que a média mensal de 1953.

(3) *Exportação e Importação, de Janeiro a Abril de* 1954: Exportação (incluindo $750.000.000 de itens militares e doações), $4.817.000.000; Importação, $3.458.000.000.

Notas Nesses primeiros quatro mêses, a exportação foi mais ou menos igual à do mesmo período em 1953, mas a importação foi de $338.000.000 abaixo do nível daquêle período.

Balanço de pagamentos, 1953: (1) Os Estados Unidos exportaram .. $21.300.000.000 de mercadorias e serviços para os países do Mundo Livre. (2) Os Estados Unidos importaram $16.600.000.000 de mercadorias e serviços dos países do Mundo Livre. (3) A diferença, $4.700.000.000, foi coberta por concessões e empréstimos no valor de $6.700.000.000, ficando ..... $2.000.000 a serem adicionados às reservas de ouro e de dólares de alguns daqueles países.

Permitindo que aumentem as reservas dos países que recebem auxílio, os Estados Unidos têm como fim obter um comércio mais livre, de conversão mais fácil, mas não tem havido o progresso que se desejava em tal sentido. As reservas do Mundo Livre são agora de $25.700.000.000, incluindo-se nesse total $11.800.000.000 de ouro, $6.000.000.000 de dólares e 7.900.000.000 de outras moedas — total êsse que é duas vêzes maior do que o das reservas do período anterior à guerra. Entretanto, os preços aumentaram grandemente desde aquêle período, e certos importantes países hesitam em tornar suas moedas conversíveis sem conseguir maior estabilidade econômica.

Banco de Exportação e Importação. Os senadores Capehart e Maybank são autores de um projeto de lei segundo o qual o Banco de Exportação e

Importação poderá conceder empréstimos até $5.000.000.000, o que representa um aumento de $500.000.000. Segundo o dito projeto, será criado um novo Conselho Diretor para o Banco, o qual, atualmente, está com ..... $3.500.000.000 de empréstimos não redimidos. O senador Capehart declarou que os exportadores norte-americanos devem dispôr de mais empréstimos, especialmente os pequenos exportadores. Um alto funcionário do Tesouro, prestando depoimento nas audições do Comitê que discutia o projeto de lei, declarou que os verdadeiros limites da capacidade de conceder empréstimos do Banco de Exportação e Importação não estão na autoridade do Banco no sentido de fazer tais empréstimos, mas sim na quantidade de pedidos de empréstimos que sirvam tanto os interêsses dos exportadores norte-americanos como os interêsses dos que fazem os empréstimos no estrangeiro.

Diversos. A produção de aço, esta semana, atingiu 73,5% da sua capacidade total, ao passo que na semana passada e há um mês, respectivamente, foi de 73.2% e 71.8%. Nos primeiros cinco mêses de 1954, as vendas de 44 das maiores lojas de cadeias de armazéns e das lojas que vendem por meio de encomendas postais foram 2.8% abaixo das vendas do mesmo período em 1953. Suas vendas, em Maio dêste ano, foram 4.1% abaixo das vendas de Maio do ano passado, o que se explica em parte pela redução normal que se observa nas compras depois da Quaresma, a qual foi 13 dias mais tarde do que no ano passado. A dívida nacional é agora de $2.000.000.000 apenas abaixo do teto-limite de $275.000.000.000. A Administração Federal tenciona solicitar novamente ao Congresso que levante o referido teto-limite para .. $290.000.000.000, para poder financiar novos empréstimos. Espera-se que o total das construções — incluindo igrejas, casas particulares, escolas, usinas, edifícios comerciais, etc., — atinja a soma de $36.000.000.000, isto é, ... $2.000.000.000 mais do que em 1953. O grande volume das construções constitui um dos suportes básicos do contínuo alto nível dos negócios. Iniciou-se em Londres, no dia 16 de Junho, a Reunião do Conselho Internacional do Trigo, numa época em que há grandes excedentes nos Estados Unidos e no Canadá e reduções nós preços de exportação dêsse produto. O Reino Unido, o maior importador de trigo do mundo, não participa da dita Reunião, alegando que o objetivo do Conselho Internacional do Trigo é fixar um preço, que é demasiado alto, para o trigo.

MERCADO DO CAFÉ: O mercado dos cafés futuros manteve o curso irregular da semana passada, influenciado sucessivamente pelas intensas compras e pelas intensas vendas, pelas informações sôbre a situação mundial do café e a posição do café brasileiro, e pelos rumores sôbre as mudanças de critério oficial no Brasil quanto aos preços do café. Na sexta-feira passada, o mercado se refez de algumas de suas perdas ocorridas no dia anterior, registrando ganhos líquidos de 42 a 48 pontos, e a semana terminou com um nível de 3 a 30 pontos mais alto. Na segunda e na têrça-feira, as posições dos futuros declinaram para 70-86 e 111-131 pontos, respectivamente, em consequência da intensa venda na abertura do mercado, observando-se algumas recuperações, causadas por vendas e coberturas curtas. Seguindo-se à declaração do Presidente do Banco do Brasil, na tarde de terça-feira, de que não haverá desvalorização do Cruzeiro, nem mudança alguma no bonus cambial sôbre as exportações de café, e de que a safra de café de 1941/55 não começará a entrar

no mercado até 1 de Julho, o mercado de futuros subiu na quarta-feira de 131 a 155 pontos. Na quinta-feira, os preços permaneceram firmes e, ao fechamento, o mercado tinha ganho de 5 a 29 pontos. No comêço da sessão de hoje, os futuros tinham baixado de 8 a 36 pontos, em consequência de uma notícia do Rio de Janeiro, de que o "carry-over" de 1953/54 será de 2.700.000 sacas. A posição aberta era de 3.482 contratos, ao passo que a da sexta-feira passada era de 3.446.

No mercado dos físicos, as atividades continuaram ligeiras. Os Santos 4 geralmente não foram cotados abaixo de $0.87 e houve pouca atividade em todos os tipos de café Santos. Cafés suaves, cotados nos arredores de .... $.845-$.85, estavam entrando em volume mais substancial. Como foi indicado, os cafés do Brasil estavam sendo cotados acima dos tipos suaves, mas houve poucas transações.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos publicou um relatório sôbre a posição estatística do café do Brasil, substancialmente em harmonia com o relatório do IBC, embora o primeiro apresentava uma estimativa um tanto mais alta do "carry-over", de 1.900.000 sacas, em comparação com a do segundo, de apenas 1.700.000 sacas, no próximo dia 30 de Junho. Segundo o Departamento de Agricultura, as recentes chuvas causarão um moderado atraso no movimento da safra nova para os mercados e possivelmente uma certa deterioração na qualidade do produto. No último fim-de-semana, um relatório das Nações Unidas dizia que será inevitável em futuro próximo a escassez do café — suposição que já foi aceita pelos negociantes do café nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, rumorava-se que o preço mínimo para o café de exportação do Brasil talvez seja reduzido para $.86 quanto aos Santos 3 e 4, e para $.845 quanto ao Santos 4. Parece agora que o Relatório da Comissão de Comércio Federal (Federal Trade Commission), mencionado na Carta Semanal passada, talvez seja publicano neste fim-de-semana.

Uma das maiores Cadeias de Armazéns dos Estados Unidos, *The Great Atlantic and Pacific Tea Company,* conhecida pelas suas iniciais A & P, está vendendo agora suas três marcas de café empacotado por $1.19 a libra. Eram vendidos antigamente por $.02-$.06 abaixo do mencionado preço. Foi de 1.919.131 sacas o total das importações de café verde nos Estados Unidos, no mês de Abril. Entre 1 de Janeiro e 11 de Junho dêste ano, segundo um relatório privado, o total do café verde torrado foi de 94.5% do total do café verde torrado no mesmo período do ano passado. Na segunda semana do mês de Junho, o total do café torrado foi só de 73% do café torrado na mesma semana de Junho de 1953.

N.º 24 *O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA* 18 *de Junho de* 1954

ESTADOS UNIDOS

Relatório ao Congresso dos Estados Unidos: A senhora John B. Sullivan, Representante do Estado de Missouri, depois de denunciar perante o Congresso a espiral dos preços do café, declarando que tal aumento é "um logro provocado por uma escessez artificial, informou que a produção de café continuará aumentando, apesar da redução observada no Brasil. A Sra. Sullivan exigiu que se tomassem medidas para a regularização do comércio do

café e declarou que os aumentos dos preços, causados por uma escassez artificial, constituem uma fraude de $600.000.000 anualmente contra o povo norte-americano.

(Supermarket News — 7 de Junho de 1954).

Café com empacotamento de vácuo: A emprêsa McGarvey Coffee So., de Minneápolis, conseguiu aumentar as suas vendas de 25 a 30%, colocando no mercado sua marca de café em pacotes pelo processo de vácuo. Êsse novo sistema de empacotamento de vácuo oferece ao consumidor uma economia de 5% no preço, em comparação com o mesmo produto enlatado. Embora essa emprêsa continue vendendo também café enlatado, as suas maiores vendas são as do café empacotado, pelo processo de vácuo. Êsse processo é obtido mediante a introdução de bióxido de carbono no pacote cheio de café, expulsando-se 90% do ar, de modo que êsse alto grau de rarefação constitui um vácuo quase perfeito. Depois, o pacote é fechado com calor. Com êsse processo, segundo diz o Sr. McGarvey, o café permanece conservado e fresco durante uns seis mêses.

(Food Field Reporter — 14 de Junho de 1954).

Vendas de café solúvel em Indianapolis: De acôrdo com um estudo do consumo do café, levado a efeito em Indianapolis, 45,1% dos consumidores entrevistados naquela área estão usando cafés solúveis. Essa porcentagem foi de 38,8% em 1953, 30% em 1952, 25,7% em 1951, e 22,2% em 1950. A porcentagem dos que usam café regular baixou de 91,3%, em 1953, para 88,1%, êste ano.

(Food Field Reporter — 14 de Junho de 1954).

Para aproveitar o "coffee-break": Os dirigentes de fábricas, escritórios, lojas e armazéns estão procurando averiguar de que modo podem tirar o maior proveito do costume "a pausa para o café", de que participam 35 milhões de trabalhadores do país. Procura-se evitar o desperdício de tempo, as esperas prolongadas dos empregados que fazem "bicha", as interrupções na produção e os gastos excessivos. Uma companhia que se encarrega de instalar máquinas de vender, nas fábricas, nos escritórios e nos armazéns, apresentou à consideração dos dirigentes do comércio e da indústria os seguintes pontos básicos: 1) QUANDO? Quando é que o cansaço do trabalhador chega ao seu ponto máximo? Segundo um relatório recente do National Safety Council, entre as 10 e as 15 horas. 2) QUANTO TEMPO? Depende da distância que os empregados tenham que economizar e da rapidez com que sejam êles servidos. O serviço do café deve ser oferecido nas proximidades do local do trabalho e realizado com rapidez.

(Boletim da National Coffee Association — 7 de Maio de 1954).

ÍNDIA

Áreas de cultivo: Segundo o Dr. R. T. Naraynan, a India tem 240.000 acres de cultivo de café, assim distribuidas: Mysore, 93.000; Coorg, 46.000; Madras, 98.000; Travancore-Cochin, 2.500; e outros, 500. Do total, 170.000 acres são de Arábica e 70.000 de Robusta.

(G. G. Paton & Co. — 10 de Junho de 1954).

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	EE. UU.	Destinos Principais: Dados semanais: Europa	Outros	Total
BRASIL *	12/6/1954	33.000	52.000	16.000	101.000
	5/6/1954	27.000	45.000	16.000	88.000
	13/6/1953	151.000	16.000	11.000	178.000
COLÔMBIA **	12/6/1954	160.871	17.264	3.822	181.957
	5/6/1954	144.580	10.822	2.625	158.027
	13/6/1953	80.741	4.828	—	85.569

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 12/6/54	5/6/54	13/6/53
BRASIL *	Santos	2.427.000	2.304.000	1.961.000
	Rio	178.000	219.000	189.000
	Vitória	72.000	73.000	61.000
	Paranaguá	438.000 a	446.000 b	977.000 c
	Pernambuco	16.000	16.000	6.000
	Bahia	31.000	35.000	14.000
	Angra dos Reis	17.000	17.000	11.000
	TOTAL	2.179.000	3.110.000	3.219.000
COLÔMBIA **	Barranquilla	79.750	71.040	131.225
	Cartagena	29.223	29.489	57.821
	Buenaventura	184.103	181.694	180.793
	Cúcuta	31.176	33.369	130.691
	TOTAL	324.252	315.601	500.530

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK (*)

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
12/6/1954	187.703	234.164	168.145	590.012
5/6/1954	178.520	218.918	169.149	566.587
13/6/1953	33.192	197.516	133.505	364.213

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia
a) Livres
b) Livres
c) 976.000 livres e 1.000 retidos

N.º 886 *CARTA SEMANAL DO MERCADO* 25 *de Junho de* 1954

SITUAÇÃO ECONÔMICA *Contrôle das safras*: Com o fim de manter a produção agrícola, atualmente com excedentes, dentro de limites razoáveis, o Secretário da Agricultura dos Estados Unidos estabeleceu as medidas de contrôle mais rigorosas em tôda a história do país. A área para a produção do trigo na temporada de 1955 sofrerá uma redução de 11%, limitando-se a 55 milhões de acres, que é o mínimo permitido pela lei. Para que possa

receber subsídio, o lavrador de trigo, em 1954, terá que se limitar à área estabelecida para a sua produção de trigo, e limitar-se também à área total fixada para todos os cultivos que êle fizer com a ajuda do subsídio. Essa regulamentação tem como objeto evitar que o lavrador limite a área de um gênero de plantio subsidiado e exceda a de outros também subsidiados.

Calcula-se que dois milhões de lavradores serão afetados pela nova regulamentação e que 10 milhões de acres deixarão de ser cultivados com trigo, algodão e milho, ou aproveitados em culturas não subsidiadas. Os limites para as áreas de cultivo de milho e algodão serão fixadas mais tarde. A área limitada para o trigo, êste ano, é de 63 milhões de acres; em 1953, foi de 78 milhões. Em conjunto, cêrca de 30 milhões de acres deixaram de ser aproveitados com culturas de que há excedentes, entre 1953 e 1954. No dia 23 de Julho, os lavradores de trigo terão que decidir, mediante votação, se querem o sistema de limitação de área em trôco do subsídio para manutenção de preços, e não há dúvidas de que êles votarão a favor do sistema.

Essa medida do govêrno federal está sendo tomada num momento em que os excedentes da produção agrícola nas mãos do próprio govêrno são avaliadas em $6.500.000.000, e em que o govêrno não sabe se poderá estabelecer subsídios flexíveis para as mercadorias agrícolas básicas (trigo, algodão, milho, arroz, amendoim, tabaco, certos produtos de laticínios, etc.). O govêrno vem mantendo essas mercadorias a 90% do seu preço de paridade — entendendo-se por essa expressão que o govêrno garante 90% do preço que o lavrador deve receber, em relação ao que êle deve pagar pelas mercadorias que deve comprar — mas a Administração atual mantém que os subsídios, altos e rígidos, agravam o problema dos excedentes agrícolas e, por conseguinte, o problema fiscal do govêrno. O Secretário da Agricultura declara que essa ajuda federal, em alto nível e rigidamente feita, desiquilibra a produção, restringe a venda e o uso das mercadorias, causando desperdícios, tornando-se necessária inevitàvelmente a adoção de medidas restritivas e de regulamentação. Essa medida da Administração também é adotada num momento em que os mais importantes países exportadores de trigo estão tentando se livrar dos seus excedentes. Foi sugerido que os lavradores norte-americanos decidissem, em 1956, se êles quereriam um sistema de preço duplo: um preço de "paridade" para o trigo que vendessem nos Estados Unidos, e um preço competitivo para o trigo que êles vendessem no mercado mundial. O "carryover" de trigo nos Estados Unidos, da safra de 1953, é de 900.000.000 de bushels, e a safra de 1954, segundo se espera, será de 1.000.000.000 de bushels.

Indústria do aço: No dia 21 de Junho, interromperam-se as negociações que estavam sendo levadas a cabo entre o sindicato dos operários das indústrias siderúrgicas, que representa 650.000 trabalhadores, e os seus empregadores, negociações em que os operários pleiteavam um novo contrato, não se sabendo se as negociações serão reiniciadas antes do dia 30, data em que o atual contrato termina. O sindicato pleiteia o pagamento de maiores salários (atualmente êstes são de $2.18 por hora), a garantia de um salário anual, têrmos mais liberais para as pensões de aposentadoria, programas de bem-estar social, e outras melhorias. Na última greve dos operários da indústria do aço, em 1952, as usinas estiveram cerradas durante dois mêses. Se as usinas se fecharem neste verão, os preços do aço poderão subir ainda mais

no outono. As referidas negociações entre a união e os empregadores da indústria do aço são importantes porque poderão servir de padrão para as de outras indústrias, e uma greve na indústria do aço que redunde em concessões para a união poderá influir muito na atitude das uniões que não estão conseguindo concessões por meio de negociações com as outras indústrias.

Diminuição das reservas bancárias: O *Federal Reserve Board* diminuiu novamente aos limites mínimos dos fundos monetários que devem possuir os bancos que fazem parte do *Federal Reserve System*. Desta vez, os bancos poderão ter apenas $1.500.000.000 em fundo de reserva para cobrir os depósitos feitos nos mesmos. Em consequência, os bancos poderão dispôr, para créditos, de $7.500.000.000 a $9.000.000.000. O *Federal Reserve Board* tomou essa decisão tendo em vista as necessidades financeiras das emprêsas particulares e as do govêrno, durante os próximos mêses. No segundo semestre de 1954, o Tesouro dos Estados Unidos terá que tomar emprestados $10.000.000.000.

Se o *Federal Reserve Board* não tivesse aumentado o volume dos créditos potenciais, as necessidades de empréstimos das emprêsas particulares e as do govêrno teriam feito com que se aumentasse a porcentagem dos juros, o que, por sua vez, teria o efeito de aumentar os preços das mercadorias e talvez diminuir o volume das vendas.

MERCADO DO CAFÉ: O mercado a têrmo teve esta semana, novamente, um movimento irregular. Na sexta-feira passada, o mercado começou com preços inferiores ao da véspera, ganhou terreno depois, mas fechou com perdas de 85 a 100 pontos. Na segunda-feira, as perdas continuaram, tendo as cotações baixado de 75 a 100 pontos em relação ao fechamento de sexta-feira, depois de várias flutuações. Na terça-feira e na quarta-feira, o mercado recobrou as perdas, registrando ganhos líquidos de 55 a 100 na têrça-feira e de 80 a 95 quarta. Mas na quinta-feira, o mercado registrou perdas de 15 a 38 pontos. Esta manhã, os preços não se mostraram firmes, com perdas de 20 a 30 pontos. A posição aberta, hoje, era de 3.648 contratos, ao passo que na sexta-feira passada era de 3.482. A contínua expansão da posição aberta reflete a incerteza geral a respeito das tendências dos preços do café. E' também uma excelente demonstração do valor de uma Bôlsa em que se podem efetuar operações de compra e venda com o fim de proteger tanto os compradores como os vendedores contra as variações imprevistas dos preços no futuro.

O movimento do mercado a têrmo durante a semana de certo modo se relacionou com a notícia vinda do Brasil, da sexta-feira passada, de que o "carryover" da safra de 1953/54, em 30 de Julho, será de 2.700.000 sacas, tendo sido muito vagarosa a exportação durante as últimas semanas. Segundo cálculos feitos nos meios comerciais do café, o "carryover" será de 2.500.000 sacas. Segundo os jornais, que deram essas notícias, duvida-se que seja possível manter o preço mínimo de exportação no Brasil, de $.87 a libra, declarando-se que seria achado um meio para abaixar o preço efetivo (mesmo sendo mantido o preço nominal de $.87). Os aumentos da têrça-feira foram atribuidos tanto às compras do comércio norte-americano como às compras para firmas brasileiras, mas os aumentos da quarta-feira foram atribuidos às declarações de autoridades brasileiras, no sentido de que o café não seria expor-

tado do Brasil abaixo do preço básico, $87 a libra para o Santos 4, e que o Banco do Brasil manteria os empréstimos do café à razão de Cr$ 2.150 por saca de café Santos 4 nos armazéns de Santos, bem como permitiria o desconto de faturas, mediante condições que eliminariam as dificuldades econômicas dos cafeicultores e que contribuiriam para manter o preço mínimo de exportação.

No mercado dos físicos, o aspecto de maior destaque, desde a sexta-feira passada, foi a cotação do Santos 4 a $.85½ FOB, e, em um caso, dos Santos 4 e 5 a $.84½ FOB. Os colombianos foram vendidos, durante a semana, de $.83¼ a $.84½, melhorando o preço com a passagem dos dias. As cotações para entregas futuras variaram de $.84¾, em julho, a $.85/$.86¾ em Agôsto, e a $.86/$.87 em Setembro. Ofertas de primeira mão para os colombianos foram escassas, com algumas de $125 a saca FOB. Em geral, o mercado de físicos tranquilo.

No sábado passado, o Senado aprovou o projeto de lei, segundo o qual a Bôlsa de Café e Açúcar ficará sob a jurisdição da *Commodity Exchange Authority*. Para que se torne lei, o projeto de regulamentação do comércio do café deverá ser ainda aprovado na Casa dos Representantes e assinado pelo Presidente. No momento não se pode dizer se essa legislação (apresentada pelo Senador Gillette) será aprovada ou não. Não se sabe também quando será publicado o relatório da Comissão do Comércio Federal sôbre o mercado do café. Consta que tem agora 1.100 páginas, sendo 24 de sumário. Não foram divulgadas as conclusões e recomendações do relatório.

Embora não pretendendo tornar o café solúvel um ítem de uso padronizado nas fôrças navais, a Marinha de Guerra dos Estados Unidos está fazendo experiências com êsse tipo de café, porque (1) o mesmo requer menos carregamento do que o café regular, e (2) pode ser preparado com mais facilidade.

N.º 25 *O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA* 25 *de Junho de* 1954

EL SALVADOR

Novo método de fermentação: Dirigindo-se a membros da Associação do Café da Costa do Pacífico, na Convenção de Pebble Beach, California, o Sr. Roberto Quiñonez, Ministro da Agricultura de El Salvador, manifestou-se a favor da continuação dos estudos de pesquisas sôbre o café, de maneira que a indústria dêsse produto se coloque em níveis de eficiência comparáveis aos das outras indústrias agrícolas.

O Sr. Quiñonez informou também que o Centro de Pesquisas de El Salvador aperfeiçoou um novo método para reduzir a alguns minutos o processo de fermentação do grão do café, processo êsse atualmente leva de oito a a 30 horas. O referido Centro está fazendo experiências com aparelhos eletrônicos, com o objetivo de conseguir reduzir o fator tempo nos sistemas da secagem do grão. Entre os problemas que requerem pesquisas, o Sr. Quiñonez cita os seguintes: efeitos da luz solar, da temperatura, da umidade e das condições do solo na flôr e no fruto do cafeeiro; métodos de cultivo e de conservação do solo susceptíveis de contribuir para o máximo desenvolvimento da raíz do pé de café; seleção das variedades mais vantajosas, etc.

(Boletim da National Coffee Association — 28 de Maio de 1954).

TRIESTE

Feira do Café: Apesar de se considerar ainda o café em alguns países da Europa como uma artigo de luxo, os negociantes do pôrto livre de Trieste têm dado grande atenção ao mercado dêsse produto, conseguindo transformar Trieste num dos mais importantes centros de consumo do café do Mediterrâneo.

Pode-se dizer que, durante os últimos três anos, cêrca de 450.000 sacas de café, procedentes de todo o mundo, passaram por Trieste — importadas e vendidas diretamente à Itália ou re-exportadas para outros mercados. Na maioria, êsse café era da América Latina. Êsse volume de negócios poderia ter sido muito maior, se os países do interior da Europa e do Meio Oriente tivessem tido mais divisas estrangeiras disponíveis.

Em 1952 e 1953, Trieste organizou duas magníficas exposições de café que chamaram a atenção de todo o comércio do café na Europa. No ano passado, a Segunda Feira Internacional do Café atraiu produtores de 17 países que, em conjunto, representam 90% da produção mundial. Na próxima Feira Internacional, que se realizará no período de 17 de Junho a 4 de Julho, serão exibidos tipos de café do Brasil, de Honduras, da Guatemala, de El Salvador, de Haití, da República Dominicana, da Indonésia e de outros países.

(Feira Internacional do Comércio de Trieste — 4 de Junho de 1954).

EL SALVADOR

Em consequência de um relatório apresentado pelo representante de El Salvador, Sr. Vitelli, na 9.a Conferência de Comércio Internacional do Vale do Mississipi, foi adotada a seguinte resolução:

"CONSIDERANDO: que na 9.a Conferência se chegou à conclusão de que a alta do café nos Estados Unidos e na maior parte dos países produtores de café do mundo é o resultado da escassez do produto e do efeito da lei da oferta e da procura, e não de especulações por parte dos países produtores ou dos interêsses do café nos Estados Unidos: RESOLVE: que esta 9.a Conferência do Comércio Internacional do Vale do Mississipi faz constar que condena as campanhas injustas segundo as quais os preços atuais do café são o resultado de especulação por parte dos países produtores e de grupos de comerciantes do café nos Estados Unidos".

(Comunicado da Asociación Cafetalera de El Salvador, 21/8/1954).

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos Principais: Dados semanais: EE. UU.*	*Europa*	*Outros*	*Total*
BRASIL *	19/6/1954	46.000	50.000	10.000	106.000
	12/6/1954	33.000	52.000	16.000	101.000
	20/6/1953	181.000	168.000	20.000	369.000
COLÔMBIA **	19/6/1954	129.053	8.665	4.522	142.240
	12/6/1954	160.871	17.264	3.822	181.957
	20/6/1953	95.844	9.595	3.775	109.214

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	19/6/54	12/6/54	20/6/53
BRASIL *	Santos	2.478.000	2.427.000	1.921.000
	Rio	146.000	178.000	194.000
	Vitória	61.000	72.000	64.000
	Paranaguá	430.000 a	438.000 b	818.000 c
	Pernambuco	15.000	31.000	4.000
	Bahia	30.000	31.000	14.000
	Angra dos Reis	17.000	17.000	11.000
	TOTAL	3.177.000	3.179.000	3.026.000
COLÔMBIA **	Barranquilla	110.803	79.750	142.428
	Cartagena	26.896	29.223	54.377
	Buenaventura	165.908	184.103	158.505
	Cúcuta	31.759	31.176	130.823
	TOTAL	335.366	324.252	486.133

ESTOQUES NO INTERIOR DE SÃO PAULO (*)

Safra:	*Maio/1954*	*Abril/1954*	*Maio/1953*
1951/1952	—	—	2.000
1952/1953	13.000	13.000	561.000
1953/1954	417.000	1.045.000	—
TOTAL	430.000	1.058.000	563.000

Despachos ferroviários durante o período de 1/Julho/1953 a 31/Maio/1954, para:

Santos	6.057.000
Rio	108.000
Angra dos Reis	—
Outros ***	1.170.000
	7.335.000

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CÂMBIO METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO COUROS — ETC.

Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 - 4.o andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
R. Libero Badaró, 488 - 2.o andar
Fone: 33-4976

SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 — 4.o andar — Fone: 2-7278

Agências nos principais Estados do Brasil

"NÃO TENHAMOS MEDO DO CAFÉ SOLÚVEL AO CONTRÁRIO PROCUREMOS PRODUZÍ-LO"

Sôbre a entrevista concedida pelo sr. Ruí de Almeida, presidente do Centro de Comércio do Café, do Rio, na qual destaca três elementos como inimigos primordiais do café, a reportagem do DIÁRIO DE S. PAULO ouviu o sr. Antônio de Queirós Telles, antigo cafeicultor no Estado, que assim se pronunciou:

— "O sr. Ruí de Almeida adiantou que um dos inimigos do café, é a venda do produto solúvel, como se está fazendo nos Estados Unidos, onde, ao que sei, 20% das vendas alí, são de café solúvel. No entanto, o café solúvel tem todos os requisitos necessários para tornar fácil a propaganda do produto; seu gosto é agradável e, considerando-se que o valor do café como bebida de sabor agradável está na razão direta de seu bom preparo, somos de opinião que outros povos que não sabem prepará-lo bem. Preferem o solúvel dada a facilidade de preparo, equivalente ao chá. Este ponto de vista se baseia na prática que obtive durante, cinco anos como chefe de propaganda do café em Buenos Aires. Em última análise, sou favorável ao café solúvel. Acho, no entanto, que deveríamos ser nós, os plantadores de café, que deveríamos fabricá-lo, ao invés dos Estados Unidos. Em época pouco remota o Departamento Nacional de Café, solicitado a dar licença para o seu fabrico entre nós, negou-se a fazê-lo, naturalmente acossado pelos comerciantes de café de Santos. E' bom frisar que tudo no mundo evolui, e, se pudermos encontrar novas fontes de riqueza, não devemos ficar estacionários, produzindo só aquilo na forma que nossos avós nos ensinaram. Com a industrialização do café solúvel," poderíamos aproveitar os resíduos, que dentre muitas outras qualidades, serve para a fabricação de matérias plásticas."

MAIORES EXPORTAÇÕES

Quanto ao item em epígrafe, manifestou o seu ponto de vista favorável àampliação da propaganda do produto em países europeus, frisando, contudo, que a dificuldade nesse particular é enorme, se considerarmos as barreiras alfandegárias impostas à entrada do produto pela maioria dos países da Europa. Lá o café não é considerado produto de luxo, porque é proibitivo. Isto, nos inibe de aumentar a propaganda, que não daria o efeito desejado, frisou o nosso entrevistado.

Antes de concluir suas declarações, o sr. Antônio de Queirós Telles disse da necessidade de ser adotada uma política cafeeira racional, neste momento, a fim de estarmos preparados para dentro de 4 ou 5 anos, fazermos face às grandes produções de café no Brasil. Os fenômenos climáticos que no momento impedem o crescimento da produção, não são eternos. Hoje ou amanhã, cessarão, e, então, teremos outra vez, grande produção dessa importante rubiácea.

(D "Diário de S. Paulo", de 28-1-53).

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATISTICO

ANO XX São Paulo, 13 de julho de 1954 N.o 342

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1953/1954
1) CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA SANTOS

ESTRADAS DE FERRO	JULHO A ABRIL
Santos a Jundiaí	126 570
Sorocabana	958 730
Paulista	2 211 947
Mogiana	762 703
Araraquara	774 457
Noroeste do Brasil	1 218 566
Central do Brasil	708
Estradas de Rodagem	3 600
TOTAL	**6 057 281**
SAFRA 52/53	**6 792 633**

NOTA: — Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

2) CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		
Despachado	Ferrov.	Rodov.	Ferrov.	Rodov.	Totais
Jul./abril .	34 737	73 255	—	—	107 992
Total ...	34 737	73 255	—	—	107 992

3) CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	Julho/Abril
Paraná	587 886
Minas Gerais	500 336
Goiás	76 569
Mato Grosso	5 330
Espírito Santo	2 000
TOTAL	**1 172 121**
SAFRA 52/53	**767 249**

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1953/1954 (ATÉ 30 DE JUNHO DE 1954)

Paulista	Despachado	Dest. Alt. Cancelado	Total	Liberado	A liberar
Comum	6 046 762	2 230	6 044 532	6 044 532	——
Despolpado .	6 919	——	6 919	6 919	——
Rodoviário .	3 600	1 277	2 323	2 323	——
Total Ger. .	**6 057 281**	**3 507**	**6 053 774**	**6 053 774**	——
Outros Estados - até 30 -junho-54					
Paraná	587 886	——	587 886	587 886	——
M. Gerais ..	500 336	141	500 195	500 195	——
Goiás	76 569	——	76 569	76 569	——
M. Grosso .	5 330	——	5 330	5 330	——
Esp. Santo .	2 000	——	2 000	2 000	——
Total	**1 172 121**	**141**	**1 171 980**	**1 171 980**	——

Cancelamento ..... 610 scs.

Destino Alterado ..... 1 620 scs. 2 230 scs.

Safra 50/51 - Por liberar dependendo de Ação Judicial 1 080 scs.

Safra 51/52 - Apreendido ..... 1 000 scs.

Safra 52/53 - Apreendido ..... 12 930 scs.

Trânsito Especial ..... 409 scs.

Esta publicação retifica as anteriores.

O PRECEITO DO DIA

A CARNE NA ALIMENTAÇÃO

A carne fornece ao corpo substâncias necessárias à constituição dos vários tecidos. Mas, consumida demasiadamente, torna-se inconveniente porque, entre outros motivos, dá ensejo à formação de ácidos prejudiciais ao organismo.

Não coma carne em excesso. Usá-la uma vez por dia é o suficiente. — SNES.

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JUNHO DE 1954

Continentes:	Países	Sacas	Totais
EUROPA:	Alemanha	5.426	
	Áustria	319	
	Bélgica	5.005	
	Dinamarca	798	
	Finlândia	44.909	
	França	4.425	
	Grécia	813	
	Holanda	375	
	Itália	815	
	Iugoslávia	237	63.122
AMÉRICA DO NORTE:	Estados Unidos	5.525	5.525
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	37.459	
	Paraguai	200	
	Uruguai	890	38.549
ÁFRICA:	União Sul Africana	1.300	1.300
ÁSIA:	Japão	25	25
	Total p/ o exterior		108.521
CABOTAGEM:	Sul	470	470
	TOTAL GERAL		108.991

Consumo de bordo — 69 sacas.

O PRECEITO DO DIA

DENTES ESTRAGADOS

Os dentes estragados, além de determinarem mau hálito, são responsáveis por inúmeras perturbações da saúde. E' preciso tratar dos dentes o mais cedo possível.

Mande examinar seus dentes pelo menos duas vêzes por ano. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

JUNHO DE 1954

Sacas de 60 quilos

Portos de embarques	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Junho de 1954:				
Santos	190 345	310	139	190 785
Paranaguá	31 781	—	1 283	33 064
Rio de Janeiro	108 521	69	470	109 060
Vitória	61 142	2	20 840	81 984
Recife	975	19	—	994
Salvador	3 311	—	2 645	5 956
Total de junho	**296 075**	**400**	**25 368**	**421 843**
Janeiro	1 125 470	483	17 231	1 143 184
Fevereiro	994 393	348	17 150	1 011 891
Março	1 375 456	363	29 509	1 405 328
Abril	997 667	424	27 303	1 025 394
Maio	473 675	282	15 143	489 100
Total de Jan. a junho	**5 362 736**	**2 300**	**131 704**	**5 496 740**

Nota: — Cifras sujeitas a retificação.

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JUNHO DE 1954

VIAS	São Paulo	Minas Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Bahia	TOTAL
E. F. C. do Brasil	—	5.168	3.999	2.562	—	11.729
E. F. Leopoldina	—	835	1.633	1.483	—	3.951
Rodoviário	725	5.161	3.226	655	170	9.937
Total:	**725**	**11.164**	**8.858**	**4.700**	**170**	**25.617**

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JUNHO DE 1954 E SAFRA 1953/54

Mêses		Entradas	Embarques
1953	Julho	208.515	165.281
	Agôsto	405.515	266.766
	Setembro	552.956	434.571
	1. Trimestre	**1.166.986**	**866.618**
	Outubro	578.822	459.664
	Novembro	457.865	428.942
	Dezembro	460.229	407.197
	2.o Trimestre	**1.496.916**	**1.295.803**
	1.o SEMESTRE	**2.663.902**	**2.162.421**
1954	Janeiro	286.716	327.177
	Fevereiro	263.998	146.736
	Março	247.433	275.246
	3.o Trimestre	**798.147**	**749.159**
	Abril	144.590	237.967
	Maio	141.575	105.929
	Junho	25.617	108.991
	4.o Trimestre	**311.782**	**452.887**
	2.o SEMESTRE	**1.109.929**	**1.202.046**
	SAFRA	1) **3.773.831**	**3.364.467**

3.748.214
1.229 revertidas ao mercado até
3.749.443 31 de maio

1) 3.773.831 Deduzidos pelo I. B. C.,
4 por ter havido engano no reg.
3.773.827 n.o 756, de 18/3.

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SAN

SAFRA 1953/54

ENTRADAS

Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogrossense	E. Santo	Total	Emb
3 897	—	40 627	—	—	420 000	3
15 458	2 481	32 897	—	—	637 164	6
44 158	5 832	63 214	—	—	790 922	7
32 035	5 500	57 221	—	—	908 163	6
19 930	3 800	29 095	—	—	604 207	7
17 098	2 650	35 693	—	—	500 285	8
36 910	6 900	23 924	—	—	540 220	4
61 604	9 900	44 282	300	—	600 946	4
81 219	11 413	76 605	—	—	625 752	7
69 860	13 788	72 247	1 010	2 000	601 347	4
58 018	9 344	67 015	470	—	624 410	2
60 336	4 961	70 177	3 550	—	419 774	1
500 523	**76 569**	**613 897**	**5 330**	**2 000**	**7 273 190**	**6 7**

TOS

MOVIMENTO

ques	Despachos	Retirado do estoque	Revertido ao estoque da praça	Existência
661	399 417	2 539	—	1 966 641
972	656 165	4 198	—	1 945 635
606	757 450	4 507	776	1 945 220
178	736 695	3 114	2 820	2 169 911
921	789 536	2 532	25	1 981 690
006	856 392	2 032	—	1 633 937
144	458 667	1 806	615	1 706 822
581	474 897	2 239	—	1 822 948
997	712 787	1 372	—	1 715 331
879	456 020	4 555	—	1 836 244
947	220 226	1 558	—	2 233 149
440	188 550	14 783	232	2 447 932
332	6 706 802	45 235	4 468	—

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONIVEL DE NOVA YORK

Junho de 1954

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

DIA	SANTOS		RIO
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 7
1	89 75	87 37	73 75
2	90 00	88 50	74 50
3	90 50	89 50	75 50
4	90 50	89 50	75 50
7	90 50	89 50	75 50
8	90 50	89 50	75 50
9	90 50	89 50	75 50
10	89 25	88 00	73 50
11	89 25	88 00	73 00
14	89 25	88 00	72 50
15	88 00	86 75	71 25
16	89 00	87 75	72 50
17	89 00	87 75	72 50
18	89 00	87 75	72 50
21	88 50	87 25	71 50
22	88 50	87 25	70 50
23	89 75	88 25	71 75
24	89 75	88 25	72 00
25	90 00	88 50	72 00
28	90 50	89 00	72 50
29	90 50	89 00	72 50
30	90 50	89 00	72 00
Média	**89 23**	**88 36**	**73 10**

COTAÇÕES DE CAFÉS DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

(Em Cr$ por 10 quilos) — Junho de 1954

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos tipo 4	Estilo Santos Riado tipo 4	Sem Descrição tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
1	432 00	413 50	375 00	330 00	260 80
2	432 50	413 00	375 00	330 00	262 60
3	433 50	415 00	377 50	335 00	263 60
4	433 50	415 00	377 50	335 00	265 90
7	441 50	418 50	379 50	330 00	260 90
8	438 50	415 00	376 00	330 00	263 90
9	436 00	415 00	375 50	330 00	261 10
10	432 00	411 50	373 50	330 00	259 20
11	430 00	410 50	373 50	330 00	259 00
14	426 50	407 00	371 00	325 00	260 10
15	425 00	405 00	371 00	320 00	250 30
16	425 50	405 00	371 00	320 00	256 60
18	425 50	403 50	370 50	320 00	256 00
21	425 00	402 00	370 00	315 00	261 70
22	423 50	401 50	368 50	310 00	258 60
23	412 00	401 00	366 00	310 00	259 00
24	420 00	400 50	365 50	310 00	258 80
25	420 50	400 50	365 50	310 00	260 50
28	423 50	402 00	366 00	310 00	260 50
30	424 50	401 50	365 50	330 00	260 00
Média	**428 05**	**407 82**	**371 67**	**323 05**	**259 96**

COTAÇÃO DO DISPONIVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Junho de 1954

CAFÉS ESTRANGEIROS

Procedência	2	9	16	23	30	Média
COLOMBIA						
Medelin Excelso	(2) 84 00	(2) 86 00	(2) 84 00	(2) 83 1/2	(2) 85 00	84 1/2
Armenia	(2) 84 00	(2) 86 00	(2) 84 00	(2) 83 1/2	(2) 85 00	84 1/2
Manizales	(2) 84 00	(2) 86 00	(2) 84 00	(2) 83 1/2	(2) 85 00	84 1/2
Cucutá	(2) 83 3/4	(2) 85 3/4	(2) 83 3/4	(2) 83 1/4	(2) 84 3/4	84 1/4
Bogotá	(2) 83 3/4	(2) 85 3/4	(2) 83 1/4	(2) 83 1/4	(2) 84 3/4	84 1/4
Tolima	(2) 83 3/4	(2) 85 3/4	(2) 83 3/4	(2) 83 1/4	(2) 84 3/4	84 1/4
Ocana	(2) 83 3/4	(2) 85 3/4	(2) 83 3/4	(2) 83 1/4	(2) 84 3/4	84 1/4
COSTA RICA						
Honduras Hard	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Atlantic Fino	"	"	"	"	"	—
CUBA						
Lavado bom	"	"	"	"	"	—
Lavado Regular	"	"	"	"	"	—
EQUADOR						
Lavado	(6) 85 00	(6) 85 00	(6) 84 3/4	(x) 83 1/2	(6) 83 1/2	84 11/32
Extra não lavado	(6) 76 00	(6) 76 00	(6) 75 00	(x) 74 00	(6) 74 00	75 00
GUATEMALA						
Antigua	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Extra primeira	"	"	"	"	"	—
Lavado bom	"	"	"	"	"	—
Bourbon	"	"	"	"	"	—
HAITÍ						
Lavado bom móle	(6) 84 00	(6) 84 00	(6) 83 1/2	n/cot.	(6) 82 1/2	83 1/2
Catado à mão	(6) 81 00	(6) 81 1/4	(6) 81 00	(6) 80 1/2	(6) 80 1/2	80 51/64
HONDURAS						
Lavado bom	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Tipo 5 — Comum duro	"	"	"	"	"	—
JAMAICA						
Lavado	"	"	"	"	"	—
Comum bom	"	"	"	"	"	—
MÉXICO						
Coatepec	"	"	"	(6) 83 00	"	—
Tapachula primeira ..	"	"	"	(6) 82 3/4	"	—
Maragogipe	"	"	"	n/cot.	"	—

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Junho de 1954

CAFÉS ESTRANGEIROS

Procedência	2	9	16	23	30	Média
NICARAGUA						
Matagalpa	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Lavado primeira	"	"	"	"	"	—
EL SALVADOR		"				
Lavado primeira	"	"	"	"	"	—
Não lavado	"		"	"	"	—
S. DOMINGOS		(6) 84 00				
Lavado bom mole	(6) 83 1/2	(6) 83 1/4	(6) 82 3/4	(6) 82 00	(6) 82 1/2	82 61/64
Fino	(6) 83 00		(6) 82 00	(6) 82 1/4	(6) 83 00	82 45/64
VENEZUELA						
Maracaibo	(6) 84 00	(6) 84 1/4	(6) 84 00	(6) 82 1/2	(6) 83 3/4	83 45/64
Trujillo	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
CONGO BELGA						
Lavado robusta	"	"	"	"	(6) 86 00	86 00
Natural robusta	(6) 69 00	(6) 69 00	(6) 70 00	(6) 70 00	(6) 69 00	69 13/32
KENIA						
Lavado A	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Lavado R	"	"	"	"	"	—
MÓCA						
Móca (Arabia)	(6) 85 00	(6) 86 1/2	(6) 88 00	(6) 88 00	(6) 86 00	86 45/64
N. E. I.						
Genuino Java lavado	(6) 89 00	(6) 89 00	(6) 89 00	(6) 89 00	(6) 89 00	89 00
Lavado robusta	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Natural Java robusta	"	"	"	"	"	—
TANGANYIKA						
Lavado A	"	"	"	"	"	—
UGANDA						
Lavado	(6) 65 00	(6) 65 00	(6) 65 00	"	"	—

INDICAÇÕES: (1) C. & F. — U.S.A. (Nova York
(2) Desembarcado à vista líquido.
(3) Disponível.
(4) F.O.B. Nova York
(5) F.O.B. País de Procedência.
(6) Nominal.

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Junho de 1954

CONTRATO "S"

DIA	JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO		MAIO		JULHO 1955	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	89 50	87 55	88 20	86 70	87 05	86 10	86 40	85 65	86 10	85 20	86 00	—
2	88 75	88 80	87 30	88 05	87 20	87 50	86 90	87 05	86 30	86 45	—	—
3	89 25	89 94	88 80	89 23	88 15	88 65	87 55	88 25	87 15	87 65	—	—
4	89 30	88 70	88 14	88 10	88 14	87 45	87 65	87 05	n/cot.	86 48	—	—
7	89 70	89 73	88 80	89 20	88 15	88 65	87 60	88 10	87 25	87 65	—	—
8	90 10	89 50	89 69	88 97	89 00	88 32	88 57	87 90	88 15	87 55	—	—
9	89 26	88 80	88 50	88 30	87 80	87 68	87 20	87 25	86 95	86 85	—	—
10	88 30	87 95	87 75	87 50	86 85	86 88	86 25	86 48	85 95	85 98	—	—
11	87 75	88 40	87 45	87 95	86 75	87 36	86 40	86 90	85 85	86 45	—	—
14	87 60	87 68	87 05	87 25	86 20	86 50	86 00	86 05	85 50	85 60	—	—
15	86 50	87 68	86 25	87 25	85 50	86 50	85 05	86 05	84 50	85 60	—	—
16	87 00	86 50	86 85	86 05	86 25	84 89	85 55	84 29	84 90	85 39	—	—
17	88 30	88 08	87 32	87 65	87 32	87 00	86 70	86 45	86 00	86 00	—	—
18	88 00	87 10	87 50	86 80	86 75	86 00	86 09	85 60	85 80	85 10	—	—
21	87 40	86 35	87 20	85 95	86 35	85 15	85 80	84 70	85 25	84 15	—	—
22	85 20	86 90	85 00	86 90	84 10	86 00	83 89	85 60	83 15	85 10	—	—
23	87 75	87 75	87 90	87 70	86 85	86 95	86 20	86 50	85 75	86 04	—	—
24	87 75	87 70	87 30	87 50	86 75	86 60	86 15	86 20	85 70	85 75	—	—
25	87 40	89 25	87 20	88 15	86 60	87 25	86 00	86 80	85 55	86 30	—	—
28	89 00	89 00	88 50	88 05	87 50	87 05	86 90	86 40	86 37	85 90	—	—
29	88 90	89 10	87 85	88 14	86 80	87 15	86 10	86 50	85 70	85 96	—	—
30	89 40	89 02	88 50	88 01	86 84	87 00	87 44	86 40	86 20	85 85	—	—
Média	**88 27**	**88 25**	**87 68**	**87 70**	**86 95**	**86 94**	**86 47**	**86 46**	**85 90**	**86 05**	**86 00**	—

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — Mercado Livre — Vendas à Vista — Junho de 1954

Dia	Londres libra	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa
1	52,69 60	18,82 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	5,89 97	3,64 02
2	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,89 51	3,64 02
3	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,93 69	3,64 02
4	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02
5	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,04 17	3,64 02
7	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,04 17	3,64 02
8	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02
9	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02
10	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02
11	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,03 21	3,64 02
12	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,00 80	3,64 02
14	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,00 80	3,64 02
15	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,98 41	3,64 02
16	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,97 46	3,64 02
18	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,88 13	3,64 02
19	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,87 21	3,64 02
21	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,87 21	3,64 02
22	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,87 21	3,64 02
23	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,87 21	3,64 02
24	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,89 05	3,64 02
25	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,92 76	3,64 02
26	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,92 76	3,64 02
28	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,92 76	3,64 02
29	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,89 97	3,64 02
30	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,85 38	3,64 02
Média	**52,69 60**	**18,82 00**	**4,42 68**	**0,65 07**	**1,35 20**	**5,94 83**	**3,64 02**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — Mercado Livre — Compras à Vista — Junho de 1954

Dia	Londres libra	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa
1	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
2	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
3	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,71 07	3,55 13
4	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
5	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,81 07	3,55 13
7	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,81 01	3,55 13
8	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
9	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
10	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
11	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13
12	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,77 81	3,55 13
14	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,77 81	3,55 13
15	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,75 55	3,55 13
16	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,74 65	3,55 13
18	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,65 79	3,55 13
19	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,64 92	3,55 13
21	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,64 92	3,55 13
22	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,64 92	3,55 13
23	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,64 92	3,55 13
24	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,66 67	3,55 13
25	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,70 19	3,55 13
26	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,70 19	3,55 13
28	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,70 19	3,55 13
29	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,67 54	3,55 13
30	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,63 19	3,55 13
Média	**51,40 80**	**18,36 00**	**4,28 33**	**0,63 28**	**1,31 61**	**5,73 06**	**3,55 13**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de CÂMBIO OFICIAL, afixadas pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo

JUNHO DE 1954

Dias	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
1 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,3799	0,0538
2 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,0538
3 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,0538
4 ...	—	—	18,82	—	—	4,4285	3,6402	2,7499	—	—	0,3799	0,0538
5 ...	—	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,0538
7 ...	—	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,0538
8 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,0538
9 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	0,6607	—	0,0538
10 ...	52,6960	—	18,82	—	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	—	0,3799	0,0538
11 ...	52,6960	—	18,82	—	—	4,4268	3,6402	2,7499	1,7000	0,6607	0,3799	0,0538
12 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538
14 ...	—	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,0538
15 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,3799	0,0538
16 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,3799	0,0538
18 ...	52,6960	—	18,82	—	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	—	—	0,0538
19 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538
21 ...	—	—	18,82	—	—	—	—	2,7499	—	—	—	0,0538
22 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	0,3799	0,0538
23 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538
24 ...	52,6960	19,2000	18,82	—	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538
25 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,0538
26 ...	52,6960	—	18,82	5,9232	4,9722	—	3,6402	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538
28 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—	0,0538
30 ...	52,6960	—	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	0,6607	—	0,0538
Média	**52,6960**	**19,2000**	**18,82**	**5,9232**	**4,9722**	**4,4271**	**3,6402**	**2,7499**	**1,7000**	**0,6607**	**0,3799**	**0,0538**

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

JUNHO DE 1954

Dia	EMBARQUES						ENTRADAS					
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do mercado	Consumo local	Existência
1	—	1 949	500	390	—	2 839	—	—	—	—	—	223 205
2	—	1 195	—	—	—	1 195	5 452	—	5 452	—	—	218 948
3	725	990	—	—	—	1 715	2 375	—	2 375	4	—	218 284
4	—	1 829	1 000	330	—	3 159	4 503	—	4 503	—	—	216 940
5	—	—	—	—	—	—	40 066	—	40 066	—	—	176 874
7	—	1 070	—	—	—	1 070	—	—	—	—	—	177 944
8	—	750	990	—	—	1 740	6 245	—	6 245	—	—	173 439
9	—	—	1 996	—	—	1 996	1 342	—	1 342	—	—	174 093
10	—	1 625	583	900	—	3 108	—	—	—	23	—	177 178
11	—	400	—	—	—	400	—	—	13 097	—	—	177 578
12	—	—	—	—	—	—	13 097	—	—	—	—	164 481
14	—	—	750	350	—	1 100	—	—	—	—	—	165 581
15	—	—	300	—	—	300	800	—	800	—	20 000	145 081
16	—	1 106	—	—	—	1 106	—	—	—	—	—	146 187
18	—	—	1 689	2 147	—	3 836	7 527	470	7 997	—	—	142 026
19	—	—	—	—	—	—	2 750	—	2 750	—	—	139 276
21	—	—	—	—	—	—	895	—	895	—	—	138 381
22	—	—	1 050	250	—	1 300	2 714	—	2 714	—	—	136 967
24	—	250	—	333	—	583	2 925	—	2 925	—	—	134 625
25	—	—	—	—	170	170	9 832	—	9 832	—	—	124 963
26	—	—	—	—	—	—	4 765	—	4765	—	—	120 198
28	—	—	—	—	—	—	1 325	—	1 325	—	—	118 873
29	—	—	—	—	—	—	908	—	908	—	—	117 965
30	—	—	—	—	—	—	1 000	—	1 000	69	20 000	96 896
Total	**725**	**11 164**	**8 858**	**4 700**	**170**	**25 617**	**108 521**	**470**	**108 991**	**96**	**40 000**	—

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

O papel do café na civilização brasileira — J. Testa 5
Adubação e irrigação do cafeeiro — J. Bemelmans 9
Nota sôbre a aplicação de "Nugreen" a fôlhas de cafeeiros apresentando sintomas de carência de nitrogênio — Heli Camargo Mendes e Coaracy M. Franco 17
Sugestões para uma lei de plantio racional das novas lavouras de café e de proteção do solo nas lavouras já formadas — João Quintiliano de A. Marques 21

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Com a instalação da sua Junta Administrativa entrou o Instituto Brasileiro do Café em nova fase de sua vida 32
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — junho) 52
'Não tenhamos medo do café solúvel; ao contrário, procuremos produzí-lo" 70

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.º 342 — 13 de julho de 1954 72
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro — junho ... 74
Exportação Brasileira de Café — junho 75
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — junho 75
Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro — junho e safra 1953/54 76
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — junho 77
Movimento de café na praça de Santos — junho ..... Apenso
Movimento de café em Santos — safra 1953/54 ..... Apenso
Cotações de cafés disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — junho 78
Cotação do disponível em Nova York — cafés estrangeiros — junho 79
Cotações de café à têrmo em Nova York — Contrato "S" — junho 81
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Vendas à Vista — junho 82
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças - Compras à Vista - junho 83
Câmbio em São Paulo — Oficial — junho 84
Movimento de café no Rio de Janeiro — junho 85
Balancete financeiro em 30 de junho de 1954 do Instituto de Café do Estado de São Paulo ..... Apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — junho ..... Apenso
Câmbio em São Paulo — Livre — junho ..... Apenso
Câmbio em São Paulo — Oficial — maio ..... Apenso

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de CÂMBIO LIVRE, afixadas pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de JUNHO de 1954

Dias	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Uruguai	Holanda	Alemanha	Suiça	Suécia	Dinamarca	Argentina	Portugal	Espanha	Bélgica	França	Itália
1	158,1580	—	56,8155	—	—	—	13,3563	—	—	2,2000	2,0019	1,3633	1,0800	—	—
2	157,5703	—	56,7166	—	—	—	13,3391	—	—	—	1,9985	1,4280	—	—	—
3	157,5563	—	56,7674	18,1000	—	—	13,3000	9,2500	—	2,2500	1,9964	1,4300	1,1000	—	—
4	158,6994	—	56,8506	18,0000	—	—	13,3000	8,8000	6,8000	2,3000	2,0030	—	—	0,1240	0,0940
5	157,9297	—	56,4919	—	—	—	13,2400	—	6,0000	—	2,0008	1,4165	1,1330	—	—
7	157.6376	—	56,7385	—	—	14,0000	13,3100	9,5000	—	—	2,0000	1,4300	—	—	—
8	155.6562	—	56,9173	18,0755	—	—	13,5000	—	6,8162	2,2717	1,9942	1,4300	1,1000	—	0,0938
9	158,3014	—	56,9824	—	—	—	13,2000	—	6,5700	—	1,9960	1,4138	1,1000	0,1499	—
10	159,6146	—	57,1245	13,0000	—	—	13,3366	—	—	2,2000	1,9984	1,4400	1,1395	—	—
11	158,9904	—	57,1629	18,4000	—	—	13,3849	—	6,6000	—	1,9955	1,4015	1,1339	—	—
12	158,9876	58,5000	57,1672	—	—	—	—	9,1531	6,4859	—	2,0139	1,4400	—	—	—
14	—	—	57,3022	—	14,5000	—	13,4500	—	—	2,1900	2,0300	—	—	0,1650	—
15	159,7563	—	57,1848	—	—	—	13,3000	—	—	2,1333	2,0197	1,4400	—	—	—
16	159,4099	—	57,1150	18,6000	—	—	13,4000	—	—	2,2000	2,0107	1,4400	1,0600	—	—
18	158,3897	—	57,0860	18,4000	—	—	13,4382	—	—	2,2000	2,0161	1,4400	—	0,1240	—
19	159,0850	—	57,2015	18,6000	—	—	—	9,5000	—	—	2,0163	—	—	—	—
21	159,1222	—	57,4843	—	—	—	13.4000	—	—	—	2,0000	—	1,0900	—	—
22	156,9330	—	57,3965	—	—	—	13,5000	—	5,5000	2,2000	2,0284	1,4500	1,0900	—	0,0950
23	158,3694	—	58,1133	18,0000	—	—	13,4000	—	—	2,2000	2,0201	1,3500	—	—	0,0920
24	158,6058	—	57,5231	18,8781	—	—	13,4000	—	6,5663	2,2000	2,0153	1,4500	—	—	0,0950
25	159,1315	—	57,9528	—	—	—	13,5931	9,5000	6,7600	—	2,0314	1,4114	1,0900	0,1650	—
26	159,5373	—	58,0356	—	—	—	13,5483	9,5000	—	2,2000	2,0212	1,4600	1,1400	—	0,1000
27	160,5199	—	58,0658	18,6300	—	—	—	9,5419	—	—	2,0500	1,4600	—	—	—
30	160,4529	—	58,3612	18,3000	—	14,0000	13,6269	9,4250	6,8000	2,2000	2,0277	1,4573	—	—	0.1000
Média ..	158,6269	58,5000	57,2732	17,9153	14,5000	14,0000	13,3963	9,3522	6,4898	2,2103	2,0118	1,4275	1,1047	0,1455	0,0956

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

VALOR DAS DIVERSAS MOEDAS EM DOLAR

JUNHO DE 1954

DIA	Londres £	Montreal $	Rio de Jan. cr$	B. Aires peso	Montevideo peso	Paris franco	Berna franco	Stockolmo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdan guilder	Brasil cr$ oficial
1	2,81 15/16	1,01 3/4	0,01 80	0,07 25	0,31 17	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 43	0,05 50
2	2,81 15/16	1,01 19/32	0,01 80	0,07 25	0,31 35	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 43	0,05 50
3	2,81 7/8	1,01 11 16	0,01 81	0,07 25	0,31 50	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/2	0,26 43	0,05 50
4	2,81 7/8	1,01 11/16	0,01 81	0,07 25	0,31 60	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 43	0,05 50
7	2,81 7/8	1,01 3/4	0,01 81	0,07 25	0,31 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 44	0,05 50
8	2,81 7/8	1,01 3/4	0,01 80	0,07 25	0,32 00	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3/4	0,26 44	0,05 50
9	2,81 27 32	1,01 7/8	0,01 79	0,07 25	0,32 12	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 44	0,05 50
10	2,81 15/16	1,01 29 32	0,01 77	0,07 25	0,32 00	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 43	0,05 50
11	2,81 7/8	1,01 7/8	0,01 80	0,07 25	0,32 00	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 43	0,05 50
14	2,81 7/8	1,01 7/8	0,01 78	0,07 25	0,31 75	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26, 44	0,05 50
15	2,81 15 16	1,01 15/16	0,01 78	0,07 25	0,31 75	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 44	0,05 50
16	2,81 7/8	1,01 7 8	0,01 80	0,07 25	0,31 75	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3 4	0,26, 44	0,05 50
17	2,81 7/8	1,01 31/32	0,01 80	0,07 25	0,31 75	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3 4	0,26, 44	0,05 50
18	2,81 7/8	1,01 15 16	0,01 80	0,07 25	0,31 75	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3 4	0,26, 44	0,05 50
21	2,81 7/8	1,01 31/32	0,01 78	0,07 25	0,31 25	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3 4	0,26, 44	0,05 50
22	2,81 7/8	1,02 00	0,01 80	0,07 25	0,31 25	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3 4	0,26, 44	0,05 50
23	2,81 15 16	1,02 1/16	0,01 78	0,07 25	0,31 25	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3 4	0,26, 44	0,05 50
24	2,81 7/8	1,02 1 32	0,01 78	0,07 25	0,31 25	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3 4	0,26, 44	0,05 50
25	2,81 15 16	1,02 3/32	0,01 78	0,07 25	0,31 12	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3 4	0,26, 44	0,05 50
28	2,81 15 16	1,01 3/32	0,01 78	0,07 25	0,31 45	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 43	0,05 50
29	2,81 7/8	1,02 1 4	0,01 78	0,07 25	0,31 25	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 5 8	0,26, 44	0,05 50
30	2,81 7/8	1,02 5/32	0,01 74	0,07 25	0,31 25	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 3/4	0,26, 44	0,05 50
Média	**2,81 57/64**	**1,01 59/64**	**0,01 79**	**0,07 25**	**0,31 56**	**0,0028 5/8**	**0,23 33 11/16**	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,0200 31 64**	**0,26 43**	**0,05 50**

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua da Consolação, 65 - 4.º andar - conj. 41

Fones: 32 8357 e 7 2295

R. PASTORE

"Mais café com menos cafeeiros"

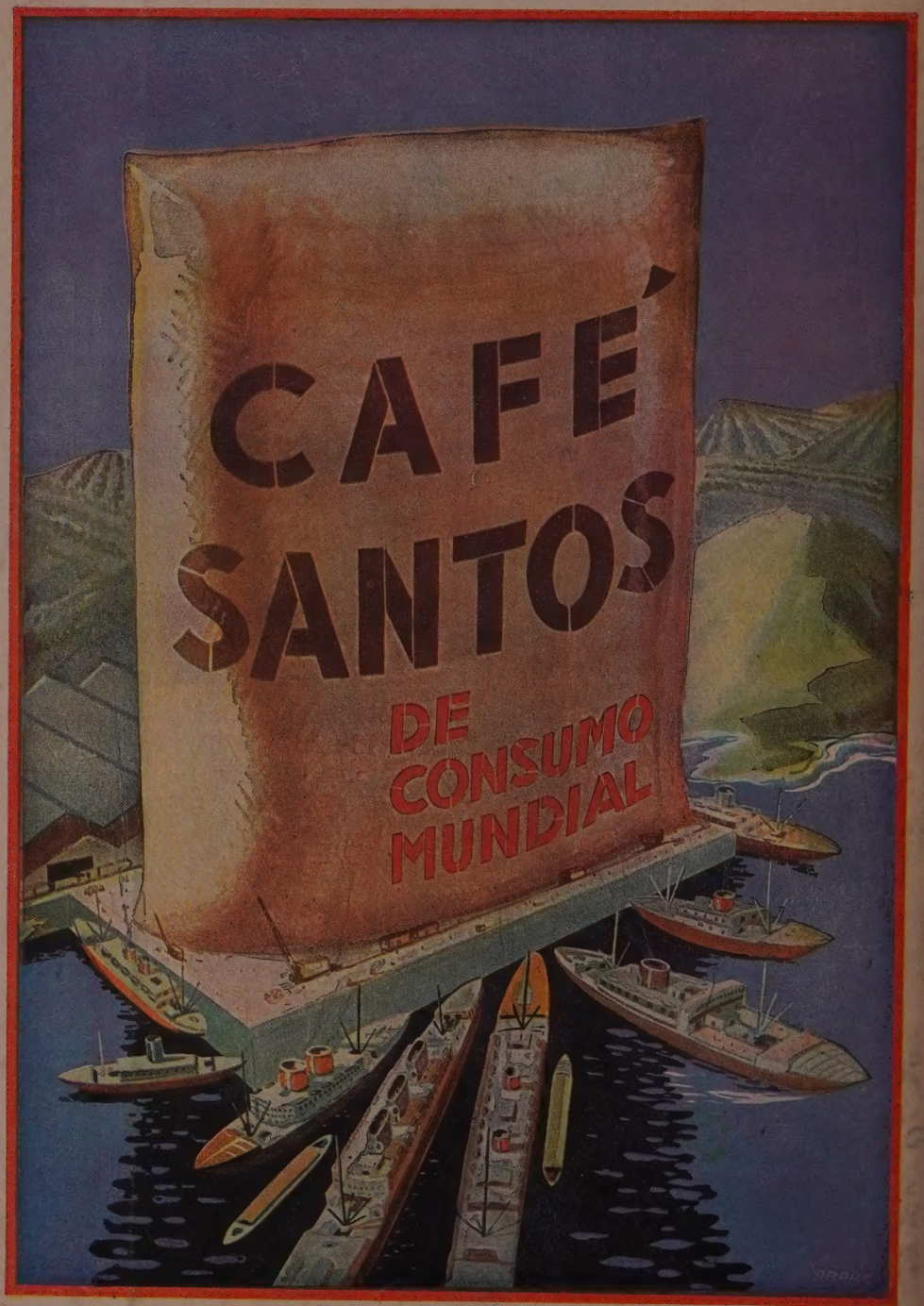
I

Êsse foi o título de um artigo publicado, há algum tempo, neste Boletim. E exprime uma profunda verdade, uma segura diretriz para a moderna cafeicultura brasileira.

Não se trata mais, como no passado, de possuir imensos cafèzais, com pequena produção por cafeeiro. Precisamos vencer na concorrência internacional, que se nos apresenta cada vez mais séria. E, dentre as condições a isso necessárias, duas ressaltam como as principais: produzir melhor e mais barato.

Sabemos que não é fácil produzir mais barato: isso exige financiamento adequado, adubos, armazenamento, transportes, facilidades de comercialização. Muitos dêsses itens não dependem do produtor. E, quanto à mão de obra, não lhe seria possível reduzí-la. Há, porém, um ponto sôbre o qual pode agir o lavrador: embora não seja também fácil, pois nada é fácil, pode êle concentrar suas atividades no sentido de produzir mais **por área, por pé de café.** Trata-se de substituir a produção **extensiva,** que foi a do passado, pela **intensiva,** que deve ser a do presente. Sabe-se hoje que o cafeeiro pode viver e prosperar em terras chamadas "velhas". E, mesmo, já nem mais existem, fàcilmente, terras "novas". Torna-se indispensável aproveitar as terras cansadas.

GRAFICA SAO JOSÉ — Rua Galvão Bueno, 230 — Telefone: 36-4812 — São Paulo


CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL